



www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - TVM e Guebuza

A TVM tem exibido peças provavelmente em prol da popularidade do Senhor Presidente da República Armando Guebuza. Isso tem-me irritado bastante. Será que a campanha para as eleições presidenciais de 2014 já iniciou? E só teria iniciado para a Frelimo? Ou Guebuza é a única figura política que o país tem? Será bajulação dos chefes da TVM ou receberam ordens superiores para exibirem tamanha "palhaçada"???

MURAL DO POVO - Polícia

Para ameaçar os Madjermanes, que recla-

mam os seus direitos, existem polícias, armas e carros. Para ameaçar os antigos combatentes, que reclamam os seus direitos, existem polícias, armas e carros. Para ameaçar os médicos e outros profissionais da Saúde, que reclama os seus direitos, existem polícias, armas e carros. Para combater o crime que anda solto na nossa praça, em que os criminosos, para além de roubar, estupram e engomam a ferro as suas vítimas, não se vê nenhum movimento por parte da Polícia. Para proteger o maravilhoso povo moçambicano (NA HORA DO VOTO) não há polícias, armas e carros.

MURAL DO POVO - Transporte Público de Passageiros

É um dado adquirido que na área de transporte já virou moda o não cumprimento do horário por parte dos autocarros. Para não falar da empresa TPM, vou protestar contra o mau funcionamento dos horários nos CFM. Como se justifica que um comboio de passageiros que sai de Maputo às 18 horas e chega a Goba à 1 hora da madrugada após uma longa paragem na estação da Machava com passageiros a bordo sem um aviso prévio sequer? Parem de humilhar o povo com o património que ele mesmo conquistou na luta pela independência!!!

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905

Noites de "terror" em São Dâmaso e Ndlavela



Sociedade PÁGINA 05



Papa apela aos jovens para se revoltarem e serem actores da mudança

Mundo PÁGINA 21

Meninas de Lichinga conquistam "Nacional" de futebol



Desporto PÁGINA 23



THIS IS REGGIE

@ClaytonEnavit

-No meu Bairro

#PatriceLumumba

as pessoas dormem

e vivem com Apitos com medo dos malfeitores. Como votar assim sem a tal #PAZ?... @verdademz



Alfredo Manjate

@AlMero05

Presidente do Par-

lamento infantil @

verdademz de-

nuncia violação dos direito da criança. @DemocraciaMZ



Wizzy McGold

@TheRealWizzy

Viva a cultura! RT @

verdademz: Banda

Massukos #Niassa

já tem novo disco #Moçambique <http://www.verdade.co.mz/cultura/38735>



{^Outro/|Nível^}

@Deynibe

@verdademz

:'3 100"é uma

expresao paga 100mt e leva 3bebidas,dizer q essa expsao servio cmu isca para um assassinato na "Motola Rio"



Aldo boss Xavier

@aldoxavier42

@verdademz o

policia vai inventar

que Nao recebeu

casaco e nao tem nem lanterna por isso Nao faz patrulha nas noites



Inocencio Albino

@ialbinoso

@verdademz cida-

dão reporta: Canal

CTV passa #filmes

eróticos em momentos inadequados. "#Atentado contra a #criança #moçambicana".



Virgílio Dêngua

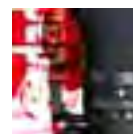
@VirgilioDengua

#futebol feminino:

jogo dos viveiros

Nampula está in-

terronpido, população invade o campo. Agrede o banco tecnico do servitrades @verdademz



miguel mangue-

ze @FotoMangue-

ze

fim da patrulha e da

reportagem do @verdademz no bairro são damaso. pic.twitter.com/nRahZDcdR Expandir



Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'@VERDADE no seu telemóvel.

Envie uma SMS para o nº 8440404

com o texto: **Siga verdademz**



Editorial

averdademz@gmail.com

Sacanice

Nós sabemos de ciência certa que toda a liberdade que a imprensa conquistou foi arrancada a ferro e fogo, com muitas lágrimas, sacrifícios sobre-humanos e sangue derramado. Será assim sempre que as lideranças pensarem que a liberdade é uma coisa que só pode residir na Pereira do Lago. Sabem-no os filhos de Carlos Cardoso que viram o pai morrer pelo poder da sua caneta. Sabem todos os que ousaram hastear a bandeira da liberdade e da livre expressão. Nada do que foi conquistado pelos moçambicanos foi gratuito ou uma dádiva da Frelimo de Guebuza. Moçambique só é livre porque o solo sagrado da pátria foi regado com muitas lágrimas, muito suor e muito sangue dos moçambicanos. Morreram homens, mulheres e crianças na luta de libertação nacional que os livros de história não homenageiam. Morreram inocentes na guerra dos 16 anos. Outros cidadãos foram presos por contestar a legitimidade do regime. Outros perderam empregos por causa das suas cores políticas. Moçambique também é feito dos que são miseravelmente exploradas com o fardamento da PRM, nas empresas de segurança privada, nos armazéns. Os que apodrecem injustamente nas prisões.

O país é a soma disso. Dos empregados do regime e dos que se opõem às suas amarras. O país é e deve ser feito de todos. Cada homem é um cidadão livre de escolher entre o caminho das privações ou uma bota para lambar. Cada um de nós é livre de honrar as calças que veste ou de ser sacudido por pesadelos constantes durante a vigília. A independência serve exactamente para seguirmos as nossas vocações e gritarmos para todo o mundo o que pensamos. Sem reservas e sem máscaras.

Exactamente por isso é que julgamos que as listas congeminações no esgoto da sacanice não carecem de secretismo. Nós aceitamos a vossa condição de polidores oficiais. O que não precisam de fazer, no conforto da cobardia, é atacar-nos pelas costas. Isso é inadmissível. Nós nunca jogamos sujo dessa forma. Os nossos ataques ao regime foram sempre frontais e escudados no mais alto interesse da pátria. Não fica bem, por isso, que nos apunhalem pelas costas.

Deixem que os órgãos de informação tracem as suas próprias agendas. Essa lista de analistas para denegrir o trabalho do Jornal @Verdade e Canal de Moçambique revela um regime em desespero e à beira da falência.

A posição do Eduardo Constantino, nos programas na Televisão Prostituída de Moçambique, vulgo TVM, nem parecem de um jornalista que deve pautar pela isenção e rigor. O seu desprezo pelo “cidadão repórter” é o mesmo que desandar o caminho que percorremos para alcançar a liberdade.

A grande vantagem da denúncia do Savana é que já não precisamos de pensar que um Gulamo Taju ataca cobardemente jornais livres por mera ignorância. É mesmo sacanice. E da pior espécie.



Boqueirão da Verdade

“As sanguessugas do poder correm e em seu tom monocrórdio vão dizer em “Grande Debate” que há gente que escreve sem respeitar o chefe de Estado, Senhor Presidente. As sanguessugas do poder já não têm o pendor de prestarem vassalagem nos tapetes vermelhos do Palácio, Senhor Presidente. Agora têm o tempo de antena garantido na TEVEÊME, exactamente para prestarem vassalagem a si, Senhor Presidente”, **Adelino Timóteo in Canal de Moçambique**

“O Senhor Presidente deve desmilitarizar da sua arrogância, cujo extremo, o seu cúmulo, foi colocar blindado à porta de um dirigente partidário, que é uma peça fundamental da nossa jovem democracia, infelizmente por si fragilizada, Senhor Presidente”, **Idem**

“Senhor Presidente não me desmilitarizo enquanto nesta pérola do Índico só os membros dos partidos de oposição são presos, só as bandeiras dos partidos de oposição são queimadas, só as sedes dos partidos políticos são vandalizadas, perante o seu silêncio cúmplice, Senhor Presidente. Senhor Presidente, se enquanto a sua causa não for justa, se enquanto não houver pureza nos seus actos, eu não me desmilitarizo, pois venha eu desmilitarizar-me ganhará o Senhor Presidente em retaliar-me com os seus homens armados da polícia e do exército, favorecidos pelas leis promulgadas por si e aprovadas pela maioria qualificada que conseguiu à custa da exclusão eleitoral, Senhor Presidente.”, **Ibidem**

“Mas a Renamo é muito burra mesmo. A Frelimo vai assinar esses acordos faltando pouco tempo para lhes obrigar a participar nas eleições e perderem por não se terem preparado. Eu já estou cansado de políticos sem política”, **Hélio Paulo**

“Alguém está bêbado com o cheiro da pólvora que lhe circunda. Nada justifica prejudicar os direitos alheios. Quem não quer eleger ou ser eleito fique em sua casa. Santhungira ainda não é autarquia!!!”, **Arão Nhamona**

“Não deve ser fácil não poder emitir um juízo de valores próprio, mas sim o que se lhe foi ordenado, ainda que com essa ordem se discorde”, **Yolanda Samuel**

“O equívoco desportivo acampou no vale do Infulene. Espero que em Windhoek a verdade seja restituída a bem da organização desportiva-estatal. Chamem-me antipatriota!”, **Matias de Jesus Júnior**

“Este livro do Abílio Soeiro é interessante APENAS e apenas pelas raras imagens que apresenta de Nelson Mandela. Tirando isso, é uma grande confusão. Se o livro é sobre ele, os seus amigos...e momentos...e ainda com duas páginas dedicadas à foto gigante do Presidente Guebuza e outras duas dedicadas às “meninas de Mswati” com trajes tradicionais... Porquê o tributo a Mandela?”, **Zenaida Machado**

“Ele (Daviz Simango) não teve um mandato 5 estrelas, mas trabalhou muito. Mexeu em tudo, mas infelizmente o Governo fez muitas barreiras para que ele não desenvolvesse o seu trabalho, recusando-se a alocar o orçamento por ele pedido, entre outras coisas. Desejo muita força e que um dia ele chegue à Ponta Vermelha”, **Osvaldo Francisco**

“Ouvi hoje, no programa “Café da Manhã” da RM, que o Presidente da República não se vai recandidatar para um possível terceiro mandato. O que me espanta é que se enaltece esse facto como se fosse um acto de boa vontade do Sr. Presidente, quando na verdade se sabe que é por força da “Lei-Mãe”. Eu queria saber se, querendo, o Presidente poderia recandidatar-se. Afinal, o nº 4 do Artigo 147 da Constituição não é claro, quando diz que o Presidente só pode ser reeleito uma vez? Essa questão nem sequer deveria ser colocada”, **Orlando Chirindze**

“Quem controla os gastos municipais? O Município de Maputo “pavimentou” 2 Km da Rua Marcelino dos Santos, gastando 191 milhões de Meticais (cerca de 6.4 milhões de dólares) na empreitada. O Município de Quelimane “pavimentou” 1.5 Km da Avenida Ahmed Sekou Touré, gastando 9 milhões de Meticais (cerca de 300 mil dólares), tendo sido usado o mesmo material (pavé), embora a extensão e os locais sejam diferentes (era suposto que a empreitada fosse mais cara em Quelimane, dada a localização da matéria-prima). O que justifica essa discrepância?”, **Idem**

“Só faltam 160 dias para o novo ano 2014. Na província de Gaza, os distritos de Massangena, Chicualacuala e Chigubo continuam na escuridão, ou seja, ainda não foram electrificados! Depois das eleições de 2009, Armando Guebuza, falando aquando das suas visitas presidenciais nesses distritos, disse: ‘Neste mandato, garanto-vos, a rede eléctrica de Cahora Bassa vai chegar antes de 2014’. Agora resta-nos saber de que vai falar quando usar da palavra nas próximas visitas”, **Mário Macuácu**

“Na penúltima sexta-feira passei o dia no Porto de Maputo. Queria inteirar-me do processo de desalfandegamento das cargas. No passado já passara pelos portos de Portugal e da Espanha. Curiosamente, aquilo que na Espanha leva 30 minutos e em Portugal duas horas, aqui leva um dia inteiro com o risco de ir para o dia seguinte – saí do porto às 23 horas e iniciei o processo às 8 horas na Mocargo”, **Eusébio Gwembe**

“Não compreendi a razão da existência de duas vias para camiões, uma com scanner cuja passagem custa 532,00Mt e outra livre deste aparelho também pagando-se o mesmo valor. Também não compreendi porque depois de a carga passar pelo scanner deve passar a ser vasculhada a mão. Lembrei-me de um empresário malawiano que disse preferir portos da RAS ou da Tanzania aos moçambicanos. A burocracia pesa e lesa o Estado”, **Idem**

OBITUÁRIO:

Jaimito Machatine
1949 – 2013
64 anos

Os restos mortais do conceituado guitarrista moçambicano, Jaime Felisberto Machatine – falecido na sexta-feira, 26 de Julho, vítima de doença – foram a enterrar no dia 30 no Cemitério de Lhangue, em Maputo.

De 64 anos de idade, Jaime Machatine, ou simplesmente Jaimito, nasceu na província de Inhambane, no distrito de Zandamela e tinha 15 irmãos.

Ao longo da sua brilhante e intensa carreira, Jaimito tocou com músicos célebres como Hortêncio Langa, Pedro Ben, Zeca Tcheco, entre muitos outros, tendo participado na gravação dos discos Amanhecer I e II.

Sobre o finado, o jornalista moçambicano, Galiza Matos – num texto publicado no blog <http://www.clube70.blogspot.com> – testemunha: “Sempre me disseram que o melhor guitarrista moçambicano de todos os tempos foi um tal de Daíco, posição aliás que é defendida por muitos aficionados da música moçambicana, entre os quais o nosso poeta-mor, José Craveirinha”.

“Não tenho como rebater tal opinião, simplesmente, porque não conheci Daíco. Nem sequer conheço algum registo sonoro a partir do qual possa ajuizar da sua eventual virtuosidade na guitarra. Sendo assim, Jaimito é, na minha modesta opinião, o melhor guitarrista moçambicano de todos os tempos”.

Artista versátil, Jaimito tocava também bateria, teclado e saxofone, mas foi como guitarrista que se evidenciou de tal sorte que as crónicas da época, os artistas e os seus admiradores são unânimes em afirmar que ainda não surgiu, entre nós, um guitarrista à sua altura.

Em 1977, Machatine saiu de Moçambique para Portugal, tendo vivido nos Países Baixos antes de fixar residência nos Estados Unidos da América de onde regressou em 1997, padecendo de esquizofrenia. Apesar do apoio familiar, Jaimito optou por viver livremente tendo escolhido o espaço em frente da Rádio Moçambique para exibir os seus pensamentos em instalações através de vários cartazes filosóficos.

Para Niosta Cossa, “Zimbabwe e Magika” são as composições musicais a partir das quais se pode falar de Machatine. A primeira demonstra a influência dos Jethro Tull, sobretudo na música “Living in the past”, do início dos anos 1970, que funde com a Marrabenta. A segunda é uma exaltação de um género musical do sul de Moçambique. É um instrumental, ainda assim, fabuloso.

Estas composições são – para este jovem que aprecia a música – “obras-primas, magnificamente, pensadas e concebidas testemunhando o que se perdeu com o destino errático e perturbado que veio a colher o seu autor, Jaimito Machatine. Ficam as músicas para falar pelo/sobre o homem”.

Paz à sua alma!

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

César de Carvalho

Um Xiconhoca, tal como dizia o saudoso Samora Machel, é de uma ambição sem precedentes. O presidente do município de Tete, César de Carvalho, é disso um exemplo acabado. Conta-se, nas conversas de esquina, que o Xiconhoca foi capaz de tentar usurpar um terreno de uma idosa onde, quando miúdo, jogou futebol com os filhos desta. Depois que a idosa fez questão de lhe avivar a memória, o bom do César de Carvalho ainda teve a coragem de meter o caso na Justiça. É preciso ter lata.

Violadores sexuais

Andam, por aí, Xiconhocas à solta. Violam mulheres indefesas em frente aos seus familiares. Um acto macabro, desumano e cobarde. É difícil crer que essa gente tenha ficado nove meses no ventre de uma mulher e que depois foi amamentada. Que teve o carinho que agora nega aos seus “semelhantes”. É preciso que a lei seja severa com esse tipo de Xiconhocas. Qualquer indivíduo que retira prazer da dor alheia, para além de ser Xiconhoca, está doente e precisa de tratamento. Estes Xiconhocas devem ser afastados do convívio das pessoas normais. O mais rápido possível.

Afonso Dhlakama

Dhlakama adora um bom tiro no seu próprio pé. É realmente importante pressionar a Frelimo para que a nossa liberdade seja, de facto, uma realidade e que o país pertença aos seus legítimos donos. Agora, falar em dividir o país e julgar que Sofala, Manica e Zambézia pertencem ao seu partido é, no mínimo, ridículo. O que garante ao Xiconhoca de Sathungira que o povo dessas províncias pretende criar um outro país dentro do país? Dhlakama tem de deixar de brincar com coisas sérias.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Electricidade de Moçambique

Não seria possível, no país, a constituição de um *ranking* de empresas que prestam maus serviços sem a presença no pódio da Electricidade de Moçambique (EDM). Trata-se de uma empresa pública que despreza profundamente os direitos do consumidor como, aliás, ficou demonstrado na segunda-feira. Alguns bairros da cidade de Maputo ficaram privados de corrente eléctrica horas sem fim e, como é normal, ninguém da EDM se dignou explicar o motivo da interrupção do fornecimento. É uma relação sem direitos para o consumidor. Aliás, o único direito do consumidor é pagar no final de cada mês a factura que recebe depois de 30 dias de cortes constantes, oscilações de corrente e perda de electrodomésticos. E nem adianta queixar-se desses prejuízos. As suas queixas, regra geral, caem em saco roto. O Conselho Nacional de Electricidade (CENELEC) é esse saco roto. Uma instituição criada para defender os interesses do consumidor. Porém, servia até à náusea dos desmandos da EDM. E a Xiconhoquice nem sequer tem dias contados, uma vez que a EDM não sabe o que é concorrência e, por causa disso, presta maus serviços para sabotar os consumidores e deixar claro que somos literalmente dependentes da incompetência de quem vive do nosso dinheiro. Portanto, dessa relação pornográfica no manto da Xiconhoquice os direitos dos consumidores continuam a ser estuprados todo o santo dia.

MINED

Mais uma Xiconhoquice no sector da Educação no país. Uma empresa de construção suspendeu, a meio, a edificação de uma escola no distrito de Bárue por falta de pagamento. Segundo o representante da empresa Construções CCM Limitada, o Ministério da Educação ainda não desembolsou nenhum tostão para o empreendimento e o valor com o qual iniciou a obra é do próprio construtor. Por isso, está tudo paralisado, 11 meses depois do arranque da mesma infra-estrutura que devia ter sido concluída em oito 8 meses. O director distrital dos Serviços da Educação, Juventude e Tecnologia de Bárue, António Tomé, confirmou o caso ao @Verdade e justificou-se afirmando que houve problemas na transferência do dinheiro para a conta bancária do empreiteiro. Desculpa, no mínimo, estapafúrdia e que revela o nosso descaso total em relação ao futuro das nossas crianças. Se antes o lema era “Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder”, agora está mais do que claro que a ideia é embrutecer o povo para os donos do país permanecerem agarrados ao poder. Só isso explica que se dê muito mais importância às visitas irresponsáveis da Primeira-Dama do que ao sector da Saúde. Entretanto, o episódio faz com que se suspeite de que algumas obras que têm sido abandonadas a meio da construção são por culpa do Governo, em parte. Na verdade, nem devia ser uma sus-

peita, mas a certeza de que, salvo a desonestidade de uns poucos construtores, as coisas acontecem nestes moldes.

Analistas do regime

O Savana publicou uma lista de “analistas” dóceis aos olhos do regime. Lista essa que foi enviada pelo partido no poder aos órgãos públicos que vivem de lambar as partes íntimas da Frelimo. Uma lista que encerra, de todos os modos, o debate sobre a impopularidade do regime de Guebuza. Aquela lista constitui prova irrefutável de que o regime claudicou com o seu próprio vômito e agora precisa de oxigénio como nunca. A ideia torpe e vil, segundo a qual é preciso combater jornais, é um atestado de incompetência que o regime exhibe sem o saber. Significa que perdeu a luta contra a pobreza e que, agora, urge combater os órgãos que revelam os ossos de um país que pretende vergonhosamente dizer que cresceu. O que prova também, sem grandes dificuldades, que o Executivo teme os cidadãos que dirige. Importa, portanto, questionar a raiz dessa selecção de analistas. O que leva um Governo eleito pela maioria a agir de tal forma? Qual é a necessidade de ter “analistas” dóceis, sobretudo quando a retórica governativa fala de grandes realizações? Afinal, a legitimidade da Frelimo não assenta na força dos seus feitos e de um povo que prospera como nunca?

São Dâmaso e Ndlavela onde o terror predomina

Thomas Hobbes, filósofo inglês do século XVIII, disse que “Lupus est homo homini non homo”, ou seja, “o homem é o lobo do homem”. Esta sentença encaixa-se perfeitamente, pela negativa, no dia-a-dia dos moradores dos bairros de São Dâmaso e Ndlavela, no município da Matola, onde, à noite, um grupo composto por 23 indivíduos desconhecidos, que se faz transportar num minibus de marca Toyota Hiace, assalta residências, viola sexualmente, tortura, entre outro tipo de atrocidades, por vezes, na presença de crianças.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguenze

Há mais de um mês, medo das noites, desconfiança relativamente a quaisquer movimentos ou ruído, insegurança, incerteza do amanhã e nervos à flor da pele é o ambiente vivido pelos moradores dos bairros São Dâmaso e Ndlavela.

Os homens que protagonizam desmandos, na sua maioria munidos de armas brancas, com as quais aterrorizam e agridem fisicamente as suas vítimas, apoderam-se de bens tais como dinheiro, electrodomésticos e jóias.

Desde que essas acções anímalescas e semelhantes às que são vistas em filmes de terror de Hollywood iniciaram, duas pessoas foram detidas em consequência de uma rusga populacional.

Por conseguinte, os residentes daqueles bairros, por acharem que o crime de que são vítimas é combatível, bastando para tal haver vontade por parte de quem tem a obrigação de impor a observância da Lei e Ordem, descreditaram no trabalho da Polícia de Protecção e decidiram organizar-se e patrulhar, com meios próprios, as suas zonas com vista a colocar a mão nos malfeitores.

Entretanto, no bairro de Ndlavela, há mais de duas semanas que na busca nocturna da população pelos supostos responsáveis pela sua aflicção têm resultado actos de “depredação”, pois o esquema montado para o patrulhamento só contribui para aumentar a insegurança no bairro.

No São Dâmaso acontece algo diferente, mas a população suspeita que os supostos criminosos sejam pessoas da zona e haja convivência da corporação nos malefícios de que são vítimas.

Neste momento, o sossego dos bairros a que nos referimos está condicionado por homens supostamente desconhecidos, que, para além de se aproveitarem dos mais fracos, popularizam a ideia de que o trabalho da corporação é ineficiente para assegurar que se viva num clima de paz e tranquilidade. Segundo os residentes, desde que se lançou o grito de socorro, a Polícia só patrulhou o local uma única vez.

E na tentativa de evitar que mais compatriotas ou vizinhos sejam “engomados” tal como já aconteceu com algumas pessoas há dias no Ndlavela e São Dâmaso, nesta última parcela do município da Matola alguns residentes vigiam os seus quarteirões enquanto os outros permanecem acordados.

Nunca se sabe quem será a próxima vítima, sobretudo porque em algumas casas os assaltantes deixam bilhetes dando a indicação de que a qualquer momento podem voltar para causar danos.



No São Dâmaso quase que não se dorme

Na sexta-feira passada, 26 de Julho, o @Verdade juntou-se aos habitantes de São Dâmaso para perceber como é que os habitantes se organizavam para “policar” um bairro como aquele. A nossa ida ao local exigia que na tarde do mesmo dia fôssemos ao encontro dos moradores para sermos reconhecidos a fim de não sermos confundidos com os supostos assaltantes, tal como nos aconteceu no Ndlavela.

O policiamento inicia à meia-noite, mas, por volta das 23h:00, altura em que chegámos à zona, concretamente na famosa rua um, encontrámos quatro agentes da Polícia de Protecção a patrulharem a entrada entre os bairros Patrice Lumumba e São Dâmaso. Uma hora depois, os polícias desapareceram e a insatisfação dos moradores agudizou-se, uma vez que eles acreditam que os meliantes actuam com frequência de madrugada. É nessa hora que a corporação devia intensificar o seu trabalho. Aliás, especula-se igualmente que alguns membros da corporação colaboram com os assaltantes.

Por volta das 23h:30, centenas de voluntários, sem distinção de sexo, concentram-se na rua sete munidos de apitos, paus, martelos e outros objectos contundentes e delineiam as estratégias da patrulha. Nessa reunião, criam-se grupos e são indicadas as respectivas áreas de actuação durante a madrugada. Apesar de que o frio impera durante o amanhecer, a coesão dessas pessoas movidas pela necessidade de proteger ao máximo os seus parentes e domicílios contraria o argumento da Polícia, segundo o qual nas cidades de Maputo e Matola há mais roubos no período nocturno devido ao frio, pois os moradores tendem a dormir cedo e não se apercebem das incursões dos meliantes. Em São Dâmaso rondam-se repetidamente as ruas consideradas principais focos de criminalidade. É difícil caminhar tantos metros sem encontrar um grupo de “vigias”.

Homens e mulheres perderam o medo das armas de fogo que alguns ladrões portam durante as suas irrupções malévolas e expõem-se ao perigo confiando apenas em paus, martelos e outros instrumentos. Segundo eles, desde que esse trabalho começou ainda não houve relatos de novos assaltos. De madrugada, qualquer pessoa não conhecida na zona é considerada de conduta duvidosa, por isso, é interpelada e revistada, incluindo os automobilistas.

Na rua sete, por exemplo, um condutor de uma carinha de caixa aberta foi inspeccionado e só seguiu viagem quando os homens do policiamento entenderam que não havia nenhuma anomalia. Minutos depois, outros indivíduos que regressavam do trabalho foram igualmente revistados. Assim têm sido os dias no bairro de São Dâmaso. Na rua principal, que dá acesso ao bairro três carros suspeitos foram imobilizados e liberados quando se certificou de que não traziam nenhuns objectos estranhos. Às 02h:00 da madrugada, foi a vez do quarteirão 21. Houve idas e voltas em grande parte de becos maioritariamente sem iluminação

pública que, por conseguinte, são também considerados focos de criminalidade.

No quarteirão 22, a rotina foi a mesma: circular de beco em beco munido de instrumentos contundentes em mão e pronto para agir em caso de uma eventual tentativa de assalto a alguma residência ou agressão de pessoas na via pública. Nessas caminhadas, as pessoas conversam sobre vários assuntos, porém, com as atenções nos movimentos e ruídos suspeitos, inclusive de viaturas. Aliás, outras duas viaturas foram interpeladas no quarteirão 22, mas nenhum malfeitor caiu nas mãos da população.

Às 03h:00, termina a ronda pelos diversos quarteirões do bairro de São Dâmaso. Contudo, a retirada dos grupos de patrulha dos seus locais de acção é paulatina, ou seja, sai-se um a um e as primeiras pessoas são aquelas que têm de acordar cedo para irem trabalhar. Enquanto isso, até às 03h:30 da madrugada os moradores mantêm-se acordados e prontos para tocar o apito ou gritar por socorro como forma de alertar os vizinhos sobre o perigo.

Dois suspeitos detidos

Segundo os próprios moradores, desde que o policiamento começou já foram detidos dois indivíduos indiciados de fazer parte do grupo que está a semear terror no bairro. Neste momento, estão a contas com a Polícia. Para além dessa prisão, a população que patrulha a zona abortou dois assaltos com recurso ao apito.

Polícia promete mas não cumpre

Há dias, o comandante provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM) visitou o bairro de São Dâmaso e prometeu reforçar o efectivo. Entretanto, os residentes notaram a presença de viaturas, de militares, da Polícia de Protecção e da Força de Intervenção Rápida (FIR) num único dia. Desde essa altura, nunca mais os agentes da Lei e Ordem foram vistos na zona. Revoltados, os habitantes decidiram vigiar o bairro por conta própria.

continua Pag. 05 →

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

📞 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.



A madrugada é um perigo em Ndlavela

Neste bairro, centenas de indivíduos também têm-se reunido para patrulhar alguns quarteirões. Todavia, o que se supunha que fosse um trabalho de equipa e combate à criminalidade transformou-se numa bandalheira e num autêntico perigo para os próprios residentes. É que da forma como as rondas nocturnas estão organizadas, uma pessoa inocente e indefesa torna-se propensa a ser agredida ou mesmo morta por ser confundida com um malfeitor. Apurámos que há dias um casal foi gravemente ferido em consequência dessa “confusão”. Na madrugada desta segunda-feira, 29 de Julho, o @Verdade esteve igualmente naquele bairro a fim de acompanhar as rondas efectuadas pelos moradores à noite. Constatámos que devido aos anteriores crimes associados à ineficácia da Polícia, alguns indivíduos da zona parecem não confiar em mais ninguém nem em nada, por isso, durante as patrulhas sitiam e amedrontam qualquer pessoa que encontrarem na via pública de madrugada.

Está instalado um clima idêntico aos cenários de “recolher obrigatório”, pois as mesmas pessoas responsáveis pelo policiamento afirmam que por essas alturas é proibido circular. No mesmo período, andar por alguns quarteirões do bairro de Ndlavela pode ser fatal, uma vez que os homens enveredam pela agressão caso não reconheçam o cidadão que interpelam. Antes de chegarmos ao local (chamado círculo), onde supostamente são feitas as reuniões de distribuição de grupos de patrulha, em cada beco pelo qual passávamos encontrávamos indivíduos embriagados, munidos de paus, garrafas, ferros e outros objectos contundentes. Apesar de que estávamos devidamente identificados, os supostos residentes interpelaram-nos com o objectivo de fazer justiça com as próprias mãos. Apurámos que tem sido assim desde que a pa-

trulha nocturna iniciou. Por vezes, alguns moradores não dão tempo a ninguém para se explicar nem dizer de onde vem e para onde vai em caso de ser suspeito.

Num outro momento, quando chegámos ao Posto Policial de Ndlavela (ainda no círculo) vimos, de longe, enquanto confabulávamos com a corporação, alguns automobilistas a circularem intranquilamente e sem a incerteza de chegarem aos seus destinos. É que, ao invés de abrandarem a marcha na altura em que eram instados para o efeito, os condutores preferiam acelerar, pois temiam ser agredidos ou verem os seus carros vandalizados. Por volta das 02h:00 da madrugada tentámos sair do “círculo” para um lugar provavelmente seguro. Contudo, essa intenção expunha-nos ao risco de sermos agredidos e perder o material de trabalho por causa das complicações que se intensificaram: o grupo de patrulha insistia na ideia de que éramos bandidos, por isso, não devíamos ir a lugar nenhum. A Polícia daquele posto deu-nos uma “guia de marcha” que supostamente nos dava livre-trânsito com vista a participarmos na rusga nocturna com os residentes mas fomos barrados. O que podia ser uma viagem de trabalho tornou-se um “inferno” devido à dificuldade de nos “livrarmos” dos homens.

De repente, apareceu uma viatura da Polícia de Protecção que nos resgatou e escoltou o nosso Txopela até Zona Verde. Finalmente era a nossa salvação, porém, o fracasso de uma reportagem nos moldes em que havíamos “desenhado”.

Corporação sem meios para refrear a desordem

A Polícia disse-nos que está preocupada com a actuação dos moradores do bairro de Ndlavela, principal-

mente dos jovens, uma vez que já fizeram vítimas: espancaram, de forma macabra, duas pessoas, das quais um agente do Posto Policial de Ndlavela e um cidadão inocente que tentava defender-se dos delinquentes. Este último foi ferido a catana na cabeça e, à semelhança do agente da PRM, encontram-se internados e sob cuidados intensivos no Hospital Central de Maputo (HCM). A corporação está ainda preocupada com a tendência de vandalismo que a patrulha dos moradores do bairro de Ndlavela está a tomar desde que começou, porque, para além de garantir a segurança e a livre circulação pessoas e bens, está a causar dor em algumas famílias e instabilidade no seio dos outros habitantes. “Estamos cansados desses homens (referiam-se aos assaltantes de residências) que humilham as nossas famílias. Queremos fazer justiça com as nossas próprias mãos porque a Polícia nada faz para evitar que a onda de criminalidade aumente a cada dia que passa”, desabafaram as “patrulhas”. Segundo os agentes da Polícia de Protecção que estavam de serviço na noite desta segunda-feira, o número reduzido de efectivos no Posto Policial de Ndlavela é que impede o refreamento das acções dos que vigiam a zona a que nos referimos. Acredita-se que haja indivíduos que possam fazer parte da rede de assaltantes que os próprios habitantes procuram.

A corporação, para além de criticar o trabalho feito naquele bairro por causa da falta de organização, diz que os indivíduos escolhidos para as rusgas estão a actuar de forma desnordeada que pode piorar a insegurança dos cidadãos. Aliás, a título de exemplo, quando chega a madrugada quase que ninguém se movimenta de um lugar para o outro naquele bairro. As barracas e outras actividades informais cumprem com rigor o horário de encerramento que outrora ia para além das 21h:00. Caso o grupo continue a agir de forma arruaceira e a protagonizar desmandos, as rondas serão interditadas, de acordo com a Polícia, que defende que patrulhamento não significa impedir a circulação de pessoas e bens na via pública.



Terror também em Nampula

A onda de criminalidade é igualmente uma realidade na cidade de Nampula. Pelo menos em Mukurua, uma zona do bairro de Napipine, a população queixa-se de assaltos protagonizados por indivíduos de má-fé. Por isso, criou-se um grupo constituído por jovens que, de há tempos para cá, tem assegurado a tranquilidade através de patrulhas. A partir das 20h:00 entra em vigor um recolher obrigatório, excepto para trabalhadores e estudantes nocturnos. Todavia, estes devem apresentar os seus “horários” aos homens da vigilância sob pena de serem confundidos com os malfeitores.

Enquanto isso, os bairros Mutotope, Muatala e Mutawanha são apontados como as zonas da urbe onde o crime, sobretudo à noite, é frequente, embora a PRM “sonegue” os dados estatísticos dando conta de que há um abrandamento de casos. Miguel Bartolomeu, chefe do Departamento de Relações Públicas no Comando Provincial da PRM em Nampula, considera que um dos grandes problemas com que a corporação se debate é a ausência da cultura de denúncia por parte de populares sobre a existência de quadrilhas nos seus bairros com vista a serem desmanteladas.

Albergue “invadido” por endinheirados

O poeta Guita Jr. enviou-me recentemente uma mensagem de sabedoria e não citou o seu autor, o que me leva a associar aquela iluminação ao próprio poeta, quando libertei o meu escravo, fui com ele. Mas eu quero usar esta expressão sublime, de uma outra forma, quando morreram os anciãos acolhidos num albergue instalado nos arredores da cidade de Inhambane, o albergue morreu com eles. Já não existe. Ficaram as casas como prova disso, outras foram destruídas e, no seu lugar, construídas habitações modernas.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

Este texto não pretende, de forma nenhuma, condenar seja o que for, ou julgar o que aconteceu com o albergue. A intenção é apenas contar uma história. Este lugar, composto por quarenta e duas casas, está instalado no bairro de Gihengeni, arredores da cidade de Inhambane. Foi sempre conhecido como “Casas Redondas”, pela configuração circular das habitações. E a sua vocação era albergar anciãos com dificuldades de subsistência e estava sob a alçada da Diocese de Inhambane.

Aos homens e mulheres da terceira idade ali acolhidos era-lhes proporcionado, para além de alojamento, uma alimentação diária condigna, em consideração aos direitos humanos dos cidadãos. Mas como o tempo não perdoa, quando chegou a independência, os “velhotes” foram desaparecendo um a um, ou demandando outros destinos à busca de sobrevivência, ou morrendo de morte natural devido à idade. Partiram os homens e ficaram as casas. Foram-se os cidadãos para os quais tinham sido erguidas aquelas casas feitas de blocos de cimento e cobertas de colmo e ficou a história. Que teima em não morrer. Ainda se chama o local de “Casas Redondas”. E poucos o vão anunciar como “Albergue”, por desconhecimento.

A nossa Reportagem esteve no local há cerca de duas semanas. Procurou infrutiferamente por algum sobrevivente desse tempo para contar a história de viva voz. No seu traço original nenhuma das habitações tinha muro de vedação.

Esta obra de arte, outrora, era o refeitório onde os anciãos passavam as suas refeições. Aqui funcionava uma espécie de alambique de amizades. É aqui onde se destilavam as confidências. Os desabafos. Os anseios de pessoas que, mesmo estando nos arredores do fim, acreditavam na invenção de um novo fim. Alguns desses homens e mulheres da terceira idade ensaiaram aqui namoriscos como se fossem pombos borrachos. Aqui desenhavam-se sorrisos nas bocas desdentadas, que não podiam mastigar a carne quando nesse dia a refeição fosse com base naquele grande fornecedor de proteínas para o corpo humano. É aqui onde acontecia tudo isso. Mas os tempos são outros. O mundo está a reinventar-se. Como foi reinventada esta obra de arte. Dentro de poucos dias, conforme nos disseram, vai ser inaugurado um restaurante. Não para dar de comer e beber aos “velhos”, mas para novos comensais. É a vida!



Era uma aldeia comunal especial, feita debaixo da “Mão de Deus”. Os habitantes desse tempo conviviam de forma salutar. Passavam as refeições no mesmo refeitório. As portas e as janelas não tinham grades. Porque também, lá dentro, não havia nada para roubar. Todos os que ali viviam conheciam-se pelos nomes. Não precisavam de se visitar porque se encontravam todos os dias, três vezes ao dia, no mesmo refeitório para o restauro.

Hoje é diferente. As casas, com o desaparecimento dos seus utentes originais, foram nacionalizadas pela Administração do Parque Imobiliário do Estado (APIE) e posteriormente vendidas aos novos inquilinos.

Estes remodelaram tudo. Reinventaram o bairro. A primeira coisa que nos salta à vista são as cercas. Todas as casas, ou quase todas, estão cercadas por um quintal, maioritariamente construído com base em folhas de palmeira.



A privacidade é total. Os viventes do actual albergue estão distantes uns dos outros. Cada um tem os seus planos. Cada um pensa em si. Apenas em si. A privacidade, hoje por hoje, é o lema em quase todo o lado.

Os que vivem no “Albergue”, neste momento, todos eles, têm renda. Há funcionários públicos a habitarem as casas. Outros são homens de negócio.

E não têm nada a ver com outros tempos. Mas é assim mesmo, conforme nos disse Zainabo Abubacar, secretária-adjunta de quarteirão. “Os tempos que vivemos são outros. Cada um, quando acorda, pensa em como ir buscar pão para a família. E, sendo assim, dificilmente sobre tempo para conversa”.

É normal os vizinhos não se conhecerem pelos nomes, mesmo aqui neste lugar muito pequeno. Para Zanaibo, isso não espanta a ninguém. “Estamos num tempo de egoísmo, onde quem conta somos nós. Mas não acontece só aqui. Em todo o lado perdemos a confraternização saudável que havia naqueles tempos em que nos tratávamos como irmãos.

No berço do “Albergue” estende-se uma grande cintura verde. Homens e mulheres trabalham a terra até à exaustão desde os primórdios. Vão-se rendendo de geração em geração. E a terra é a mesma. Os anciãos nunca a amanharam. Não era essa a sua vocação. Quem a usava eram habitantes vindos de outros lugares, que iam para ali plantar a alface, a couve, o tomate e outras culturas. Para alimentar as bocas que sempre querem mais. A cintura verde mantém o seu ritmo antigo, dando esperança aos que acreditam. Aos que têm fé. De que amanhã o dia será melhor.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 02 de Junho	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas locais na província de Inhambane. Neblinas matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado com período de muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ou chuviscos dispersos. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado com períodos de chuvas fracas locais no extremo norte de Cabo Delgado e nas terras altas de Niassa. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Sábado 03 de Junho	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas ao longo da costa de Inhambane. Neblinas matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado com possibilidade de chuvas fracas locais. Neblinas matinais locais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência chuvas fracas ao longo da faixa costeira. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado
Domingo 04 de Junho	
Zona SUL	
	Tempo fresco a ameno com o céu geralmente pouco nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas locais principalmente na faixa costeira. Neblinas matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona NORTE	
	Céu geralmente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	



Albino repelido pela família

Em alguns países os albinos são “caçados” como bichos, sofrem amputações de braços ou pernas para fins supersticiosos, sobretudo porque se acredita que o sangue deles ou o cabelo ajuda a acumular riqueza. Na pior das hipóteses, eles são mortos supostamente porque a sua presença numa família é presságio de grande azar. A sociedade continua a repelir violentamente as pessoas nessa condição de natureza genética.

Texto: Nelson Miguel



Na província de Nampula, o @Verdade encontrou Espírito Costa Amisse, de 18 anos de idade, na rua, onde vive há anos por ter sido rejeitado pelos pais porque é albino. Ele é um jovem igual a tantos outros, porém, devido à ausência completa de pigmento na pele, várias pessoas o olham com desdém e acreditam que não morre, mas sim, desaparece.

Espírito sente-se um homem que não pertence a nenhuma raça e que é desprezado pelos outros indivíduos, desde que a mãe o renegou por causa do albinismo quando tinha apenas um ano de vida. “Estou sozinho e pensava que mais ninguém é como eu por ter sido rejeitado pela minha mãe”. Nessa altura, o nosso interlocutor vivia no distrito de Moma (Nampula), tendo mais tarde passado a residir no distrito de Alto Molocué, na província da Zambézia, até aos 10 anos de idade, com o pai.

Quando atingiu essa idade, o jovem, que frequentava a 3ª classe, disse aos avós que gostaria de conhecer a progenitora e pretendia morar com ela, em Moma. O seu pedido foi aceite. Contudo, chegado ao local, Espírito não pôde continuar a frequentar a escola e a sua vida mudou drasticamente porque os parentes da sua mãe o rejeitaram alegando que não podiam conviver com um albino dentro de casa. Aliás, para a família materna de Espírito quem convive com um indivíduo com falta de pigmentação na pele traz ao mundo um ser humano igual.

“Quando cheguei ao distrito de Moma, a minha mãe foi avisada de que não receberia nenhuma visita de familiares devido à minha presença”, disse o jovem que nos assegurou que durante os cinco meses em que viveu com a mãe não houve visitas, para além de que as crianças eram proibidas de brincar com um albino.

Contrariamente ao que acontece na Tanzânia, onde existem 170 mil albinos, Moçambique ainda não tem um levantamento estatístico sobre a incidência do albinismo na população e o preconceito prevalece. Há relatos de pais que vendem os seus filhos albinos. Entretanto, refere-se que em África a vida tem sido difícil para esse grupo de pessoas, principalmente na Tanzânia, onde as pessoas com falta de pigmentação na pele são em número 15 vezes maior que a média mundial.

Cientificamente, ainda não se sabe por que razão aquele país possui índices tão elevados de albinos. Todavia, acredita-se que a Tanzânia e a África Oriental podem ser o berço da mutação genética responsável pelo albinismo. Refira-se que ainda naquele país já houve uma demanda assustadora por albinos porque se acreditava que a ingestão dos seus órgãos genitais secos elimina a SIDA. Por isso, esses cidadãos eram mortos e esquartejados supostamente para servirem de remédio.

Lucas Mania, líder comunitário no bairro de Muatala, explicou

que os albinos são pessoas diferentes de outras raças. Desde que reside em Nampula tem ouvido dizer que as pessoas com problema de pigmentação na pele nunca morrem, mas simplesmente desaparecem.

O líder crê que quando uma mulher dá à luz uma criança albina deve, ao sair da maternidade e antes de chegar à casa, ser submetido a um ritual tradicional para que não volte a ter filhos com a mesma “anomalia”. Antigamente, as mulheres que nasciam albinos eram mortas porque os seus filhos eram considerados obra de espíritos maus.

Os albinos são seres normais

Joselina Calavete, médica generalista no Hospital Central de Nampula (HCN), disse que a falta de pigmentação na pele é um problema genético sem “correção” em Moçambique, mas não tem nada a ver com as interpretações que a sociedade tem feito.

Segundo a médica, o entendimento que as pessoas têm sobre os albinos traz constrangimentos sérios para aquele grupo social, uma vez que se sente discriminado e excluído. O recomendável é que um albino use sempre roupas que o protejam completamente do sol e aplique produtos com o mesmo efeito na pele o tempo todo, resguardando os olhos da radiação solar.

Refira-se que a agremiação que defende as causas e interesses dos albinos em Moçambique queixa-se do facto de nas províncias este grupo de pessoas continuar a aguardar meses a fio para ser observado por um médico especialista. Entretanto, na cidade de Maputo, o tempo de espera reduziu de dois a três meses para um dia a uma semana.

O desamparo

Quando se apercebeu de que era, cada vez mais, vítima de discriminação, preconceito, desprezo e afastado do convívio familiar, Espírito tentou recorrer ao comércio para sobreviver mas não teve sucesso. De Moma partiu para a cidade de Nampula à procura do irmão do pai mas, quando chegou ao destino, o tio já tinha passado a viver no distrito de Malema. Sem alternativa, o jovem sentiu-se desamparado e passou a viver na rua, enquanto procurava pela irmã que também reside naquela urbe. Ele levou um ano para localizar a casa da irmã no bairro de Muhala.

Outra vez rejeitado

A estadia de Espírito em Muhala durou somente dois dias. O cunhado convidou-o a abandonar o domicílio alegadamente por falta de espaço para acomodação. A opção foi viver na rua novamente.

Em 2007, o Infantário Provincial de Nampula acolheu o jovem e matriculou-o na 2ª classe, mas a sua permanência naquelas instalações durou seis meses. Antes de terminar o ano lectivo, o nosso interlocutor foi levado de volta para a casa da mãe, no distrito de Moma, sem o seu consentimento. A convivência não foi das melhores, tendo Espírito deixado a residência para passar a habitar na rua mais uma vez.

Espírito, deixado à sua sorte pelos parentes, disse que deseja voltar a estudar com vista a superar as dificuldades que enfrenta, algumas por causa do desleixo da sua família. Entretanto, ele está ciente de que na rua terá de batalhar bastante para conseguir concretizar os seus sonhos. O nosso entrevistado sobrevive da lavagem de carros na via pública, uma actividade que lhe rende entre 20 e 100 meticais por dia.

Detido por duas vezes

O jovem a que nos referimos já esteve preso por duas vezes na cidade Nampula. Na primeira ocasião foi indiciado de roubo de um telemóvel numa das viagens que estavam sob sua vigilância, e na segunda Espírito foi igualmente acusado de roubo de telemóvel e dinheiro num lugar por ele escolhido para passar a noite.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Fico todo o tempo a movimentar, mas sem ejacular.

Olá meus queridos leitores. Na nossa terra, e principalmente na nossa cidade, tudo vira moda. E, porque muitos de nós não querem ficar para trás, acabam por cair no erro de seguir a moda. A mais recente foi a de 3/100. Como a de 3/100, há muitas outras modas. Os nossos comportamentos sociais são muito guiados pela forma como as pessoas à nossa volta se comportam. Só gostaria de alertar para o facto de que, quando se trata da nossa saúde, é preciso sermos mais individualistas, pensarmos sempre no que é bom e melhor para a nossa saúde, antes de tentarmos seguir o que os outros fazem. Falo principalmente em relação às infecções de transmissão sexual, às drogas que muitas vezes colocam a nossa vida em risco. Então, vamos lá cuidar de nós em primeiro lugar, malta. E, se tiverem dúvidas sobre a vossa vida sexual e saúde reprodutiva,

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdade.mz@gmail.com**

Olá Tina. Eu sei que está tudo bem. Eu é que não estou. Tenho um problema meio complicado. Tenho 25 anos e o meu problema é o seguinte: no acto da relação, fico todo o tempo a movimentar mas sem ejacular. Ajude-me. Sou Raquelinha

Minha querida, primeiro quero dizer-te que pode ser que não seja um problema, mas apenas uma questão de te conheceres melhor. Pela minha experiência e por aquilo que oiço de outras mulheres, a falta de desejo e prazer sexual é muito comum entre as mulheres e principalmente a ausência do orgasmo. Em muitos casos, isso passa por te conheceres melhor. Quando tu conheces o teu corpo, tu sabes o que gostas e o que não gostas, sabes onde gostas que te toquem, o que te faz ficar excitada. Quando tu estás excitada, tu tens mais facilidade de chegar a um orgasmo. Entretanto, muitas mulheres têm bloqueios mentais que impedem que elas sintam prazer durante o acto sexual. Por exemplo, tu alguma vez já conversaste com o teu parceiro sobre isso, ou tens medo de falar com ele porque é homem e se pode chatear? Isso é um bloqueio mental. O corpo é teu, e tu deves conhecê-lo. Uma das formas de fazer isso é através da masturbação. Eu sei que muitas religiões e culturas proibem, mas é realmente uma forma de tu saberes se consegues chegar a esse orgasmo. Se conseguires ter prazer sozinha, podes melhor explicar ou ajudar o teu parceiro a dar-te prazer. Experimenta conhecer-te melhor, saber o que gostas, o que é saudável e o que não é saudável fazer durante o acto sexual. Isso pode ajudar-te.

Gostaria de saber detalhadamente como o vírus do VIH passa para o parceiro, e em que momento isso ocorre nas relações sexuais desprotegidas em ambos os parceiros.

Olá caro leitor, ou leitora. A tua pergunta é difícil de responder, mas eu posso tentar. A resposta se calhar não vai ser tão directa, mas pode ajudar. O vírus do VIH é uma doença provocada e de forma progressiva vai destruindo os nossos glóbulos brancos, que são os principais defensores do nosso sistema imunológico (da saúde do nosso corpo). E onde vive este vírus? O vírus pode ser encontrado no esperma, nas secreções vaginais, no leite materno e no sangue. Deste modo, quando uma pessoa é seropositiva e a outra pessoa não é, se fazem sexo sem preservativo, ou se o seu sangue entra em contacto, há todo o risco de haver contágio, ou melhor, há toda a probabilidade de haver contágio. Então, não se pode dizer que há um momento durante o acto sexual em que é mais perigoso que o outro. A única forma mesmo de prevenir o contágio é através do uso correcto do preservativo masculino ou feminino. Essa é a forma mais segura que se conhece. Então, cuidem-se.

Incapacidade hospitalar mata em média de 220 crianças por dia

A malária, a pneumonia e a diarreia ainda são as principais causas directas de morte de cerca de 80 mil crianças de dois a 59 meses de vida, anualmente, em Moçambique, devido à falta de tratamento médico atempado. Isso traduz-se em cerca de 220 óbitos por dia, apesar de que estas doenças e outras igualmente mortíferas são evitáveis e/ou tratáveis.

Texto: Redacção/Coutinho Macanandze • Foto: Reuters



Segundo a Save the Children, apesar do significativo progresso atingido ao longo da última década na redução da morbilidade e mortalidade materna e infantil, Moçambique ainda enfrenta grandes desafios devido, em parte, à ineficácia das medidas de combate e tratamento de algumas enfermidades.

Aquela organização que trabalha em prol da criança aponta igualmente que há incapacidade de remover as dificuldades com que o sector moçambicano da Saúde se debate por causa da escassez de recursos humanos. Em 2010, por exemplo, o país possuía 3,9 médicos e 25 enfermeiros por 100.000 habitantes, facto que não deixa dúvidas de que as unidades sanitárias continuam a enfrentar problemas de falta de pessoal e, consequentemente, o país ainda está entre os piores países da região africana e do mundo.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) indica também que “as causas das mortes de crianças estão relacionadas com a malnutrição e a falta de acesso a cuidados primários de saúde e infra-estruturas, como água e saneamento, em muitos países em desenvolvimento. A pneumonia, a diarreia, a malária e a SIDA foram responsáveis por 43 por cento do total de mortes de crianças com menos de cinco anos no mundo inteiro, em 2008, e mais de um terço do total de mortes de crianças foi atribuível à subnutrição”.

Uma das medidas tomadas pelo Ministério da Saúde para reduzir as elevadas taxas de mortalidade materna e infantil foi a introdução, em 2010, de um programa chamado Agentes Polivalentes Elementares (APEs) com o objectivo de levar os cuidados básicos de saúde preventiva e curativa para mais perto das comunidades.

A Save the Children estima que os APEs podem diminuir a mortalidade causada pela malária, pneumonia e diarreia em 60 por cento. Entre Agosto de 2010 a Dezembro de 2012, esse projecto, implementado nos distritos,

abrangeu 772.275 pessoas, das quais 131.161 são crianças menores de cinco anos, isto é, aproximadamente 13% da população de Moçambique (23,16 milhões). No período em alusão, foram atendidas 266.575 casos de malária, 89.678 de pneumonia e 116.515 de diarreia.

O organismo a que nos referimos indica ainda que o nível de acesso aos serviços de saúde varia entre as províncias. Em 2011, por exemplo, menos de 50 por cento das crianças com febre receberam tratamento na Zambézia em comparação com 80 por cento em Nampula e 70 por cento em Gaza. E umas das soluções para suprir o défice de atendimento hospitalar é a capacitação das comunidades com vista a terem conhecimentos básicos de saúde, em particular no que se refere ao cuidado aos recém-nascidos.

O UNICEF indica que em África a proporção de menores de cinco anos que dormem em redes mosquiteiras tratadas com insecticida aumentou substancialmente, entre 2000 e 2009, facto que contribui, sem dúvida, para a diminuição da taxa de mortalidade infantil. Contudo, os relatórios sobre os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio 2010 referem que metade da população mundial ainda corre o risco de contrair malária. Houve aproximadamente 243 milhões de casos e quase 863 000 mortes, em 2008, sendo que 89 por cento das mortes ocorreram em África.

Enquanto isso, Moçambique ocupa a 185ª posição entre 186 países no Índice de Desenvolvimento Humano 2012 – apenas a República Democrática de Congo e Níger ocupam o lugar mais baixo do ranking, posicionados em último lugar – e está em lugar cimeiro a par de outros países com as maiores taxas de mortalidade.

Relativamente aos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (objectivo quatro – redução da mortalidade infantil), o UNICEF refere que embora a mortalidade de menores de cinco anos tenha diminuído 22% na África

Subsariana, uma região que abarca Moçambique, as elevadas taxas de fecundidade, conjugadas com uma percentagem ainda considerável de petizes nessa faixa etária, traduziram-se num aumento do número absoluto de mortes de crianças nos últimos anos.

“Um quinto das crianças com menos de cinco anos do mundo vive na África Subsariana, onde se registou metade das 8,8 milhões de mortes de petizes desse grupo etário, em 2008. A mortalidade de menores de cinco anos também continua a ser elevada no sul da Ásia, onde os progressos não são suficientes para que a região atinja a meta fixada para 2015”.

Sarampo reduziu mas pode voltar a matar

A vacinação de rotina contra o sarampo, por exemplo, aumentou consideravelmente a nível mundial, em especial em África, protegendo milhões de petizes contra esta doença frequentemente fatal. Em 2008, a cobertura atingiu 81 por cento nas regiões em desenvolvimento, em comparação com 70 por cento, em 2000. “No entanto, as projecções mostram que, sem fundos suficientes para a vacinação em países prioritários, a mortalidade devido ao sarampo voltará a aumentar rapidamente, podendo registar-se aproximadamente 1,7 milhões de mortes relacionadas com o sarampo, entre 2010 e 2013”, de acordo com o UNICEF.

Publicidade



Ministério da Saúde

DÚVIDAS SOBRE SAÚDE SEXUAL E SIDA?



Ligue Alô Vida!

Chamada Grátis e Confidencial

800 149

82 149

84 146





De segunda a sexta das 8 as 22 horas

Sábado das 9 as 15 horas

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Somos professores recém-contratados em algumas escolas dos distritos de Moma, Murrupula, Monapo, Meconta, Mogovolas e Nampula-Rapale, na província de Nampula. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de apresentar um problema que nos preocupa bastante: aos pedagogos que leccionam o nível médio foram descontados cinco mil meticais nos seus vencimentos acumulados, referentes aos primeiros três meses de trabalho.

Aos docentes de nível básico foram, também, deduzidos mil meticais. Porém, sem o nosso consentimento nem esclarecimento.

Essa medida afectou todos os professores contratados em Janeiro do presente ano para os diversos subsistemas de ensino em Nampula. Tentámos obter esclarecimentos sobre o assunto junto dos Serviços Distritais da Educação,

Juventude e Tecnologia, mas ninguém nos recebeu. A nossa inquietação é ainda maior porque, para além de não obtermos uma explicação satisfatória, recebemos informações que dão conta de que no salário referente ao mês de Julho cada pedagogo sofrerá novamente um desconto de mil meticais.

Esta situação agasta-nos porque não sabemos para onde vai o dinheiro deduzido nos nossos honorários.

Trabalhamos em más condições e sob o risco de contrairmos doenças respiratórias por causa do pó de giz e outras impurezas que inalamos durante as nossas actividades, porém, não somos valorizados. Consideramos esta situação (descontos) uma crueldade de quem a promove porque é sabido que os salários que recebemos não compensam o nosso trabalho. Pedimos a ajuda do Jornal para esclarecer este caso.

Resposta

Sobre o assunto que preocupa os professores, o @Verdade contactou, telefonicamente, o director provincial da Educação e Cultura em Nampula, Raul Nhamuwe. Este confirmou que os docentes recém-contratados sofreram realmente descontos em todos os distritos.

Segundo o nosso interlocutor, as deduções foram feitas pelas Finanças para efeitos de pagamento do Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares (IRPS). Raul Nhamuwe reconhece que os pedagogos estão agastados, por isso, estão a ser sensibilizados com vista a não paralisarem as aulas.

Reclamação

Bom dia, Jornal @Verdade. Gostaria, através do vosso meio de comunicação, de expor um problema que aconteceu comigo na passada sexta-feira, 26 de Julho. Fui a uma esquadra no bairro da Liberdade, no município da Matola, para registar uma ocorrência e obter uma declaração através da qual podia recuperar os meus bens, uma vez que somente desta forma é que as coisas funcionam neste país. Todavia, a Polícia exigiu-me dinheiro.

Na noite da última sexta-feira fui interpelado por um grupo de indivíduos desconhecidos, que me agrediram fisicamente e se apoderaram dos meus documentos e outros bens que trazia na altura do incidente. Na esquadra, a Polícia cobrou-me 150 meticais alegadamente para emitir o documento que eu precisava.

Fiquei muito agastado por causa desse procedimento da corporação e acredito que haja outros cidadãos a passarem pela mesma situação em diferentes esquadras do município da Matola. Quando cheguei e expus o problema, os agentes da Lei e Ordem emitiram a declaração mas para tê-la eu devia pagar 150 meticais. Fiquei estupefacto, sobretudo porque o documento era

manuscrito e fotocopiado. Antes de desembolsar o valor cobrado pela Polícia, exigiu, também, um recibo que servisse de comprovativo do pagamento que eu iria efectuar e ainda contestei o facto de a declaração em causa ter sido escrita à mão e não à máquina.

A partir daí fiquei com a impressão de que a corporação infringe as regras do seu trabalho e preocupa-se em extorquir os cidadãos. Para além de pagar impostos sem usufruir dos benefícios desse acto, fui coagido a pagar por uma simples declaração cuja emissão não custou nada.

O que também me desassossegou é o facto de a Polícia não se ter preocupado comigo, apesar de ter sido agredido e perdido os meus bens, incluindo algum dinheiro. Parece que a intenção era só extorquir-me os tais 150 meticais. Gostaria que o Jornal @Verdade me ajudasse a esclarecer este assunto porque acredito que não é lícito. Será que não é mais uma acção de roubo

protagonizada pela Polícia?

Resposta

Sobre a inquietação do leitor que nos endereçou a sua reclamação, o @Verdade ouviu o porta-voz do Comando-Geral da Polícia da República de Moçambique (PRM), Pedro Cossa, esta terça-feira, 30 de Julho, num briefing com a Imprensa, nas instalações do Ministério do Interior (MINT).

Perentoriamente, o oficial disse-nos que não tinha conhecimento do problema, porém, caso tenha acontecido, é uma ilegalidade cometida pelo agente da corporação que atendeu o reclamante. Em nenhum momento as esquadras cobram dinheiro para prestar serviços aos cidadãos.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O mamparra desta semana é o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, que a partir do seu “santuário”, em Sathunjira, na serra da Gorongosa, voltou a proferir vitupérios que lhe são característicos, ao prometer dividir o país ao meio!!

É preciso recordar que Dhlakama já subiu a este pódio dos mamparras, pelas mesmas razões, logo no início do ano. Também é preciso recordar que as reivindicações da Renamo, partido que ele dirige, têm razões de ser no que tange, sobretudo, à partidização do Estado, entre outras, mas isto não lhe dá o direito de ser arrogante, petulante. Não ao apelo à desordem.

Dhlakama não pode esquecer que é um dos signatários do Acordo Geral de Paz, que pôs termo a 16 anos de um conflito armado entre “irmãos”, mas hoje, enquanto os seus representantes buscam, junto do Governo, soluções políticas nas propaladas “negociações”, que acontecem todas as segundas-feiras, ele já deu ordens belicistas que resultaram na morte de militares e civis.

Final a delegação do seu partido, chefiada por Simon Macuiane, o que anda ali no Centro Internacional de Conferências Joaquim Chissano a fazer? Estão numa sessão de entretenimento com a delegação do Governo que tem à testa o “irmão chinês”, citado como delapidador das florestas nacionais?

Nesse Segundo Conselho Nacional da Renamo que se realizou esta semana no seu “santuário”, em Sathunjira, segundo as imagens que nos foram brindadas tanto pelo canal público – TEVE ÊME – como pelo privado – ESSE TÊ VÊ – apenas Dhlakama, o todo poderoso líder, é que aparece a falar perante aplausos rasgados de cerca de trezentas almas. Será que os outros não tinham opinião?

Ou então este plano de dividir o país já há muito foi traçado pelos membros daquela formação política? A Renamo e o seu líder voltaram às parangonas, este ano, depois de um longo período de hibernação, graças à arrogância soberba de algumas mentes beligerantes no seio do Executivo que foram “provocar” este antigo movimento rebelde. Daqui, via Sathunjira, este ponto do país passou a ser referência do calão político em vigor, e é isto que Dhlakama e os seus correligionários têm de saber capitalizar.

Há dias, segundo o MediaFAX, um diário electrónico distribuído a partir da capital, ficámos a saber que o líder da Renamo, numa atitude digna, inaugurou uma moageira que aquela formação política comprou para os moçambicanos residentes nas redondezas de Satunjira. Dhlakama tem de percorrer o Moçambique inteiro e continuar a capitalizar o descontentamento generalizado que tomou conta dos cidadãos deste país, cujas riquezas têm sido sistematicamente abocanhadas por um pequeno grupo de capitalistas.

Agora andar às ameaças não!!! Se assim for, só lhe resta voltar a ser mamparra.

É que alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Democracia

Parlamento Infantil exige respeito pelos direitos da criança

Os deputados de “palmo e meio” exigem que o Governo envide esforços no sentido de garantir que os seus direitos sejam respeitados. Esta posição foi manifestada durante a IV Sessão do Parlamento Infantil, que teve lugar na capital do país nos dias 30 e 31.

Texto: Alfredo Manjate • Foto: Miguel Manguenze

No encontro, os parlamentares denunciaram algumas práticas que constituem violação dos direitos da criança e manifestaram especial preocupação com o elevado índice de casamentos prematuros e de casos de trabalho infantil.

Durante a sessão, que decorreu sob o lema “Eu quero ser criança enquanto criança: o respeito dos meus direitos e o cumprimento dos deveres tornará Moçambique melhor”, o presidente, Isac Sulude, referiu-se à existência de “titios que não respeitam os nossos direitos e tratam-nos como adultos, exploram, abusam, violentam e submetem-nos a maus tratos.”

Sulude apontou os casos de abandono de crianças pelos familiares, os casamentos prematuros e o trabalho infantil como sendo factores que ameaçam a educação e a saúde das crianças. “Estes titios esquecem-se que como crianças temos o direito de viver em paz segurança, ter uma família e saúde”.

A preocupação dos parlamentares foi sublinhada pelo representante da UNICEF, Koenraad Vanormelingen, que apresentou estatísticas “assustadoras” sobre a criança no país. Segundo ele, “uma em cada duas crianças, em Moçambique, vive com menos de 30 meticais por dia; duas em cada cinco sofrem de desnutrição crónica; uma em cada duas meninas é obrigada a casar-se e uma em cada duas não ‘existe’ oficialmente porque o seu nascimento não foi registado”.

Os parlamentares exigiram ainda que o Governo divulgue os seus direitos nas zonas onde as pessoas não têm acesso à informação; que agrave as penas contra os que praticam a violação sexual contra menores; que tome medidas para impedir o acesso por parte das crianças aos locais de diversão nocturna e consumo de bebidas alcoólicas; e abra mais furos de água potável.

Num outro desenvolvimento, procuraram saber do Executivo as razões que estão por detrás da falta de carteiras nas escolas moçambicanas, quando todos os dias vêm-se camiões carregados de madeira em direcção aos portos, de onde este recurso parte para os continentes Asiático e Europeu.

Ainda durante a sessão de perguntas ao Governo, as crianças procuraram saber se já foram tomadas medidas no sentido de se minimizar ou evitar os casamentos prematuros. Já na área de saúde questionaram acerca da expansão da rede sanitária e da falta de medicamentos nas unidades existente.

Em resposta a estes dois últimos pontos, a vice-ministra do pelouro, Nazira Abdula, referiu que o Ministério da Saúde dispõe de medicamentos para responder ao perfil epidemiológico do país. À ministra da Justiça, Benvinda Levi, os deputados de palmo e meio mostraram preocupação relativamente às violações de menores e à situa-



ção de menores em conflito com a lei que partilham o mesmo espaço com adultos.

Guebuza propõe Parlamento Juvenil

Por seu turno, o Presidente da República, Armando Guebuza, que foi convidado para a cerimónia de encerramento, propôs a criação de um órgão que deverá materializar “as ideias cultivadas pelas flores que nunca murcham”. O órgão deverá designar-se Parlamento Juvenil, pois, para o chefe do Estado ainda não existe

nenhum entidade com este nome.

Guebuza disse ainda ter ficado impressionado com a forma como os deputados de “palmo e meio” se posicionam perante as questões essenciais da Nação e aconselhou-os a ganharem a cultura de prestação de contas. “Alguns vão sair da fase de criança e vão entrar na fase de jovens e nós não temos na República de Moçambique um parlamento juvenil. Esperamos que possam criar este órgão com jovens de verdade”.

Sobre o Parlamento infantil

O Parlamento Infantil é um mecanismo criado pelo Governo em parceria com as organizações da sociedade civil para garantir a inclusão das crianças na busca de soluções que as apoquentam, permitindo que estas gozem do direito à liberdade de expressão.

O órgão é composto por crianças com idade mínima de oito anos e máximo de 16, provenientes de diferentes instituições, nomeadamente organizações da sociedade civil, escolas primárias e secundárias e centros de acolhimento de crianças órfãs e vulneráveis.

O processo de selecção dos membros deste Parlamento, por exemplo, nas escolas, obedece ao critério que se prende com uma melhor aplicação dos alunos, que em seguida são submetidos a uma outra etapa de apuramento feita por

representantes do Ministério da Mulher e Acção Social e das organizações da sociedade civil.

O Parlamento Infantil realiza encontros nacionais de dois em dois anos. Esta periodicidade foi definida na penúltima sessão havida em 2011. As anteriores decorreram em intervalos de tempo não uniformizados, ou seja, a primeira foi em 2001, a segunda em 2005, a terceira em 2011, sendo que esta é a quarta.

Nos encontros nacionais é feita a avaliação do grau de cumprimento das recomendações deixadas ao Governo no encontro anterior. Refira-se que este órgão visa fundamentalmente envolver as crianças moçambicanas num debate aberto sobre o exercício do direito à participação e à opinião.

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

Democracia

A voz dos deputados de palmo e meio

Cerca de duas dezenas de crianças (entre deputados de palmo e meio e convidados) participaram na IV Sessão do Parlamento Infantil. Este encontro nacional é o culminar de um processo de debate que começa ao nível do distrito e passa pelo provincial.

Do rol de preocupações apresentadas pelos petizes destaque vai para os casamentos prematuros e o trabalho infantil, este último proibido por lei, mas que tende a ganhar contornos alarmantes no nosso país.

O @Verdade procurou saber delas quais os problemas que afectam as crianças das zonas onde elas vivem. Eis os depoimentos:



Deise Hermínia, Tete
“Nós estamos preocupados com o tráfico de órgãos humanos, porque recentemente encontraram um corpo sem órgãos genitais em Angónia. O que o Governo está a fazer acabar com o abuso de menores? Questionámos o Governo sobre o que está a ser feito para resolver estes

problemas. Para além disso, em Tete temos o problema de falta de carteiras nas escolas primárias. Nós achamos que o Governo está a trabalhar, mas precisa de melhor algumas coisas”.



Hamina Marcelina, cidade de Maputo
“Eu penso que o Governo se esforçou ao máximo para cumprir as nossas recomendações, porém, gostaria que fizesse mais e sempre mais em prol do bem-estar das crianças. Nós, como representantes da cidade de Maputo, estamos muito preocupa-

das com algumas praticas socio-culturais que afectam negativamente as crianças, tais como o seu uso como moeda de troca para pagar dívidas. Questionámos também sobre a assistência de crianças toxicodependentes. Gostaríamos que o Governo reforçasse a assistência a crianças com deficiência”.



Damisse Orlando, Nampula
“Nos os representantes de Nampula estamos preocupados com a situação das crianças que estão no nosso país na condição de refugiadas. Não sabemos o que o Governo está a fazer em relação a elas. A falta de carteiras nas escolas também nos preo-

cupa porque nós temos madeira no nosso país, mas ela é levada para outros países ao invés de ajudar primeiro os moçambicanos”.



Francisco Marcos, Niassa
“No nosso país existem muitas crianças deficientes. Por isso devem ser construídas rampas nos estabelecimentos para permitir que elas possam ter acesso aos edifícios. Nós também temos problemas de falta de escolas especiais para essas crianças. Achamos que o Governo deve esforçar-se mais na educação desta camada”.



Fana Gerito, Zambézia
“Nós, como representantes das crianças da Zambézia, estamos preocupados com os casamentos prematuros na nossa província e não só. Para nós, estes são os grandes problemas das crianças actualmente. Para mim, os casamentos prema-

turos são o resultado do comportamento dos pais que não velam pelos direitos dos filhos. Não é normal uma criança decidir casar sem que os pais tenham aceitado. Por isso eles são responsáveis por esta situação”
“Se a criança se casa é porque os pais assim consentiram. Se não aceitassem ela não o faria. Por isso, cabe aos pais recusar a ideia do casamento de uma filha menor. () O Governo é quem deve criar leis que proibam esta prática. Eu acho que do mesmo modo que existe uma lei que proíbe as crianças de frequentarem as casas nocturnas, devia existir uma lei que proíbe o casamento de crianças, principalmente com pessoas mais velhas. Os casamentos prematuros devem deixar de ser uma coisa normal”.



Liliana Pedro, Liliana
“Nós, na província de Inhambane, estamos preocupados com o problema de consumo excessivo de bebidas alcoólicas por adolescentes. Muitas crianças de Inhambane consomem bebidas alcoólicas e tabaco, o que não nos dignifica. Como medida preventiva o

Governo deve proibir a promoção de cervejas e outras bebidas alcoólicas. Há muita promoção de cerveja ao invés de sumos que fazem bem à nossa saúde”.



Dalton Alberto, Gaza
“Eu gostaria que o Governo agravasse as penas para as pessoas que violam crianças. Para nós, as actuais penas não desencorajam esta prática. Deve-se lutar para que os nossos direitos sejam respeitados. Assim, nós poderemos cumprir os

nosso deveres. Não se pode violar as crianças nem bater”.

“O Parlamento Infantil é um espaço para debater as questões de cada uma das províncias na perspectiva da criança. Queremos mais escolas. Em Gaza há localidade sem escolas, como o caso de OMM, Vladimir Lenine e Barra de Limpopo. Nestes locais, não há escolas secundárias. Elas têm de caminhar muito para conseguirem chegar ao estabelecimento mais próximo. Por causa dessa situação muitas estudam de noite por falta de vagas”.



Simão Sebastião, Sofala
“As crianças em Moçambique enfrentam muitos problemas. Nós estamos preocupados com a entrada de crianças em casas de diversão. A lei proíbe a frequência de casa nocturnas por crianças, mas essa lei não está a ser aplicada e há cada vez

mais menores a fazer das casas de pasto o seu local de lazer. Em Sofala, muitas crianças consomem álcool. Estamos também preocupados com o número de escolas, que é insuficiente”.

“A mensagem que trouxemos tem a ver com os trabalho infantil. É um problema que a cada dia cresce mais. Sofala é uma das províncias que está a registar crescimento, o carvão mineral passa por esta província e há menores a trabalhar nessa área no porto da Beira. () Mas gostaríamos de manifestar a nossa solidariedade para com as crianças que foram vítimas dos ataques de Muxúnguê e pedir que se resolva a tensão política através do diálogo”.



Elisabete Rachid, Cabo Delgado
“Nós temos problemas de água potável, muitas vezes temos de percorrer longas distâncias para conseguir o precioso líquido. Temos poucas escolas e os professores estão a assediar-nos. Eles dizem: ‘se você não me aceitar não vai passar

de classe’. Já vi muitas colegas a passar pela mesma situação”

Sérgio André, província de Maputo
“Eu acho que o Governo está a esforçar-se para melhorar as condições das crianças, apesar de ainda não termos escolas, jardins infantis, e salas de aulas suficientes. Muitas crianças sentam-se debaixo de cajueiros para receberem aulas. Queremos que o Governo olhe mais para a questão das violações de menores. Isso ocorre em todo o país e os violadores permanecem na rua. Quando são presos voltam rapidamente ao convívio com vítima. Isso é inadmissível”.

Júlio Caetano, Manica
“Estamos preocupados com o trabalho infantil. O Governo deve aumentar a fiscalização para controlar situações do género. Seria muito bom também se criassem uma lei contra casamentos prematuros. Apesar disso, reconhecemos o esforço do Governo na luta pela defesa dos nossos direitos”.

INEG LIGENCA

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Democracia

Conselho de Estado apela à marcação de eleições para Outubro de 2014

O Conselho de Estado moçambicano apelou a uma resolução pacífica da tensão política que se vive no país nos últimos meses, aconselhando o Presidente da República, Armando Guebuza, a não recorrer às armas na busca da estabilidade.

Texto & Foto: Redacção



foi Graça Machel, segundo indicou o porta-voz do Presidente da República, Edson Macuácu.

O que é Conselho do Estado?

O Conselho de Estado é um órgão de consulta do Presidente da República em matérias relacionadas com a dissolução da Assembleia da República, declaração de guerra, estado de sítio ou de emergência, realização de referendo, e convocação de eleições.

Composição

O Conselho do Estado é presidido pelo Presidente da República (Armando Guebuza) e tem como membros a Presidente da Assembleia da República (Verónica Macamo), o Presidente do Conselho Constitucional (Hermenegildo Gamito), o Provedor de Justiça (José Abudo), os antigos Presidentes da República não destituídos (Joaquim Chissano), os antigos Presidentes da Assembleia da República (Eduardo Mulémbwè e Marcelino dos Santos).

Fazem ainda parte deste órgão sete personalidades de reconhecido mérito eleitas pela Assembleia da República pelo período da legislatura, de harmonia com a representatividade parlamentar (Deolinda Guezimane, Luísa Diogo, Cardeal Dom Alexandre Maria dos Santos, Dom Dinis Sengulane e o Sheik Abdurrazaque Ali Salimo, António Muchanga e Manuel Francisco Lole), quatro personalidades de reconhecido mérito designadas pelo Presidente da República, pelo período do seu mandato (Alberto Chipande, Brazão Mazula, e Graça Machel), e o segundo candidato mais votado ao cargo de Presidente da República (Afonso Dhlakama), sendo que este último não tomou posse e nem participa nos encontros.

Esta posição foi manifestada durante a segunda sessão do órgão consultivo do chefe de Estado, na qual participaram 15 dos 17 membros, uma vez que Graça Machel e Afonso Dhlakama, líder da Renamo, não se fizeram presentes.

Esta sessão tinha como agenda a discussão de dois pontos, nomeadamente a marcação da data das eleições gerais de 2014 e a análise da situação política, social e económica do país.

Em relação ao primeiro ponto, o porta-voz do Presidente da República, Edson Macuácu, fez saber que os membros do órgão aconselharam, por unanimidade, Armando Guebuza a convocar as eleições para o próximo ano, observando os prazos previstos na lei. Estes apelaram ainda para que o pleito ocorra sem sobressaltos.

Em conversa com o membro do Conselho do Estado e da Renamo, António Muchanga, este disse que já foi apresentada uma proposta ao chefe de Estado. Muchanga não revelou a data proposta por entender que tal cabe apenas ao Presidente da República, porém, aceitou revelar o mês, que é Outubro. Para este, a escolha da proposta do mês e da data teve muito em conta a época chuvosa que deve ser acautelada.

Quanto ao segundo aspecto, os 15 elementos do órgão persuadiram o chefe de Estado a lutar pela manutenção da paz. Este, por sua vez, apelou a todos os moçambicanos a contribuírem para a promoção de um ambiente de harmonia, evitado proferir discursos belicistas.

Relativamente ao diálogo entre o Governo e a Renamo, que já vai na sua décima terceira ronda, mas sem consenso, as intervenções foram no sentido de encorajar a sua continuação. Entretanto, não foi abordado o assunto relativo ao encontro

entre o Presidente Guebuza e o líder da Renamo.

A Renamo já apresentou as condições para que este frente a frente aconteça, ou seja, exige que sejam retirados todos os elementos das Forças Armadas de Defesa de Moçambique e da Força de Intervenção Rápida das imediações de Santunjira, ou que o chefe do Estado se dirija ao distrito de Gorongosa.

Porém, o Governo já disse que não há hipótese nenhuma de isso acontecer porque, primeiro, nenhum partido político pode impor limitações à movimentação das forças de defesa e segurança e, segundo, a capital do país e a sede do Executivo é Maputo e ainda porque ninguém pode definir a agenda do Presidente.

Participação da Renamo

Sobre participação da Renamo nas eleições, António Muchanga afirmou que a mesma está dependente da revisão da Lei Eleitoral no âmbito do diálogo que o Governo e a Renamo vêm mantendo desde Maio último. Na sua opinião, os homens não devem ser reféns de leis que criam problemas.

De referir que a reunião do Conselho de Estado foi antecedida por uma cerimónia de tomada de posse do Primeiro-Ministro de Moçambique, Alberto Vaquina, em substituição de Aires Ali.

Ausências

Dhlakama não participa nos encontros do Conselho de Estado desde que o mesmo entrou em funcionamento em reivindicação contra a alegada falta de transparência nas eleições gerais e legislativas de 2009, das quais acredita ter havido fraude. Aliás, ele nem sequer tomou posse como membro do órgão.

Este facto, na explicação do António Muchanga, membro sénior da Renamo e do Conselho de Estado, elimina qualquer possibilidade de o seu líder participar nas reuniões. Dhlakama é, em termos legais, membro deste órgão na qualidade de segundo candidato mais votado nas últimas eleições gerais de 2009.

A outra figura que esteve ausente deste encontro, mas por razões justificadas,

rongosa, província de Sofala, voltou a reiterar que o seu partido não irá participar nas eleições autárquicas, marcadas para 20 de Novembro próximo, assim como não irá permitir que as mesmas aconteçam.

Esta atitude, segundo as suas palavras, visa criar condições para que os partidos concorram em pé de igualdade. Se o pleito acontecer no actual contexto, na sua opinião, estar-se-ia a prejudicar a democracia (pela qual diz ter lutado durante 16 anos) pois não há instrumentos legais que garantam a sua transparência.

“Se a Frelimo insistir em fazer eleições, digam-vos que a unidade nacional acabou. Moçambique vai dividir-se em dois ou três países. Nós vamos tomar Sofala e outras províncias e declarar independência. (...) Eu não sou belicista, nem burro como algumas pessoas poderão dizer, mas a Renamo tem um compromisso com a democracia. Por isso, não vai permitir que isso aconteça. Caso contrário, a nossa luta (pela democracia) terá sido em vão”, promete.

Eleições gerais de 2014: Renamo concorda com data sugerida ao Presidente da República

Neste encontro, foi analisado o relatório sobre

o Conselho do Estado, no qual participou António Muchanga, membro sénior deste partido. O informe mereceu uma apreciação positiva dos presentes, que concordam com as sugestões dadas ao Presidente da República, Armando Guebuza, relativamente à marcação da data das eleições gerais de 2014 e aos mecanismos a adoptar para a manutenção da paz no país. Segundo Fernando Mazanga, porta-voz do partido, os conselheiros do chefe do Estado expressaram o sentimento e a opinião da Renamo, que é apelar o Governo a resolver os problemas de forma pacífica, sem recurso à força.

Refira-se que os membros do Conselho do Estado sugerem que as eleições gerais e legislativas do próximo ano tenham lugar no mês de Outubro, por se tratar de uma época seca. Porém, ainda que não tenha sido avançada a data, pois cabe ao Presidente da República fazê-lo, sabe-se que as mesmas serão no dia 15.

O que a Renamo pretende nas negociações?

Após o Governo ter concordado com maior parte das “exigências” da Renamo em relação à proposta de revisão pontual da actual Lei eleitoral, agora o pomo da discórdia reside em apenas alguns pontos, tais como a paridade nos órgãos eleitorais.

Dhlakama prometedividir o país

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, exige que o diálogo que o seu partido tem vindo a manter com o Governo desde o mês de Maio produza resultados já na próxima segunda-feira, durante a décima terceira ronda, sob pena de dividir o país. “Isso são brincadeiras e não vamos permitir que (as negociações) se arrastem por mais tempo”.



“Se até ao final da próxima semana não houver consenso “vou chamar a minha delegação para Sathunjira e eu vou, pessoalmente, resolver o problema”, diz, e acrescenta que “estão a brincar com o povo que cada segunda-feira espera ouvir um consenso. O país não é de Pacheco nem de Guebuza e muito menos da Frelimo. Por isso, em nome

do povo vou tomar medidas para ultrapassar isto”.

Reacção do Governo

Entretanto, quem não gostou das palavras, muito menos do ultimato dado por Afonso Dhlakama, foi o ministro da Agricultura e chefe da delegação do Governo às negociações, José Pacheco, que aconselha o líder da Renamo a dar ordens aos seus homens. “Não conheço esse ultimato e, se ele tem uma ordem, deve dar aos seus homens e não ao Governo”.

Eleições Autárquicas

Dhlakama, que falava na abertura do Segundo Conselho Nacional da Renamo alargado às bases, que decorreu em Sathunjira, em Go-

Democracia

MDM já tem candidatos para os municípios de Nampula

O partido Movimento Democrático de Moçambique (MDM) apresentou na quarta-feira os seus candidatos a edil nos sete municípios da província de Nampula, cujas eleições terão lugar no próximo dia 20 de Novembro.

Texto & Foto: Redacção

Trata-se de Mahamudo Amorane que vai concorrer para o município de Nampula, Fátima Riane (Nacala-Porto), Faruk Abdala (Angoche), Abdul Rahimo Satar, (Ilha de Moçambique), Zeferino João, (Monapo), Luís Constantino, (Ribáuê), e Francisco Jamal, para a nova autarquia de Malema.

Luís Boavida, secretário-geral do MDM, que orientou a cerimónia de apresentação destes candidatos, disse que nos próximos dias serão dados a conhecer publicamente os candidatos a membros das assembleias municipais destas autarquias, pelo que se aguarda apenas pela divulgação, por parte da Comissão Nacional de Eleições (CNE), do número de mandatos que cada município vai ter.

Boavida enalteceu o trabalho realizado pelos membros ao nível da província desde a pré-selecção dos candidatos até à sua indicação definitiva, e disse que a escolha destes foi um processo democrático interno, mediante a vontade dos membros de cada município. Aliás, nos próximos dias, os mesmos serão apresentados às populações das autarquias nas quais vão concorrer.



Perfil dos candidatos



Mahamudo Amorane

O candidato para o município de Nampula é irmão da ministra para os Assuntos Parlamentares, Adelaide Amorane. De 40 anos de idade, é natural do distrito de Monapo e é licenciado em Gestão de

Empresas pelo Pontifício Universidade Católica de Minas Gerais de Brasil. Já foi assessor das direcções provinciais de Saúde de Nampula, Sofala e Cabo Delgado. É também empresário e consultor.



Abdul Rahimo Satar

Candidato para o município da Ilha de Moçambique, de onde é natural, Abdul Rahimo Satar tem 56 anos de idade e é empresário.



Faruk Abdala Luís

Candidato para o município de Angoche, Faruk Abdala Luís tem 38 anos de idade e é natural do distrito de Angoche. Actualmente, é funcionário do

Conselho Municipal daquela autarquia, desde o ano de 2005.



Zeferino João

Candidato para o município de Monapo, de onde é natural, Zeferino João tem 42 anos de idade e é docente no Instituto de Informática e Gestão no distrito de

Gurúê, província da Zambézia.

Decorre inscrição dos partidos políticos na CNE

Enquanto isso, arrancou no dia 23 o processo de inscrição dos partidos políticos, coligações de partidos políticos ou grupos de cidadãos eleitores que pretendam concorrer às eleições autárquicas de 20 de Novembro. Esta fase termina no dia 6 de Agosto, próxima terça-feira. Até ao dia do fecho desta edição, quarta-feira, apenas dois partidos e um movimento é que se tinham inscrito, nomeadamente o Movimento Democrático de Moçambique (MDM), Partido Humanitário de Moçambique (PAHUMO) e o movimento Juntos Pela Cidade (JPC) Segundo os procedimentos tornados públicos pela Comissão Nacional de Eleições, após este período, seguir-se-á, de 7 de Agosto a 6 de Setembro, a apresentação de candidaturas a presidente ou a membro da Assembleia Municipal das 53 autarquias. Assim, os partidos deverão apresentar um requerimento dirigido ao presidente da Comissão Nacional de Eleições, manifestando o interesse em inscrever-se.

A este documento deverão juntar os estatutos, a certidão de registo emitida pela Conservatória dos Serviços Centrais de Registo Civil, a sigla em folha A4, o símbolo e a denominação,

também em folha A4, a lista dos membros de direcção do partido ou da coligação e, por fim, a documentação exigida ao mandatário de candidatura, nomeadamente a deliberação do órgão competente do partido político ou coligação proponente que o designa, a ficha de mandatário de candidatura, a fotocópia do bilhete de identidade autenticada ou o talão, a fotocópia do cartão de eleitor autenticada e a certificado de registo criminal.

Em relação aos candidatos a presidente do município, estes deverão, dentre outros requisitos, apresentar os seguintes documentos: lista nominal do candidato, ficha individual devidamente preenchida, fotocópia autenticada do bilhete de identidade (com validade), fotocópia do cartão de eleitor, certificado do registo criminal, atestado de residência, declaração de aceitação da candidatura e do mandatário, duas fotografias tipo passe (actuais e a colorido), declaração da Comissão Nacional de Eleições pela qual foi aceite a inscrição para participar nas eleições autárquicas e a lista nominal dos apoiantes de candidatura, em número igual ou superior a um por cento do universo de cidadãos eleitores recenseados na autarquia onde decorre a eleição.



Luís Constantino

Candidato para o município de Ribáuê, Luís Constantino é natural do distrito de Ribáuê. Tem 33 anos de idade e é docente.



Francisco Jamal

Candidato à nova autarquia de Malema, Francisco Jamal é natural do mesmo distrito e tem 56 anos de idade. Actualmente, representa os ex-funcionários da extinta Empresa de Tabacos (ETANA).

Fátima Riase

Candidata para o município de Nacala-Porto, de onde é natural, Fátima Riase tem 59 anos de idade e é trabalhadora do grupo de empresas Issufo Normamade.

Frelimo procura seus candidatos

Já o partido Frelimo, a nível daquela província, tem apenas pré-candidatos para os sete municípios daquele ponto do país. São eles Amisse Cololo, actual secretário executivo da Assembleia Provincial, Cabir Ibrahim, empresário e presidente da Confederação das Associações Económicas de Moçambique-Antena Norte (CTA), Absalão Siweia, administrador cessante do distrito de Malema, e docente da Universidade Pedagógica, delegação de Nampula, para o município de Nampula. Para o município de Ribáuê são pré-candidatos Constantino António, actual edil, e Nunes Martinho, presentemente chefe da bancada daquela formação política na Assembleia Municipal. Em Nacala, vão concorrer para as eleições internas Rui Chong, um empresário local, e António Pilale, actual administrador daquele distrito costeiro. Para a cidade municipal de Angoche, existem três pré-candidatos, nomeadamente Américo Adamugy, que também concorre para a sua própria sucessão, Bernardino Elias, reformado da empresa Electricidade de Moçambique, e Aissa Sualé, deputada da Assembleia da República. Nas cidades de Monapo e Ilha de Moçambique, há indicações de que os actuais edis são candidatos únicos à sua própria sucessão. Trata-se de João Luís (Monapo) e Alfredo Matata (Ilha de Moçambique). Em relação ao novo município de Malema, ainda se está em processo de auscultação das bases para a indicação dos pré-candidatos. Refira-se que os candidatos da Frelimo a nível da província de Nampula, o maior círculo eleitoral do país, serão conhecidos ainda neste próximo mês.

A residência dos contrastes

À primeira vista a vila de Catandica é um lugar acolhedor. A água jorra nas torneiras e o sistema de recolha de resíduos sólidos é eficaz. Mas isso, diga-se, é apenas no centro da vila. Ou seja, é a impressão que fica quando nos limitamos a vislumbrar a superfície. A verdadeira Catandica esconde-se atrás dessa cortina urbana e oferece um quadro real do drama do grosso dos habitantes. A água não chega a todos e a energia é um ponto luminoso que é possível ver, mas impossível de abraçar... Assim é Catandica.

Texto & Foto: Rui Lamarques

Catandica é uma pacata vila de 12 mil quilómetros quadrados encrustada na Estrada Nacional número 7 (EN7). Uma espécie de posto fronteiriço entre as cidades de Chimoio e de Tete. Com cerca de 26 mil habitantes, de acordo com o Censo de 2007, na vila municipal de Catandica a água jorra nas torneiras de 560 famílias. A electricidade continua muito longe de cobrir 50 por cento da população. Uma família comum, em Moçambique, é composta por cinco pessoas. Portanto, na melhor das hipóteses, o número de pessoas que podem abrir uma torneira dentro de casa para encher um copo com água queda-se em 2800.

Efectivamente, o acesso ao precioso líquido continua muito abaixo dos 38 por cento que os dados do Ministério da Administração Estatal, publicados em 2008, davam como certos. Na verdade, o acesso a água canalizada situa-se nuns humildes 12 por cento.

Nas contas da edilidade, as 560 ligações abrangem 15.475 consumidores. Uma conta rápida mostra que os dados do município são muito mais do que optimistas. Se os mesmos correspondem à verdade e não resultam de um engano monumental, o país acaba de entrar numa era onde um agregado familiar em, média, tem 27.6 pessoas. Pelo menos é assim em Catandica. No entanto, os dados do Instituto Nacional de Estatística referem que uma família modelo em Moçambique conta com cinco membros.

Catandica, diga-se, cresceu, mas a água não acompanhou a expansão da urbe. No actual mandato, foram atribuídos 560 talhões o que aumenta, de certa forma, o número de pessoas com necessidade de água e energia. Nem sequer a abertura de 11 poços e a montagem das respectivas bombas muda o estado das coisas. Os bairros Sanhatunzi, Josina Machel, Chissano, Tongogar, Samora Machel, Militar e Mugabe beneficiaram destes poços.

Ainda no contexto da distribuição de água foram abertos quatro fontenários nos bairros 3 de Fevereiro, Mugabe, 7 de Abril e Eduardo Mondlane. Portanto, o aumento de mais quatro fontenários e de seis bombas eleva, nas contas da edilidade, a cobertura de água dos anteriores 38 para 60 por cento.

Contudo, a realidade e o sacrifício diário do grosso da população, na cintura da vila e mais para o interior, desmente categoricamente os números oficiais. A população que vive na Catandica real recorre a pequenos riachos ou a fontenários que o município instala para minimizar o drama da falta de água.

Uma mulher com um bidão na cabeça é a imagem de marca da periferia. Aliás, foi assim que deparámos com Rosália, de 29 anos de idade, e uma história de vida marcada por privações. Água sempre significou percorrer longas distâncias quando residia no interior do distrito. Contudo, a sua vinda para a vila com o esposo que trabalha no mercado municipal como biscateiro não mudou a situação. De tal modo que continua a lavar roupa nos riachos e só vai ao fontenário levar água para confeccionar as refeições para a família de quatro membros e para beber.



Comércio

A movimentação de vendedores informais à entrada, saída e no coração da município vila de Catandica é um retrato preciso da ocupação da população activa local. São centenas de munícipes provenientes dos 12 bairros com o firme propósito de fazer dinheiro numa vila que, apesar das potencialidades agrícolas, continua associada à miséria. A unidade de farinhação, os dois restaurantes, as duas pensões, a bomba de combustível, os estabelecimentos das empresas de telefonia móvel absorvem uma margem da mão-de-obra, mais isso é apenas uma parte insignificante do total da população activa que Catandica oferece. Ou seja, por cada 100 crianças ou idosos, existem 112 pessoas em idade activa.

Para se antecipar à falta de emprego, João Herculano, de 23 anos de idade, optou por vender milho na EN7. “É arriscado, mas é o lugar mais fácil de conseguir algum dinheiro”, diz o jovem. O desemprego é um problema real em Catandica e é pouco provável que o deixe de ser nos próximos tempos. Na verdade, 14.889 cidadãos estão em idade de trabalho. Portanto, excluindo os que procuram emprego pela primeira vez, a população economicamente activa é de 9.383 pessoas o que, de acordo com dados municipais, reflecte uma taxa implícita de desemprego e subemprego estimada em 60 por cento.

O grosso dessa população que não encontra emprego é absorvida pela actividade agrícola. A vila possui cerca de 800 hectares de terra arável. Grande parte dos produtos que são comercializados na EN7, com excepção dos refrigerantes, sai desse espaço. A papaia, a banana, as laranjas, a maçã, a batata-doce e o ananás são os produtos que podem ser adquiridos em qualquer ponto de Catandica.

A actividade comercial cresce consideravelmente. Em 2009 existiam 225 vendedores de mercado cadastrados. Até 2012 registou-se um incremento de quase 45

por cento. O número actual é de 435 vendedores.

Quanto às bancas, quiosques e barracas, a concorrência nos dias que correm é enorme, fruto de um crescimento na ordem dos 220 por cento. Na vila, em 2009, existiam 55 estabelecimentos de pequeno porte contra 188 em 2012.

Educação

No sector da Educação, o município construiu três salas de aulas com receitas próprias nos bairros Militar, Samora Machel e Tongongara. Estima-se que o custo de total do investimento foi de 700 mil meticais. Contudo, o esforço da edilidade é uma espécie de gota de água no oceano numa vila que regista anualmente 360 novos ingressos no sistema nacional de ensino.

Energia

Mais de metade da população não tem acesso a cor-



A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.



Município da vila de Catandica em números

Vereações: 4

Ligações domiciliárias de água: 560

Poços de água com bomba abertos: 11

Fontenários: 4

Casas construídas: 5

Aquedutos construídos: 8

Salas de aula construídas: 3

Agentes económicos: 436

Estabelecimentos comerciais: 188

Imóveis sujeitos ao Imposto Predial Autárquico: 1.430

Vias de acesso terraplanadas: 44 quilómetros

Habitantes: 26.000

rente eléctrica. A situação é mais grave nos bairros mais distantes do centro da vila onde a percentagem de casas sem iluminação chega aos 98 por cento nos casos mais graves. Os números indicam que apenas 38.2 por cento da população é que se pode dar ao luxo de acender uma lâmpada dentro de casa. 18.9, na sua maior parte concentrados na cintura da vila, usam vela. 40.5 por cento recorrem ao petróleo, à parafina ou à querosene. Os dados municipais não falam em números, mas referem que o fornecimento de energia foi alargado aos bairros Futuro Melhor, 1o de Maio, Militar, Mugabe e 7 de Abril. Portanto, dos cerca de 12 bairros que compõem aquela vial municipal apenas três é que ainda não dispõem de corrente eléctrica.

Habitação

O tipo de habitação predominante é a casa maticada, com pavimento, paredes de estacas ou de tijolo cru e com cobertura de zinco, o que representa 77 por cento das casas de Catandica. As moradias de bloco e zinco em termos estatísticos significam 24 por cento. As de bloco e tijolo rebocadas com cimento totalizam 9 por cento da habitação da vila.

O material de construção, naquela urbe, com excepção da areia e da pedra, está muito além do preço que se pratica nas grandes cidades. O ferro, por exemplo, de 12 milímetros de espessura, custa 300 meticaís. Um quilograma de arame não sai por menos 200 meticaís o quilo. Um saco de

cimento oscila entre os 300 e 400 meticaís. Efectivamente, das edificações construídas para habitação e negócios 1.430 imóveis estão sujeitos ao Imposto Predial Autárquico.

Saneamento do meio

Cuidar do saneamento do meio, para preservar o ambiente é um dos maiores desafios de Catandica nos próximos tempos. Para se ter uma ideia, 60 por cento da população não têm acesso a uma latrina melhorada. 7.2 nem sequer têm uma e só 3.6 por cento dos municípios, no coração da vila, é que dispõem de uma retrete com fossa.

Em suma: as principais realizações da edilidade de Catandica ainda representam muito pouco para os reais anseios dos munícipes. As duas viaturas adquiridas para a remoção de lixo servem apenas para deixar o rosto da vila limpa. O corpo, esse, continua aos deus-dará e sem grandes cuidados de saúde e higiene. Outro grande mal que foi apontado em 2008, pelo Ministério da Administração Estatal, foi o controlo de estrangeiros. O problema, em 2013, ainda é uma realidade.

Contexto histórico

Catandica é nome que substituiu, após a Independência Nacional, o anterior nome de Gouveia que foi filho de Chitengo, ex-capitão do Prazeiro Manuel António de Sousa, ou Gouveia, que mais tarde participou na revolta de Bárue, ao lado de Macombe. Admite-se que Gouveia seja adaptação de Goa, cognome do prazeiro local de origem goesa que emigrou para Moçambique em 1850, tendo desempenhado um papel importante durante a revolta do Bárue, ao lado dos portugueses. Morreu em combate em 1892, durante a revolta. A povoação passou a designar-se vila Gouveia em 25 de Janeiro de 1915 (Cabral, 1975: 161). Entretanto, em 1978, a vila foi extinta e criou-se em seu lugar o Conselho Executivo Distrital ao abrigo da Lei no 7/78 de 22 de Abril. A resolução nº 7/87 de 25 de Abril classificou a sede de distrito com o nível D. Pela resolução nº 9/87 de 25 de Abril, a vila foi restabelecida. A Lei no 3/94 de 13 de Setembro determinou a criação do distrito municipal, extinto em 1997 com a criação do conselho municipal, de harmonia com a Lei 10/97.

O município da vila de Catandica é sede do distrito de Bárue, e confina-se a norte com o monte Tsuanda; a sul com o monte Chitsana e a cordilheira da serra Chôa; a este com a linha de alta tensão da HCB e a oeste com a cordilheira do monte Chôa. Com uma área de 16 Km2 e uma população actualmente estimada em 26.000 habitantes, a vila é constituída por 11 bairros assim designados: Sabão; Chissano; Tongogara; 1º de Maio; 3 de Fevereiro; 7 de Abril; Mugabe, Sanhantunze, Futuro Melhor, Eduardo Mondlane e Samora Machel.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

“Temos 60 por cento de cobertura”

Quando @Verdade conversou com Eusébio Lambo Gondiwa, presidente do município da vila de Catandica, ainda não era pública a sua renúncia a um possível terceiro mandato. O actual edil de Catandica orgulha-se da construção de dois mercados e da projecção de um bairro em expansão devidamente parcelado. Afirma que a vila não sabe o que são problemas de acesso e que todos os bairros contam com pelo menos um fontenário. Uma carrinha funerária e a construção da biblioteca municipal fazem parte da sua folha de serviços. Quanto à gestão dos resíduos sólidos, Catandica só foi capaz de limpar o rosto. Isto é, o centro da cidade.

Texto & Foto: Rui Lamarques



(@Verdade) – Que balanço faz deste mandato?

(Eusébio Lambo Gondiwa) – Penso que depois de cinco anos e de acordo com o nosso programa quinquenal uma das nossas obrigações foi passar em revista aquilo que foi o nosso manifesto eleitoral. Considero positivo porque de tudo o que prometemos executámos 97 por cento. Em primeiro lugar destaco a construção de dois mercados que fazem parte daquilo que foi uma das nossas promessas. Construímos o mercado Macombe com 280 mesas e um outro no bairro Sanhatunze, com 64 mesas. Programámos a construção do posto de socorros no bairro Sanhatunze. Isso foi feito. Acabámos por edificar sete aquedutos. Tínhamos apostado na abertura de ruas e na demarcação de talhões na zona de expansão. Considero que seja uma das actividades que conseguimos concluir.

No que diz respeito às ruas devíamos ter iniciado a pavimentação da rua Tobias Dai, mas é uma actividade que terá lugar neste mandato. Os materiais já foram requisitados e neste momento aguardamos a fabricação dos lanciais para dar arranque à colocação de pavé. Terminámos a sala de cultura e estamos a terminar a edificação da biblioteca municipal. Tínhamos prometido, na campanha eleitoral, uma viatura para os serviços funerários. Conseguimos. No que concerne à habitação concluímos a construção das cinco casas do Fundo de Fomento e Habitação.

Apostámos na eletrificação da nossa vila em parceria com a Electricidade de Moçambique. Nos bairros 7 de Abril, Sabão, Militar, Futuro Melhor e uma parte do 1 de Maio já há energia. No que diz respeito ao abastecimento de água apostámos na abertura de furos e ligações domiciliárias. É uma das actividades de grande relevo, embora a disponibilidade não responda cabalmente à demanda.

(V) – Qual é o número actual de ligações domiciliárias no que diz respeito ao abastecimento de água?

(ELG) – Estamos a falar de 560 ligações domiciliárias. Penso que poderá vir a crescer, mas esses são os nossos dados actuais.

(V) – Qual é a percentagem de cobertura?

(ELG) – Há pouco tempo falávamos de cerca de 60 por cento de cobertura com o esforço que envidámos na abertura de mais 11 furos de água.

(@V) – 60 por cento depois da abertura desses furos ou é provável que essa percentagem tenha de ser revista por causa desses novos pontos de abastecimento de água?

(ELG) – A perspectiva existe por causa daquilo que temos feito anualmente. Por exemplo, agora estamos a levar água por via da canalização e já temos a tubagem enterrada numa extensão de 2.5 quilómetros. Portanto, nessa extensão a ideia é levar água canalizada para mais 200 domicílios.

(@V) – Quantos furos existiam antes do vosso mandato?

(RPM) – Antes do nosso mandato existiam cinco furos feitos pelo Governo, mas esses já tinham muito tempo de uso. Ainda assim beneficiaram da nossa reabilitação. Portanto, neste momento o município conta com 20 furos. Esses furos servem apenas os bairros circunvizinhos. O centro da vila usa um pequeno sistema que estava obsoleto.

(@V) – Qual é o ponto de situação em relação ao tratamento dos resíduos sólidos? O centro da vila é um lugar limpo e acolhedor. Será que na periferia a capacidade de gerir os resíduos sólidos ainda é a mesma?

(ELG) – Temos dois meios. Um tractor e uma carrinha para toda a vila. Há alguns sítios que não conseguimos atingir, como é o caso dos bairros da periferia de Catandica. Ao nível da sede, diariamente, faz-se a recolha de lixo, com excepção de sábado e domingo.

(@V) – A permanência de camionistas na entrada da vila arrasta consigo o fenómeno da prostituição. O que o município pensa fazer para reduzir o seu impacto no seio da juventude?

(ELG) – Uma vez que Catandica está no corredor o que se tem feito é um trabalho do município, mas não é grande coisa para podermos dizer que a prostituição poderá reduzir. Contudo, em colaboração com o sector da Saúde vamos trabalhar para ver como prevenir as doenças de transmissão sexual. A vereação da urbanização vai fazer um parque obrigatório para estacionamento de veículos. O mesmo ficará a alguns quilómetros da vila. Desse modo poderemos pelo menos mitigar o fenómeno. No passado a prostituição era bem mais notória, mas com este projecto do parque de estacionamento poderemos ter uma maior controlo de quem entra e sai do espaço. Aqui é complicado controlar porque cada camionista estaciona onde melhor entende. Há pouco tempo o director provincial da Saúde deixou alguns orientações para reduzir o impacto do HIV/SIDA nas comunidades.

(@V) – Qual é a taxa de infecção por VIH/SIDA em Catandica?

(ELG) – O que temos neste momento e de acordo com o balanço feito é que a tendência é de evolução. Não temos percentagens.

(@V) – Nestes cinco anos o que se pode dizer de Catandica em termos de vias de acesso?

(ELG) – Nestes cinco anos Catandica lutou para que todos os bairros tivessem acesso. Isso foi cumprido na íntegra. Contudo, ninguém pode travar as chuvas e as enxurradas que, por sua vez, degradam os acessos. No entanto, ao nível da vila não temos problemas de acesso, mas as chuvas que não podemos travar obrigam-nos a fazer a manutenção.

(@V) – As pessoas ainda percorrem longas distâncias para ter assistência médica?

(JM) – Neste mandato construímos um posto de saúde no maior bairro do município. Portanto, a vila tem dois centros de saúde e um hospital rural de referência. E nós como município estamos a construir um posto de saúde num bairro distante para a prestação de primeiros socorros. Em termos de saúde é o que temos. Não restam dúvidas de que há problemas no que concerne ao número de profissionais da Saúde. O rácio ainda é fraco.

(@V) – Em cinco anos quantos quilómetros de estrada foram abertos?

(ELG) – 44 quilómetros no geral. Estamos a falar das zonas de expansão e alguns ruas que não tinham sido terminadas.

(@V) – Qual é o custo anual de manutenção de vias de acesso? Nos outros municípios a dificuldade invocada prende-se com a incapacidade

de as autarquias gerarem impostos suficientes para a cobertura de despesas como a asfaltagem de estradas e a construção de pontes.

(ELG) – Primeiro temos de ver aquilo que nos compromete-mos a fazer. Os munícipes sabem que o nosso compromisso não foi de asfaltar as ruas. O nosso compromisso foi a abertura de vias e, à medida que mais vias são abertas, dividimos o fundo para que chegue para cobrir as despesas com aquedutos, pequenas pontes ou novas vias de acesso. Muitas das vezes a manutenção fica em segundo plano por causa da situação geográfica do nosso município, o que não nos prejudica bastante. A necessidade, regra geral, é uma niveladora rebocável. Neste ano o grande bolo foi alocado para a colocação de pavé e 10 por cento é que foram disponibilizados para a manutenção de vias de acesso.

(@V) – O que isso significa em termos de gastos?

(ELG) – Não posso precisar, agora, o valor em causa. Mas normalmente o valor que nos cabe enquanto autarquia não passa dos 4 milhões de meticais.

(@V) – Como é que está a vila de Catandica em relação a receitas próprias?

(ELG) – O crescimento da vila faz com que as receitas cresçam anualmente. Por exemplo, no ano passado estávamos em 4.5 milhões. Este ano planificámos a arrecadação de igual valor e até ao meio do ano conseguimos cerca de 55 por cento do previsto. Isso significa que se continuarmos a envidar esforços podemos atingir os 100 por cento daquilo que programámos. As nossas grandes receitas vêm dos mercados. Uma outra parte surge da taxa de ocupação do solo urbano. Andamos na ordem de seis mil meticais por mês. Nós nunca atingimos cinco milhões por ano.

(@V) – Qual foi o maior desafio neste mandato?

(ELG) – Os maiores desafios foram a expansão da vila, a distribuição e o abastecimento de água e a eletrificação dos bairros. A capacidade de responder aos problemas pontuais colocados pelos munícipes também foi um grande desafio. Foi preciso construir vários aquedutos para responder às necessidades reais dos munícipes, mas que não estavam previstas no nosso plano quinquenal. A construção de salas de aulas foi também um grande desafio por uma razão muito simples. A nossa vila, como sabe, é atravessada pela estrada nacional e isso periga a vida das crianças quando têm de sair de um lado para o outro para ir estudar. Para colmatar essa situação tivemos de construir salas de aulas para acabar com a necessidade de atravessar a estrada nacional por parte dos petizes.

“A nossa ambição é sair da categoria de vila para a de cidade”

Em entrevista ao @Verdade, o edil da vila municipal de Marromeu, na província de Sofala, Palmerim Rubino, afirma que cumpriu o seu manifesto a um nível acima de 100 por cento, uma vez que a edilidade realizou algumas actividades que não estavam previstas para este mandato prestes a terminar. Rubino lamenta o facto de as receitas internas serem insuficientes para custear as despesas do município e diz ainda que a ambição é ver a sua autarquia elevada à categoria de cidade. Quanto à sua provável recandidatura, ele garante: “Vou-me recandidatar e vencerei novamente”.a

Texto: Helder Xavier • Foto: Fernando Domingos

@V – Qual é o balanço que faz do seu desempenho como edil ao longo destes quase cinco anos?

Palmerim Rubino (PR) – O balanço é positivo, pois tudo o que tínhamos arrolado para fazer neste mandato conseguimos fazer. No início tivemos de atacar a problemática da água nos bairros, e felizmente ultrapassámos essa questão com a construção de 72 bombas manuais em todas as zonas residências do município. Havia bairros que nunca tiveram uma fonte de água sequer, mas presentemente contam com pelo menos duas. O bairro mais populoso da autarquia, o 7 de Abril, hoje dispõe de 22 e também enveredámos pelos pequenos sistemas de água com quatro fontenárias nesse mesmo bairro. Igualmente, achámos que deveríamos fazer alguns balneários públicos nos mercados que nós temos. Fizemos um no 1º de Maio e outro no 7 de Abril. Erguemos alguns sanitários públicos em todas as escolas da vila, num total de 96, isso no âmbito do saneamento do meio. Levámos a edilidade ao pé das comunidades para facilmente resolverem os seus problemas e fomos construindo sedes administrativas num total de cinco.

@V – Essas foram as únicas acções da edilidade na área do saneamento do meio?

PR – Não. A nível dos bairros, distribuímos duas mil lajes para a construção de latrinas melhoradas de modo a evitar a cólera que é uma doença quase cíclica nesta autarquia. Criámos alguns comités de limpeza e higiene que ajudam em grande medida a fazer com que a cólera no nosso município não se registre com frequência como acontecia antigamente. Também era necessário, e fomos reabilitar a casa mortuária do Hospital Rural de Marromeu, demos maior espaço e colocámos um sistema de frio na morgue com capacidade para seis corpos. Adquirimos uma viatura para os serviços funerários e também foi necessário reabilitar um cemitério. Mas achámos que não podíamos parar por aqui, era preciso encontrar uma viatura para os serviços de ambulância a nível do município, facto que contribuiu para minimizar o sofrimento dos munícipes.

@V – Relativamente ao acesso à água potável, qual é o actual nível de cobertura no município de Marromeu?

PR – Estamos a 90 por cento de cobertura de água. E nós sabemos que isso não é suficiente, mas é o máximo que podemos fazer neste momento. O problema de cobertura de água é que, principalmente quando se trata de bombas manuais, as comunidades quererem um pouco mais perto de si. No entanto, o que temos vindo a fazer é diminuir as distâncias que as pessoas percorrem para ter acesso à água e já não estamos a obedecer ao rácio que foi definido, se estivessemos a fazê-lo podíamos dizer que estamos a cobrir a 100 por cento. Mas é importante que se diga que não temos bairros com problemas sérios de falta de água. Quanto à água canalizada, nós temos um sistema que, por sinal, há duas semanas se encontrava avariado, mas já estão lá os electricistas para substituir o dínamo queimado.

@V – No que diz respeito a estradas, o que é que foi feito nos últimos anos?

PR – Colocámos o pavé dentro da nossa vila num tro-



ço de dois quilómetros e 100 metros. Algumas pessoas questionaram por que razão não pavimentámos a rua onde se localiza o edifício do Conselho Municipal da Vila de Marromeu. É que essa estrada é classificada, não nos pertence. Além disso, os camiões que vêm buscar o açúcar têm entre 35 e 40 toneladas e o pavé não iria suportar esse peso. A Administração Nacional de Estradas (ANE) disse-nos para não mexer nessa via pública, por isso o nosso pavé termina na Casa Omar e do outro lado da vila começa. Antigamente, era comum deparar com camiões enterrados, sobretudo na época chuvosa e hoje essa situação está praticamente ultrapassada. Em Marromeu vive-se um dilema: quando chove, a vila fica lamacenta e quando faz sol, há muita poeira.

Também tivemos de olhar para algumas estradas terciárias dentro dos nossos bairros. Neste momento, alguns problemas nesta área estão resolvidos, mas a situação é a mesma, quando chove é um problema muito sério. Comprámos uma niveladora rebocável com tractor para ajudar-nos a melhorar as vias depois das chuvas. Construimos uma ponte de raiz que liga o bairro Samora Machel ao 7 de Abril, minimizando, assim, a situação anterior em que as pessoas eram obrigadas a dar a volta o canavial para chegar numa dessas zonas residenciais. Também sentimos a necessidade de fazer uma pequena ponte com material precário porque a população vive aqui e faz machamba fora da área municipal. Essas são as infra-estruturas básicas e com um impacto no dia-a-dia das nossas comunidades.

@V – O que se pode dizer quanto à cobertura em termos de energia eléctrica?

PR – Dos sete bairros que constituem o município de Marromeu, apenas dois ainda não têm energia eléctrica, nomeadamente Samora Machel e Joaquim Chissano. No plano que se está a fazer, no que diz respeito à expansão da rede, já colocámos essas preocupações e a empresa Electricidade de Moçambique (EDM) garantiu-nos que há fundos para isso e já foi lançado um concurso.

@V – Qual é o tratamento que o Conselho Municipal dá aos resíduos sólidos produzidos diariamente a nível da autarquia?

PR – Temos dois tractores e estamos a trabalhar com uma organização não-governamental para resolvermos a questão do lixo na nossa vila. Neste momento, estamos a tratar dos resíduos sólidos, já negociámos com a Companhia de Sena para fazermos uma única lixeira que vai beneficiar aquela companhia assim como o município. Já foi identificado o local que servirá de depósito de lixo, vamos vedar com arame e, mais tarde, começaremos o processo de tratamento dos resíduos sólidos.

@V – E quanto ao ordenamento territorial?

PR – Nós temos os bairros praticamente todos desordenados. Nós herdámos essa situação, porém, estamos a levar a cabo um programa de requalificação dos mesmos. Neste momento, foram abrangidas algumas zonas residenciais onde o problema é bastante crítico, tais como Kenneth Kaunda, Sansão Muthemba e 1º de Maio. A nossa ideia é não desalojar as famílias, mas vamos ver o que se vai fazer de modo a evitar-se isso.

@V – Como está o município em termos de arrecadação de impostos?

PR – Nesta área, penso que nunca seremos autónomos porque ainda precisamos de muitos dos fundos que recebemos do Estado, porque aquilo que é a capacidade interna de arrecadação de receitas não é suficiente, não dá para nada. É um município pequeno com áreas de recolha de impostos bem definidas, nomeadamente os mercados, uma vez por ano o Imposto Pessoal Autárquico (IPA), taxas sobre veículos, Imposto Predial Autárquico (IPRA), entre outros. Não são grande coisa, mas ajudam-nos bastante. O maior volume de impostos que temos é o IPRA que a Companhia de Sena paga. Entre Janeiro e Abril, conseguimos uma grande receita, porque é o momento de cobrança dessas taxas todas. Anualmente, nós arrecadamos cerca de dois milhões de meticais.

@V – Qual é a contribuição da actividade informal?

PR – É quase nula, mas procurámos inverter o cenário, atribuindo licenças. Alguns informais já têm licenças simplificadas, é uma forma que encontrámos para ajudar aqueles que querem trabalhar com a banca, e há também aqueles que trabalham como simples vendedores. Na verdade, a sua contribuição não é grande coisa.

@V – A edilidade interveio nas áreas sociais como saúde e educação?

PR – Sim, embora não sejam áreas sob nossa alçada. Na área de saúde, penso que já me referi de algumas acções que desenvolvemos, refiro-me às campanhas de sensibilização, à construção da casa mortuária e à distribuição de lajes com vista à redução de casos de cólera. A nível de educação participámos, construindo duas salas de aulas na Escola Julius Nyere e duas no bairro Joaquim Chissano. Reabilitámos duas salas na Escola 3 de Fevereiro, fizemos uma sala na Escola Samora Machel, e entregámo-las à Direcção Distrital da Educação. Além disso, fizemos 25 carteiras. E isso significa que também estamos preocupados com a educação das nossas crianças.

@V – Olhando para as realizações alcançadas ao longo destes quase cinco anos, qual é o nível de cumprimento do seu manifesto?

PR – Nós já estamos acima de 100 por cento. Havia algumas coisas que não estavam previstas no manifesto, mas, porque os munícipes pediram, nós fizemos. Por exemplo, concluímos a construção de um bloco num dos mercados da autarquia.

@V – Quais são os desafios para os próximos anos?

PR – A nossa maior ambição é sair da categoria de vila para a de cidade, mas para isso é preciso que todos nós trabalheemos. Para um país ser rico, não depende apenas do Governo, mas sim do povo trabalhador, e isso dissemos aos nossos munícipes. Vamos mudar as nossas casas, as nossas bancas para serem espaços melhorados. Não podemos continuar com o comportamento de fugir quando estiver a chover, e voltar depois da chuva cessar, isso não nos leva a lugar nenhum. Mas há algumas pessoas a aderirem e a construir bancas bonitas e casas com material convencional. Já conseguimos identificar uma zona de expansão. Acreditamos que daqui a mais cinco anos o município de Marromeu terá uma outra imagem.

@V – Vai recandidatar-se?

PR – Vou-me recandidatar e vencerei novamente.

Marromeu

“Literalmente” na lama

Marromeu procura consolidar-se como uma autarquia, não obstante ter sido elevada à categoria de município há mais de 15 anos. Porém, apesar de inúmeros problemas relacionados com o desemprego, vias públicas lamacentas e bairros desordenados, ela tem uma ambição: quer tornar-se uma cidade. As chuvas que, esporadicamente, caem naquela circunscrição colocam a olho nu a ineficiência das autoridades municipais de uma vila cuja economia depende praticamente da cultura de cana-de-açúcar.

Texto: Hélder Xavier • Foto: Fernando Domingos

Localizada na margem sul do rio Zambeze, concretamente na província central de Sofala, a vila municipal de Marromeu é pacata, apresentando problemas de diversa natureza que lhe conferem, por assim dizer, características de um velarejo abandonado à sua própria sorte. Mas, por alguma razão, é um município. O desemprego e a falta de unidades sanitárias são algumas das maiores questões enfrentadas pelos munícipes.

O desemprego continua a ser a principal dor de cabeça, colocando, sobretudo, os jovens numa situação dramática. Na verdade, em Marromeu, não há oportunidades de emprego. A solução tem sido o auto-emprego ou esperar-se por uma vaga na Companhia de Sena que já emprega pouco mais de sete mil pessoas. A economia do município é impulsionada pela cultura de cana-de-açúcar, e também pelo comércio informal, onde diversas actividades comerciais sobressaem aos olhos dos transeuntes de forma tímida. Apesar disso, segundo a edilidade, a contribuição fiscal dos munícipes é insuficiente para custear as despesas da autarquia.

Marromeu tem uma população estimada em cerca de 40 mil habitantes maioritariamente camponeses. Diga-se, em abono da verdade, sem menosprezar o acesso a água e a cuidados básicos de saúde, a precariedade das vias de acesso é a principal inquietação dos habitantes daquela circunscrição. Recentemente, as autoridades municipais avançaram com a pavimentação de um troço de dois quilómetros e 100 metros a nível da autarquia. No entanto, quando chove, as estradas tornam-se praticamente intransitáveis, ou seja, o pavé dá lugar à lama. Na verdade, Marromeu vive num dilema: na época chuvosa, as vias ficam lamacentas e quando faz muito sol são invadidas por poeiras.

Mas a falta de asfaltagem da estrada que liga Marromeu a outros pontos do país, num percurso de pouco mais de 300 quilómetros, pode-se dizer que é a principal razão do retardamento do progresso da autarquia em particular, e do distrito em geral.

Urbanização e saneamento

A questão da urbanização ainda é um desafio para o município, uma vez que este ainda não dispõe de um plano de estrutura. O grande calcanhar de Aquiles é o desordenamento territorial que grassa por todas as zonas



residenciais. A edilidade reconhece o problema, e o argumento que apresenta é ter herdado essa situação. Porém, neste momento, existe um programa com vista à requalificação dos bairros mais críticos como, por exemplo, 1º de Maio e Kenneth Kaunda.

O município de Marromeu ocupa uma área de 144km² e é constituído por sete bairros. De referir que os bairros periféricos são os exemplos mais bem acabados de lugares quase irrespiráveis, onde não foi respeitado nenhum plano de urbanização. Todos os dias, surgem habitações precárias de forma desorganizada. Quase todos se debatem com problemas de diversa ordem, desde o acesso limitado a água, passando pela precariedade das vias públicas até às construções desordenadas.

À entrada da vila, um problema comum salta à vista. Um pouco por todos os cantos da autarquia pode-se deparar um dos principais fenómenos que assola quase todos os municípios do país: o lixo nas ruas, facto que coloca a nu a ineficiência das autoridades municipais. No entanto, o Conselho Municipal da vila de Marromeu garante que criou um comité de limpeza, além de possuir meios

para a remoção de resíduos sólidos a nível da autarquia na via pública.

A edilidade tem dois tractores e, neste momento, está a trabalhar com uma organização não-governamental para acabar com o problema do lixo a nível da autarquia. Além disso, está a negociar com a Companhia de Sena para a construção de uma lixeira comum de modo a beneficiar tanto aquela unidade industrial, assim como o município.

Acesso a água potável

O acesso ao precioso líquido ainda é uma das principais preocupações da população, apesar de as autoridades municipais garantirem que o problema está praticamente ultrapassado, visto que o município conta com 96 bombas de água, além de um pequeno sistema de abastecimento. Mas todos os dias, pelas manhãs e não só, os munícipes circulam com recipientes pela via à procura de água para consumo.

De acordo com a edilidade, não há problema de falta de água na área municipal, até porque o actual nível de cobertura é de 90 por cento. Neste mandato prestes a terminar, foram construídas 72 bombas manuais em todas as zonas residenciais, não havendo casos em que os mu-



A CONTECEU
A verdade em cada palavra.
Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634
@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



nícipes têm de percorrer longas distâncias para obter água. Presentemente, cada bairro conta com pelo menos duas fontes do precioso líquido, com excepção do 7 de Abril – por sinal o mais populoso da autarquia – que dispõe de 22.

Porém, a dona de casa Maria Graça, todos os dias, tem de fazer um percurso de três quilómetros até à bomba de água mais próxima da sua habitação. Residente no bairro Samora Machel, ela afirma que, muitas vezes, é obrigada a deslocar-se aos bairros circunvizinhos para conseguir apenas um bidão de 20 litros de água. Na verdade, este não é apenas o drama de Maria, mas também de dezenas de munícipes daquela autarquia. “O nosso problema é só a falta de água”, sublinha.

Refira-se que a água canalizada é um luxo a que somente poucos munícipes se podem dar.

Saúde e Educação

A nível da vila municipal existe apenas uma unidade sanitária, o que se mostra insuficiente para atender uma população estimada em 40 mil habitantes, assim como se assiste a casos de pessoas que têm de percorrer longas distâncias para obter cuidados médicos.

O drama por que passam os munícipes não é de hoje, e já perdura há vários anos não se vislumbrando uma solução imediata. A título de exemplo, há alguns anos, um operador de transporte privado de passageiro, que não quis ser identificado, passou por uma situação que, ao lembrar-se, o deixa bastante indignado. Ele conta que perdeu o seu filho que havia nascido prematuramente no Hospital Rural de Marromeu por falta de uma incubadora naquela unidade sanitária. “Há 15 anos de municipalização continuamos na mesma situação, sem hospitais, nem serviços básicos e tão-

-pouco estradas em boas condições. É uma lástima”, lamenta.

As doenças diarreicas e a malária têm sido as principais causas de internamento na única unidade sanitária da vila. O acesso a cuidados sanitários continua a ser uma preocupação e, actualmente, o desafio é aumentar o número de unidades para o efeito com vista a incrementar a capacidade de a população poder beneficiar dos serviços básicos de saúde, que neste momento se configuram insuficientes.

No que diz respeito à Educação, a edilidade construiu apenas cinco salas de aulas, reabilitou duas, expandindo a rede escolar, e ofereceu 25 carteiras em algumas escolas onde centenas de crianças são forçadas a sentar-se no chão.

Transporte e rede eléctrica

À semelhança de outros municípios emergentes do país, a vila de Marromeu não dispõe de transporte municipal. Os “chapas”, maioritariamente carrinhas de caixa aberta, quando o comboio – que circula uma vez por semana – não circula, garantem a ligação à cidade da Beira e ao distrito de Caia.

Relativamente à electricidade, a vila com características rurais tem as ruas pouco iluminadas. Aliás, a iluminação pública é precária, mas a edilidade garante que a situação tem vindo a melhorar à medida que a vila cresce. Dos sete bairros que constituem o município, dois deles não dispõem de energia eléctrica, nomeadamente Samora Machel e Joaquim Chissano. A maioria dos munícipes não tem electricidade nas suas respectivas casas e os que dispõem dela queixam-se de que não chega nas condições desejáveis. De acordo com o edil, existe um plano de expansão e melhoria da rede de corrente eléctrica para aquelas zonas residenciais.

Contextualização

Com uma densidade populacional de aproximadamente 12,5 habitantes por km², o distrito de Marromeu ocupa uma área de 5.810 km². Conta com uma população estimada em cerca de 72.447 habitantes e na capital do distrito estima-se em 40 mil, segundo o Censo de 2007. O nome Marromeu deriva de “marro”, palavra que significa “terras baixas, lodo ou matope” na língua Sena. A povoação foi estabelecida por ordem da Companhia de Moçambique, em 1904.

A actividade dominante é a agricultura de subsistência e as principais culturas alimentares do sector familiar são, nomeadamente arroz, milho, mandioca, mapira, mexoeira e batata-doce. Devido aos danos provocados pela guerra, praticamente toda a actividade comercial e industrial do distrito cessou. Porém, presentemente, a unidade mais notória é a refinaria de açúcar.

Município de Marromeu em números

População: 40 mil

Bairros: 7

Bombas de água: 96

Unidade sanitária: 1

Trabalhadores: 8 mil

Vereações: 4

Funcionários do município: 90

Agentes económicos: 24



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Mídia NINJA: um fenómeno de jornalismo alternativo que emergiu dos protestos no Brasil

Na esteira das grandes manifestações que se espalharam pelo Brasil desde Junho, emergiu um fenómeno mediático. O colectivo Mídia NINJA, com o seu modelo de transmissão dos acontecimentos “sem corte e sem censura”, ao vivo e em directo das ruas, atraiu os olhares e a admiração de milhares de pessoas recentemente.

Texto: Natalia Mazotte/Knight Center • Foto: IPS

Para quem ainda não conhece, NINJA, mais do que uma referência ao agente oriental, é uma sigla que significa “Narrativas Independentes, Jornalismo e Acção”. É esta última palavra que tem dado o tom da sua cobertura e levantado o debate sobre se ainda faz sentido apartar jornalismo do activismo.

As transmissões são feitas em grande parte por celulares e dispositivos 4G, mais na base do improvisado do que de um roteiro pré-definido. Se a prática de transmitir actos públicos não é nova, a visibilidade que ela ganhou com o grupo surpreende, chegando a bater a marca dos 100 mil espectadores. Os ninjas divulgam o seu conteúdo pelas redes sociais e têm uma resposta do público que supera em muito a interacção vista em páginas de veículos da grande mídia brasileira. Eles já contam com mais de 120 mil curtidores no Facebook, numa conta criada há cerca de quatro meses.

O sucesso fica evidente também nas reuniões abertas do colectivo, que atraem centenas de pessoas dispostas a colaborar e a juntar-se a equipa de ninjas. Na última delas, realizada na Escola de Comunicação da UFRJ na terça-feira (23), muitos participantes deixaram claro o porquê do apoio: “A gente sente-se muito representada pela forma como vocês andam a noticiar. A versão da história que vocês dão é muito próxima da versão do facto que a gente verifica”, disse um dos presentes, aplaudido pelos demais.

Para o ninja Filipe Peçanha, 24, a mídia independente vem ganhando espaço com a insatisfação diante da cobertura dos protestos feita pela grande mídia. “Nós temos virado um pouco a referência durante os actos públicos, as pessoas demonstram apoio ao nosso trabalho. Ao contrário do que acontece com repórteres de veículos como a Globo.” Peçanha acabou por ser detido pela Polícia Militar enquanto cobria o protesto nos arredores do Palácio Guanabara (sede do Governo estadual) na última segunda-feira (22), acusado de “incitar à violência”. Algumas horas depois, foi libertado com um segundo ninja que também havia sido detido. Ambos continuaram na delegacia até a manhã seguinte aguardando a libertação de outras pessoas.

Jornalismo activista

Esse tipo de engajamento, que faz o repórter assumir o ponto de vista do manifestante, é o que, na opinião da directora da Eco, Ivana Bentes, constitui a riqueza do grupo. “A NINJA trabalha com a comoção, o desejo e a participação social, é um tipo de narrativa muito mais interessante do que a ideia pobre e corporativista de jornalismo”, declarou durante a reunião do colectivo.



É também o ponto fora da curva do jornalismo tradicional, que busca um olhar distanciado, supostamente isento, dos factos. Em muitas transmissões, é possível acompanhar a correria e as reacções dos ninjas a par dos confrontos entre manifestantes e policiais, quase como se fosse um filme de acção em tempo real.

Para Bruno Torturra, o jornalista mais experiente da turma, trata-se de uma narrativa que rompe alguns paradigmas clássicos da profissão ao mesmo tempo que retoma a sua função essencial. “O nosso principal objectivo é retomar para a causa do jornalismo e da comunicação o seu papel activista de servir como olho público e fornecer informações cada vez mais qualificadas para defender a democracia”, explica. “Não sei se vamos ter um manual de redacção, acho que o bom senso se vai tornar o nosso manual”.

Sobre a verificação dos factos, um dos principais fundamentos do jornalismo, Bruno acredita que ela também se tornará cada vez mais distribuída em rede. “O repórter será cobrado em tempo real porque ele verá as pessoas a falar enquanto transmite.”

Apesar do sucesso mediático, a conduta jornalística do grupo foi alvo de críticas num episódio recente. O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, convidou a NINJA para uma entrevista exclusiva no seu gabinete. Apenas algumas horas depois do convite, eles estavam a transmitir a conversa ao vivo, para milhares de internautas. No final, muitos criticaram a falta de preparo e a forma como foi conduzida a entrevista.

Pelo Facebook, o grupo respondeu às críticas. “É no processo, na experiência, na transparência, no teste real, ao vivo e sem cortes, que estamos a avançar. Construindo a nossa base de público e equipa. E pensando, com os muitos erros e acertos, em como entregar um jornalismo cada vez mais próximo da enorme confiança e expectativa que tanta gente deposita na Mídia NINJA.”

Num comentário, a professora de jornalismo Sylvia Moretzsohn rebateu: “Não há como dizer que ‘é na experiência, no teste do real’, etc., que se pode avançar. Não é apenas isso, é muito mais que isso e exige preparo. Não dá para se lançar assim, voluntariosamente, num ambiente que se desconhece. Não dá para ignorar as táticas das assessorias. Vocês poderiam perfeitamente negar a oferta. Argumentos não faltariam. Da forma que aceitaram, e da forma que foi, acabaram por servir a quem queriam criticar.”

Superado o episódio, Torturra admite que o colectivo não soube abrir o processo da entrevista em rede nem pedir o tempo necessário para se preparar. “Precisamos de trazer jornalistas experientes para essa conversa para entendermos em que erramos”, afirma.

Na agitação entre o jornalismo tradicional e o que está em construção, a NINJA continua a crescer. Rafael Vilela, membro do colectivo que conseguiu – graças a colaborações espontâneas, segundo ele – ir ao Egito cobrir as manifestações, considera a NINJA um incentivo para quem busca novos caminhos dentro do jornalismo. “Hoje os nossos conteúdos têm um enorme potencial de repercussão. A coisa mais importante que o Ninja conseguiu foi dar visibilidade a uma outra via para o jornalismo que não a das grandes redacções, e isso é um estímulo para as pessoas buscarem outras formas de viver do jornalismo. Eu já estou há dois anos a viver disso”, declara.

Origem

Apesar de a repercussão do grupo ter sido impulsionada pelos protestos de Junho, o laboratório para a NINJA começou anos antes, na cobertura ao vivo da Marcha da Liberdade de São Paulo, em 28 de Maio de 2011. A experiência resultou no lançamento de um canal de transmissão de debates na Internet chamado PósTV, mantido por integrantes do colectivo Fora do Eixo. É dele que vêm os recursos utilizados pelos ninjas.

O Fora do Eixo nasceu em 2006, como uma rede para organizar circuitos de música e impulsionar artistas independentes longe do eixo Rio-São Paulo. Anos depois, tornou-se uma organização presente em várias cidades, com capacidade para realizar mais de 5 mil shows por ano, e composta por mais de 270 colectivos.

Pablo Capilé, um dos fundadores do FdE, explica que esta rede só foi possível com o espaço aberto pela crise da indústria fonográfica enquanto intermediária na difusão da música. E dispara: agora é a vez do jornalismo. “Nos protestos vemos os grandes veículos de comunicação colocados em xeque. Esse contexto é bom para que iniciativas independentes que estão a pensar em novas narrativas se fortaleçam”, ressalta.

Próximos passos

A explosão repentina das ruas acabou por adiar o processo de construção do site do colectivo. “Estamos limitados na nossa capacidade jornalística por estarmos só no Facebook”, observa Torturra. “Tudo está a mudar muito rápido para que a ideia de site que vinha sendo discutida pudesse ser colocada no ar. Precisamos de sair do Facebook para conseguirmos explorar melhor as possibilidades editoriais. Pensamos em algo como um portal que fosse também uma rede social”, complementa.

O jornalista acredita que a chave para a sustentabilidade do grupo está no apoio recebido nas redes e nas ruas. “Estamos a pensar em maneiras de nos financiar com dinheiro público, mas que não seja estatal.” Torturra explica que eles pretendem lançar em breve uma campanha no Catarse para conseguir verba para pagar os custos iniciais, como servidor e desenvolvimento, da sua nova plataforma. Depois disso, uma inovadora combinação de vários modelos de financiamento, incluindo assinaturas, micropagamentos para colaboradores, dinheiro de fundações e “vaquinhas” para reportagens específicas será posta em prática.

“A ideia do Catarse está ligado à confiança e à legitimidade que você gera. Sendo uma fonte de informação que inspira confiança, sendo sustentável em termos jornalísticos, você acaba por conseguir ser financeiramente”, afirma Vilela.

Questionados sobre o que farão depois que o calor das manifestações públicas passar, o plano é simples. Dar cada vez mais ênfase à palavra acção que integra o nome do grupo. “É seguir com o que já temos feito nos últimos dois anos em São Paulo, sem usar o nome NINJA. Estamos a pensar em transmitir cada vez mais aulas públicas, programas ao vivo na rua, experimentar programas de auditório na rua, debater pautas abertamente”, conta Torturra.

Com o Mundial e as Olimpíadas a caminho e a promessa de ruas ainda mais fervilhantes, este parece ser só o ensaio para essa geração que produz e consome mídia dos aparelhos que carrega no bolso e espera acessar notícia de qualquer lugar, a qualquer hora.

Como o “mais perigoso blogueiro do mundo” mudou a política russa

No dia 18 de Julho, um julgamento na cidade russa de Kirov sentenciou o blogueiro Aleksey Navalny a cinco anos de prisão por, como ele mesmo gosta de chamar, “roubar uma floresta”. Navalny era um conselheiro voluntário para a reformulação de uma madeireira local e é acusado de causar um prejuízo de 500 mil dólares ao governo. No dia 19, ele foi solto, atitude considerada como uma manobra política de um dos seus principais inimigos, o Presidente Vladimir Putin.

Texto: The New Republic/sítio Observatório da imprensa • Foto: Reuters

A acusação contra Navalny é vista como uma forma de perseguição política ao primeiro líder a surgir dentro da oposição russa desde a queda da União Soviética. Para a analista de política russa Masha Lipman, Navalny é um político nato: “Se a Rússia fosse um país com um campo livre para a competição política, ele certamente teria uma carreira política brilhante. Poderia até ser um candidato presidencial”.

Mas esse não é o seu maior trunfo. Diferente de toda a oposição ao Governo Putin, Navalny entendeu que o problema da Rússia não é o seu presidente, mas sim a cultura pós-soviética de ganância, medo e cinismo encorajada e explorada por Putin. Navalny também soube afastar-se da velha guarda liberal, que chamou de “massa de restos e migalhas do movimento pela democracia dos anos 80”. Para ele, essa oposição simplesmente participa no culto a Putin em reverso, pois também é um culto acreditar que todo o mal do país é fruto de uma só pessoa.

Navalny também se opõe à mentalidade de que os russos são naturalmente predispostos à corrupção e ao autoritarismo: “Não existe um obstáculo mental ou cultural para vivermos normalmente. A Rússia não é tão diferente da Europa para obter um padrão de vida europeu. E nós podemos viver deste jeito. Nós também podemos construir uma democracia ao estilo europeu”, disse.

A batalha final

Em vez de organizar pequenos protestos no estilo da velha guarda, Navalny trabalhou silenciosamente e metodicamente durante anos para construir a fundação dos massivos protestos



por democracia em 2011 e 2012. Mesmo antes de criar o seu popular blog, “A batalha final entre o bem e a neutralidade”, Navalny, que também é advogado, trabalhou em projectos que envolveram jovens em protestos locais e ensinou-os a utilizar canais burocráticos em sua vantagem. No seu blog, detalhou os ridículos esquemas pelos quais bancos estatais e companhias de petróleo e gás desviaram quantias milionárias. Ele postou documentos que comprovavam as suas alegações, e isso tornou-se tão popular que Navalny criou um projecto de financiamento colectivo, o Fundo para a Luta contra Corrupção. Isso permitiu-lhe não depender do tóxico financiamento externo e ser auto-suficiente.

“Navalny está a tornar o roubo tão perigoso como agora é seguro. Ele está a mudar a percepção do público e dos burocratas sobre os riscos”, disse Anton Nossik, um empresário da Internet. Ele fez os russos, que vivem numa sociedade atomizada e sedada pelo petróleo e pela política de Putin, perceberem que eram responsáveis pelo que acontecia no mundo e, mais importante, que poderiam mudar as coisas.

O seu trabalho meticuloso foi o que trouxe dezenas de milhares de pessoas para as ruas de Moscovo. Muitos deles votaram pela primeira vez em 2011 influenciados pelo blogueiro e sentiram-se traídos quando a eleição foi fraudada. Milhares inscreveram-se para o tedioso trabalho de monitoramento de eleições, algo inimaginável alguns anos antes. Reconhecendo a mudança, e também o seu responsável, as autoridades prenderam Navalny um dia depois das eleições.

Máquina repressora

Navalny também mostrou aos russos que eles não deveriam ter medo. Para ele, não existe uma máquina repressora dominada por Putin. “É tudo ficção. Eles podem perseguir e destruir uma única pessoa, mas não conseguem fazer nada contra uma multidão. Não existe uma máquina. É só um grupo de bandidos unidos sob o retrato de Putin. Não existe um regime extremamente repressivo. É só um grupo de bandidos”, declarou. “Mas se amanhã uma dezena de homens de negócios falarem livremente, nós viveríamos num país diferente”.

E o amanhã realmente trouxe uma Rússia diferente, como mostraram os milhares de manifestantes contra a condenação de Navalny. O seu julgamento marcou a primeira vez em que ele apareceu na televisão nacional, que é completamente estatal. O ponto

era associar o eu nome ao crime e à corrupção. No entanto, pesquisas mostram que o povo russo é suficientemente cínico para perceber que as acusações são uma retaliação ao seu trabalho político.

Entendendo isso, Navalny transformou a sua fala final no julgamento num pequeno discurso: “Vamos sair deste mundo de fantasia. Em quinze anos de grande fluxo de petróleo e gás, o que o cidadão comum conseguiu? Algum de nós tem melhor acesso a saúde, a educação, a moradia? O que nós conseguimos?”.

Navalny não é tímido sobre as suas ambições políticas e já falou que deseja concorrer às eleições presidenciais. Um dia antes do julgamento, escreveu um longo texto para o seu blog. “Chega de ter medo. É tempo de se organizar e ir ao trabalho. Em todos esses anos, aprendi ao vosso lado como organizar-nos mesmo em condição de intimidação estatal e falta de dinheiro. Aprendemos a conseguir dinheiro, a conduzir investigações, a encontrar as propriedades desses bandidos. Aprendemos a produzir, financiar e distribuir jornais. Aprendemos a organizar grandes protestos.”

“Não existe ninguém além de vocês”, continua. “Não existe ninguém que se importa mais com esse país do que vocês. Não existem voluntários mágicos que surgirão e trabalharão por vocês. Se vocês já chegaram ao ponto de ler este blog, então vocês fazem parte da vanguarda. Não existe ninguém além de vocês”.

O principal, disse ele, é não ceder ao medo. “Afinal, o que eles podem fazer? Prender vinte pessoas, cinquenta? Cem, se eles realmente se excederem? É claro que é desconfortável ser uma dessas vinte, cinquenta, cem pessoas, mas todo o tipo de coisas acontecem na vida. Às vezes, um piano cai na cabeça das pessoas”.

Papa convida jovens a “mudar o mundo” e a ir para a rua

Os jovens devem comprometer-se nos campos social e político para “mudar o mundo”. Este foi o convite que o chefe da Igreja Católica deixou aos mais de três milhões de jovens que estiveram, no sábado (27) à noite, na praia de Copacabana, Rio de Janeiro, Brasil, em vigília de oração.



Copacabana foi transformada num enorme parque de campismo com quatro quilómetros de comprimento. O presidente da câmara do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, calcula que estiveram três milhões de pessoas na praia da zona sul da cidade, “um recorde histórico”, superior ao da noite de passagem de ano – o Rio é conhecido pelos festejos do *réveillon*. Na manhã do domingo (29) previa-se um número seme-

lhante. Mais comedido, o porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi referiu-se a dois milhões de jovens.

Durante a vigília e referindo-se aos manifestantes brasileiros que exigem o fim da corrupção e melhores condições de vida, Francisco disse: “Os jovens nas ruas querem ser actores da mudança. Por favor, não deixem que sejam os outros os actores da mudança. Não fiquem à margem da vida, não foi (à margem) que Jesus permaneceu. Ele comprometeu-se. Comprometam-se tal como fez Jesus!”

“O vosso jovem coração quer construir um mundo melhor. Sigo as notícias do mundo e vejo tantos jovens que saem à rua para exprimir o seu desejo de uma civilização mais justa e fraterna”, testemunhou Francisco, acrescentando que os jovens devem combater a “apatia e oferecer uma resposta cristã às inquietudes sociais e políticas que surgem nas diferentes partes do mundo. Peço-vos que sejam os construtores do futuro.”

Durante a tarde e à margem do programa da Jornada, cerca de mil manifestantes protestaram contra o Papa, a Igreja Católica e a situação do Brasil. Apelidada pelas próprias como a Marcha das Vadias, mulheres seminuas gritavam dirigindo-se aos peregrinos. Algumas empunhavam cartazes onde os terços desenhavam a forma de um pénis e outras distribuíam preservativos, chocando muitos dos que esperavam pelo Papa.

Futebol Feminino: União Desportiva de Lichinga sagra-se campeã nacional

A equipa da União Desportiva de Lichinga sagrou-se vencedora da edição 2013 do Campeonato Nacional de Futebol Feminino ao derrotar, na última jornada, a Viveiros de Nampula, por 1 a 0. O certame decorreu na cidade de Nampula, entre os dias 19 e 29 do mês em curso.

Texto & Foto: Redacção

Apesar do aparente desgaste físico em virtude de terem, em dois dias, realizado duas partidas, uma na tarde de sábado (27 de Julho) e duas no domingo (28), sendo a primeira de manhã e outra à tarde, as representantes de Niassa não se deixaram abater e lutaram todos os noventa minutos à busca do objectivo principal nesta prova: levantar o troféu.

Depois de a Servitrades ter goleado a Cocorico da Beira, por 4 a 1, esta última equipa que à entrada da última jornada ocupava a primeira posição, nada mais restava às jogadoras da União Desportiva de Lichinga senão vencer para se sagrarem, pela primeira vez, campeãs nacionais. Dito e feito. Venceram pela margem mínima de 1 a 0, com um golo apontado ao minuto 39 da primeira parte, mercê de um erro defensivo da guarda-redes da Viveiros de Nampula que, num lance praticamente inofensivo, não conseguiu segurar o esférico, deixando-o escapar até se agachar no fundo das malhas.

O apito final do árbitro, ao minuto 92, foi apenas para a confirmação da conquista do Campeonato Nacional de Futebol Feminino.

Importa referir que esta foi a primeira vez que a União Desportiva de Lichinga venceu esta competição. A equipa de Nampula, que liderou a prova até à sexta jornada e cotada como favorita para a conquista da prova, terminou na quarta posição da tabela classificativa geral.

A Cocorico permaneceu na segunda posição, com 16 pontos, a um da campeã nacional, seguida pela Servitrade de Maputo, com 15. A Academia Chamisso de Pemba foi a lanterna vermelha da competição, sem nenhum ponto conquistado.

Competição manchada por tumultos

Nesta prova foram disputadas 35 partidas em oito jornadas, das quais três não chegaram ao fim devido às escaramuças protagonizadas por algumas atletas, bem como pelo público assistente. Trata-se dos jogos entre Viveiros de Nampula e Sevitrades da oitava jornada, que teve lugar no estádio 25 de Setembro; Clube Fanta da Beira e Sevitrades de Maputo, da sexta jornada no campo Francisco Durão; e entre as equipas da Servitrades de Maputo e Academia Chamisso de Pemba, da quarta



jornada também no recinto Francisco Durão.

Nestes jogos, a comissão organizadora do evento homologou os resultados a favor das equipas que estiveram em vantagem no marcador até ao período da interrupção, até porque, em todos eles, os distúrbios foram instigados pelos conjuntos que estavam em desvantagem no marcador. Contudo, não foi aplicado nenhum castigo aos incitadores dessas práticas anti-desportivas.

Premiadas as melhores

No fim do certame, para além do troféu de campeã nacional da edição 2013, conquistado com todo o mérito pela União Desportiva de Lichinga, foram igualmente premiadas as árbitras Antónia Guilherme e Elsa da Graça como aquelas que mais se destacaram, com Nelsa Abílio e Estrela Gonçalves, por sua vez, a receberem os prémios de melhores assistentes.

A atleta Mariamo Nacir do Clube Cocorico da Beira, que ao longo da semana marcou 11 golos em oito jogos, ficou com a distinção de melhor marcadora da prova. Mariza Gaita, da Academia Militar de Nampula, foi distinguida como a Jogadora Mais Valiosa do campeonato, enquanto Elsa Francisco, da União Esperança de Quelimane, foi eleita a melhor guarda-redes.

O prémio fair-play foi para a equipa da Computer Solution de Manica que em oito jogos foi admoestada com a exibição de apenas três cartões amarelos. A próxima edição do Campeonato Nacional de Futebol Feminino terá lugar na cidade da Beira, província de Sofala, em 2014.

Futebol Feminino: Quem são as (verdadeiras) campeãs nacionais?

A União Desportiva de Lichinga sagrou-se, no último domingo (28 de Julho), vencedora da edição 2013 do Campeonato Nacional de Futebol Feminino. O @Verdade, nesta semana, publica o extracto da conversa que manteve com Marcelino Romão, delegado e membro sénior da direcção daquela colectividade.

Texto: Júlio Paulino

É sabido que Niassa é uma província com pouca expressão a nível do desporto moçambicano. Aliás, raramente se fala da mesma quando o assunto em análise afecta o campo desportivo.

Contudo, aquela província, neste ano, surpreendeu tudo e todos ao pousar no trono do futebol feminino nacional, através da improvável União Desportiva de Lichinga, uma colectividade que se julga ter atingido o objectivo da sua existência: erguer mais alto o nome da província de Niassa.

Somente para introduzir, as novas campeãs nacionais pertencem a um clube com poucos recursos ou, diga-se, em abono da verdade, praticamente inexistentes. E é em torno dessa discordância que nesta semana publicamos a conversa tida com o delegado e membro sénior da direcção da União Desportiva de Lichinga, o indivíduo que acompanhou aquela equipa do primeiro até ao último minuto do Campeonato Nacional de Futebol Feminino, prova que teve lugar na cidade de Nampula.

@Verdade (@V) - Como é que surgiu a União Desportiva de Lichinga? Marcelino Romão (MR) - A União Desportiva de Lichinga surgiu em 2007, com o objectivo de competir a nível dos bairros desta cidade. Naquela altura recebíamos muitos convites de equipas desta região de Niassa pelo que, a dada altura, notámos que a capacidade e a vontade das jogadoras eram outras, superando a dimensão do recreativo.

Foi a partir daí que decidimos formalizar a equipa em Janeiro de 2008 passando, a partir deste período, a competir em provas oficiais organizadas pela Associação Provincial de Futebol de Nampula (APFN). Um ano mais tarde conquistámos o nosso primeiro troféu, de campeãs provinciais. Fomos, nessa qualidade, ao nosso primeiro Campeonato Nacional de Futebol Feminino que decorreu na Beira, onde conseguimos, fruto do nosso esforço, alcançar a quinta posição.

continua Pag. 23 →

Desporto

Como primeiro ano para nós foi um excelente resultado. Aliás, fomos à Beira com o simples objectivo de ganhar experiência. Depois desse certame criámos condições para evoluciona- r o nosso clube, contratando mais jogadoras e montando uma estrutura desportiva própria, de modo a trazer robustez à colec- tividade.

Fruto disso, até ao presente, só colecionámos troféus nos campeonatos provinciais realizados até hoje. Mas é importante sublinhar, também, que ao longo deste percurso perdemos al- gumas atletas que preteriram o futebol para prosseguirem com a vida profissional e/ou privada.

@V - É possível caracterizar as atletas da União Desportiva de Lichinga?

MR - O nosso plantel é constituído basicamente por atletas que já concluíram os estudos, refiro-me ao nível médio. E porque o emprego nesta província e o ingresso noutros níveis de ensino têm sido difíceis, elas decidem abraçar o futebol como forma de evitar o seu envolvimento em actos ilícitos, práticas comuns da juventude em Lichinga, como é o caso de consumo excessivo do álcool, das drogas e a prostituição.

@V - O clube conta com algum apoio, sabido que foi fundado por um grupo de jovens?

MR - Nós contamos com o apoio de Estêvão Maeval, um em- presário local que abraçou a causa desta colectividade desde o seu primeiro minuto de existência. Para além de prestar apoio material e financeiro sempre que dele precisamos, ele tem aca- rinhado e encorajado as jogadoras a abraçarem este projecto pelo que posso afirmar, sem medo, que ele é o responsável pela existência do clube até aos dias que correm. Sem ele, acredito, a União Desportiva de Lichinga não existiria.

Mas, por outro lado, tenho de exaltar a contribuição que os pais e encarregados de educação, de forma individual, têm feito à equipa através da oferta de material desportivo como chuteiras.

@V - E o que tem a dizer no que diz respeito ao apoio do go- verno sabido que é, digamos, o único clube de futebol que con- segue hastear o nome da província de Niassa?

MR - É de lamentar este aspecto. Eu acho que o futebol femi- nino está relegado ao esquecimento em Niassa. Não consta dos planos do nosso governo; não está nas previsões do mu- nicípio; e não recebe apoio de nenhuma instituição governa- mental.

A título de exemplo, na nossa deslocação a Nampula para par- ticipar no Campeonato Nacional de Futebol Feminino remete- mos, com a devida antecedência, pedidos de apoio ao governo provincial. O que sucedeu foi que, à última hora e contraria- mente às nossas reais necessidades, foram alocados 40 litros de combustível para abastecer a viatura que iria transportar a equipa de Lichinga a Nampula.

Não quero, com isso, dizer que nos sentimos injustiçados, até porque acho que não é dever do governo prestar qualquer tipo de apoio. Mas se nós estamos a representar uma província, en- tendo que merecíamos maior atenção, sobretudo dos dirigen- tes locais.

As pessoas precisam de perceber, também, que o futebol não trás nenhum lucro financeiro imediato com que possam subsis- tir os clubes em Moçambique. É preciso que as pessoas unam os seus esforços por uma causa comum. A União Desportiva de Lichinga já demonstrou a sua capacidade de elevar o nome de Niassa a nível nacional.

@V - Em termos de infra-estruturas, a União Desportiva tem algum campo próprio?

MR - A falta de uma infra-estrutura desportiva é um gran- de mal que nos assola. Neste momento estamos a treinar em dois campos, sendo o pelado que se localiza num dos bairros da cidade de Lichinga, e o outro relvado do campo municipal, este último que temos usado em período de preparação para as grandes "batalhas", como são os casos dos campeonatos pro- vinciais e nacionais.

Este último importa referir que é usado mediante o pagamento de quinhentos meticais por semana, alegadamente porque tem de se restaurar a relva, o que nos obriga a recorrer aos bolsos dos nossos atletas e treinadores.

@V - Sendo esta a primeira vez que ganha um título nacional, qual é a análise que faz das anteriores participações da equi- pa nos certames organizados pela Federação Moçambicana de Futebol?

MR - As anteriores edições foram para ganhar experiência. Nesta última edição notou-se uma entrega total das atletas, de peito aberto e sem medo. Foi excepcional observar uma equipa que defronta adversários de todo o país de forma natural e em igualdade de circunstâncias.

A nossa meta é sempre melhorar os nossos resultados, pelo que neste ano era inevitável levantar o troféu. Só para elucidar, no primeiro ano que fizemos parte de um campeonato nacional fi- cámos no quinto lugar da tabela classificativa geral; no segundo terminámos na quarto antes de, no ano passado, termos con- quistado a segunda posição.

Ademais, cinco das nossas atletas fizeram parte da selecção nacional feminina, tendo alinhado como titulares em todos os jogos que participaram. Mas isso não pode, de jeito nenhum, envaidecer-nos. Pelo contrário. Nós temos de continuar a tra- balhar com vista a reforçar este projecto.

@V - Depois de ter conquistado o troféu nacional, o que se pode esperar da União Desportiva de Lichinga?

MR - A nossa luta, ainda que seja utopia para muitos, é ver as nossas atletas a praticarem futebol noutros palcos, sobretudo os internacionais, em campeonatos com maior visibilidade e com- petitividade como é caso de Angola. Mas internamente quere- mos continuar a ganhar mais títulos, tanto na província como a nível nacional.

Estamos cientes de que, para isso, é preciso encontrar formas de tornar o clube cada vez mais sustentável, diferentemente do que sucede hoje, em que somos obrigados a estender a mão para satisfazer algumas necessidades básicas. É inadmissível, por exemplo, que como clube tenhamos de "mendigar" com-

bustível para as nossas deslocações para fora da província.

@V - Qual é a "factura" anual para tornar o clube sustentável?

MR - Nas nossas contas e planos julgamos que precisamos de quinhentos mil meticais por ano. É desse valor de que carece- mos para realizar todas as actividades programadas, bem como satisfazer as nossas (reais) necessidades básicas, desde a aquisi- ção de equipamento desportivo, lanche para as atletas e equipa técnica, até às deslocações da equipa.

Mas é preciso afirmar que sempre trabalhamos com os poucos recursos que temos. Só para dar um exemplo, neste "Nacional", que teve a duração de uma semana, tivemos um orçamento de apenas trinta mil meticais que chegou apenas para alimentar a nossa delegação.

@V - Quais são os conselhos que deixa para que o futebol fe- minino no país possa registar melhorias?

MR - Eu acho que é preciso que o futebol feminino no país te- nha bases, ou seja, que se torne possível a sua praticabilidade a nível dos bairros, a nível das províncias e, no "Nacional", que seja dotada de melhores condições, tal como acontece, por exemplo, com o futebol masculino. Nós os clubes temos de pensar mais na componente da formação, movimentando mais escalões.

Por último gostaria de ver os vencedores das competições na- cionais ganharem prémios monetários e não somente taças.

Publicidade



cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em servi- ços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mer- cado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores prin- cipais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em audito- ria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente foca- das na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em audi- toria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de espe- cialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profis- sionalismo, entusiasmo e motivação para parce- rias no desenvolvimento de soluções de audi- toria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358E-
-mail: mz-fminformation@kpmg.com



Desporto

Vela: Moçambique não obteve bons resultados no “Mundial”

Dois velejadores moçambicanos participaram, pela primeira vez, no Campeonato Mundial de Vela, na categoria de juniores, entre os dias 13 e 20 de Julho, em Chipre. Nesta prova, Moçambique não obteve bons resultados ainda que a nível dos países africanos tenha terminado na terceira posição.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Velik José Manhiça, de 15 anos de idade, terminou a prova na 49ª posição, enquanto a sua compatriota, Neide Nhaquila, não conseguiu fugir da inevitável última posição, ambos na classe Laser, ou seja, barcos tripulados por um velejador, velozes e adaptados para planar em dias de vento muito forte. Os dois atletas pertencem ao Clube Marítimo de Maputo.

No que ao *ranking* africano diz respeito, com esta participação Moçambique alcançou o pódio, terceiro lugar, tabela até hoje liderada pela República da África do Sul.

Adriano Cândido, treinador de apenas 26 anos de idade, cuja estreia como tal teve lugar neste “Mundial” de Chipre, disse ao @Verdade que a presença de Moçambique nesta competição, sendo a primeira vez, foi mais para ganhar experiência neste tipo de provas, com vista a melhorar alguns aspectos técnicos inerentes à modalidade.

“Foi uma aventura bastante interessante. Estivemos diante de treinadores adultos e bastante experimentados, com uma média de idades que ronda entre os 60 e os 70 anos, com cerca de 30 a 40 de experiência. Por se tratar de uma primeira vez, tanto eu como treinador e eles como velejadores, estávamos praticamente num mundo estranho. Mas soubemos estar, até porque contámos com a ajuda dos nossos oponentes em situações com que não estávamos familiarizados” afirmou o nosso interlocutor.

Aquele técnico revelou, ainda, que o intercâmbio que teve com os vários velejadores e treinadores que participaram neste “Mundial” foi muitíssimo benéfico, no sentido em que o país terá a possibilidade de ganhar assistência técnica de países cuja modalidade está desenvolvida, como é o caso da Espanha, do Brasil e de Portugal.

No que diz respeito aos resultados, Arnaldo sossega os moçambicanos para que não se alarmem pelas posições ocupadas pelos atletas, pois as mesmas espelham a capa-



cidade que o país tem. “Foi o que podíamos conseguir, fruto do que se oferece aos atletas a nível interno, como, por exemplo, o número de competições, a sua regularidade e as respectivas condições técnicas. Num ‘Mundial’ vão os maiores e temos de estar claros de que fomos para competir com os melhores países do mundo”.

“Daqui em diante temos de trabalhar arduamente em todos os erros que cometemos neste Campeonato Mundial de Vela. A nossa perspectiva agora é estar no próximo certame, agendando para o próximo ano, não para obter experiência, mas sim para mostrar o que aprendemos”, avançou Arnaldo, para a seguir acrescentar que “já conversámos com a direcção do Clube Marítimo de Maputo e da Federação Moçambicana de Vela e Canoagem sobre as nossas reais necessidades com vista a progredir na classificação, tendo eles demonstrado abertura nesse sentido. Exigimos, por exemplo, maior rodagem a nível internacional através da participação em mais regatas, ainda que dentro das nossas capacidades como país”.

Quem é Velik José Manhiça?

Velik José Manhiça é um velejador moçambicano de 15 anos de idade. É natural da cidade de Maputo e iniciou-se na vela aos seus 12 anos, acompanhado pelo irmão, graças à sua vizinha, curiosamente funcionária administrativa do Clube Marítimo de Maputo.

Tinha muito medo do mar e chegou a pensar em desistir da vela nos primeiros dias de aulas, quando na altura tinha de aprender a nadar. É velejador de larga experiência nos escalões de formação: três vezes consecutivas campeão nacional e com um registo de participação nos décimos Jogos Africanos que tiveram lugar em 2011 em Maputo, bem como a conquista de uma medalha de prata no Campeonato Africano de Vela da classe *Optimist* no ano passado na Tanzânia.

No “Mundial” de Chipre, Velik apontou como razões do insucesso o facto de se ter

registado um problema na popa (parte traseira da embarcação que serve, também, para dar velocidade) que, aliado aos ventos fortes que se fizeram sentir no mar, atrasaram a sua celeridade nos quatro dias que durou a prova.

Velik, que também divide a sua vida desportiva com a escola, estando neste momento a frequentar a nona classe, é experiente na prova à bolina (navegar contra o vento) e quer, um dia, ser treinador de vela. Mas enquanto atleta ele sonha em ser campeão do mundo.

Para além do próprio mar, Velik teve de superar o medo dos golfinhos.

Nota: Por motivos alheios à nossa vontade, não foi possível trazer, nesta edição, o perfil de Neide Nhaquila devido à sua indisponibilidade. No entanto, lembre-se que ela terminou na última posição neste “Mundial” que teve lugar no Chipre.

Jogos Escolares: Maputo cidade sagra-se campeã absoluta da 11ª edição

A cidade de Maputo sagrou-se vencedora da edição 2013 do Festival Nacional dos Jogos Desportivos Escolares, evento que teve lugar na província de Tete, entre os passados dias 20 e 28 de Julho. A 12ª edição está agendada para a província de Cabo Delgado, em 2015.

No futebol masculino, a província de Sofala conquistou a prova depois de derrotar, por 3 a 2, na final, a cidade de Maputo, que terminou na segunda posição seguida da província de Inhambane. Em femininos, o pódio ficou composto, por ordem de posição, pelas províncias da Zambézia, de Maputo (província) e cidade.

No basquetebol masculino, a província de Maputo conquistou a medalha de ouro, enquanto a cidade de Maputo a prata, tendo a Zambézia ficado com o bronze, o mesmo cenário que se verificou no torneio em femininos, em que o ouro foi obtido por Maputo província, a prata pela cidade de Maputo e o bronze pela Zambézia.

No voleibol masculino, a primeira posição foi conquistada

pela província da Manica, seguida pela província Cabo Delgado e Maputo cidade. Em femininos, a cidade de Maputo alcançou o primeiro posto, com a Zambézia a terminar em segundo e a província de Maputo a completar o pódio.

Nas provas de atletismo, a cidade de Maputo arrecadou um total de seis medalhas de ouro, duas de prata e três de bronze. A sua oponente directa, a província de Nampula, conquistou quatro medalhas de ouro, igual número de bronze, enquanto a terceira classificada, a província de Maputo, ficou com três de ouro, duas de prata e uma de bronze.

No andebol, a província de Sofala terminou no topo da prova em masculinos, seguida por Gaza e Manica, enquanto em femininos o pódio foi ocupado por Gaza, cidade de

Maputo e Maputo província.

Já no xadrez, que se competiu apenas em masculinos, destacou-se a província da Zambézia que conquistou a medalha de ouro, tendo as províncias de Sofala e de Manica conquistado, respectivamente, as medalhas de prata e de bronze.

E por fim, no que à ginástica diz respeito, a província de Cabo Delgado foi a vencedora absoluta da prova, visto que a mesma foi disputada em diferentes escalões, com um total de 149 pontos, 10 medalhas de ouro, uma de prata e quatro de bronze, seguida somente pela cidade de Maputo.

Até ao fecho da presente edição, na última quarta-feira (31 de Julho), todas as delegações já se encontravam nas suas respectivas províncias. A próxima edição do Festival dos Jogos Desportivos Escolares está agendada para a província de Cabo Delgado, em Julho de 2015.

Desporto

Fórmula 1: Hamilton alcança ‘milagre’ na Hungria e conquista 1ª vitória com Mercedes

Logo depois de obter a pole position para o GP da Hungria no treino classificativo de sábado (27), Lewis Hamilton manteve os “pés no chão” e afirmou que um triunfo no domingo (28) em Hungaroring seria muito difícil: “Temos uma colina íngreme para escalar por causa dos pneus, e será um milagre se ganharmos. Sinto que a vitória ainda está um pouco distante”, disse. Milagre pedido, milagre feito. Com uma actuação impecável, o campeão mundial de 2008 conseguiu administrar o desgaste dos pneus na quente tarde de Budapeste (35° C) para, enfim, “ir às alturas” com a sua primeira vitória na Mercedes, após seis anos na McLaren.

Texto: Redacção/Agências • Foto: F1.com



Possíveis companheiros na Red Bull Racing em 2014, o alemão Sebastian Vettel e o finlandês Kimi Raikkonen protagonizaram um acirrado duelo nos instantes finais pelo segundo lugar. O tricampeão tentou ultrapassar o rival da Lotus a três voltas do fim, mas o “Homem de Gelo” – que apostava numa estratégia de uma paragem nas boxes a menos – fechou a porta e segurou a posição, deixando o rival com o degrau mais baixo do pódio. Kimi não levou o seu carro para a garagem, parando metros depois da linha de chegada. Mas a comissão da prova identificou o mínimo de um litro de combustível no seu carro e, por isso, não aplicou nenhuma punição.

Grosjean recebe duas punições

Se Alonso passou “impune”, o mesmo não se pode dizer de Romain Grosjean, uma das grandes atracções da corrida. O francês foi dos que mais mostraram ousadia no travado circui-

to de Hungaroring e terminou em sexto. Porém, na mira dos comissários pelos inúmeros incidentes do ano passado, acabou por levar duas penalidades para casa. Primeiro, recebeu um drive-through (passagem pelas boxes) por usar a parte de fora da pista para completar uma ultrapassagem sobre Massa, que, inclusive, considerou a punição exagerada. Além disso, depois da prova recebeu um acréscimo de 20s no seu tempo total devido a um incidente com Button. Como a diferença dele para o sétimo (o próprio Button) era de 21s, a penalidade não alterou o resultado final da prova.

Foi a 22ª vitória de Hamilton na carreira, a quarta em Hungaroring, tornando o piloto o maior vencedor do circuito, ao lado de Michael Schumacher. A primeira com as “Flechas de Prata” serve para silenciar os críticos que condenaram a sua saída da tradicional McLaren para apostar em novos ares na emergente Mercedes. Apostou essa que se mostrou acertada em 2013, evidenciada ainda mais pela péssima fase que atravessa a sua ex-equipa, que terminou mais uma vez no pelotão intermediário: Jenson Button terminou em sétimo, e Sergio Pérez, em nono. Curiosamente, foi o ex-companheiro de Hamilton na McLaren, Button, um dos responsáveis pela vitória do britânico, ao segurar Vettel por muitas voltas na primeira metade da prova. Pastor Maldonado completou o top 10 e conquistou o primeiro pontinho na temporada para a Williams,

outra equipa inglesa que enfrenta dificuldades.

Kimi assume o segundo lugar

Como se não bastasse, o resultado coloca Hamilton de vez na disputa pelo título mundial de pilotos. O britânico chegou aos 124 pontos e aproximou-se dos rivais na classificação. Mas a principal mudança na tabela após dez das 19 etapas disputadas fica por conta de Raikkonen, que supera Alonso e assume o segundo lugar com 134 pontos, um à frente do espanhol. No topo, Vettel aumentou um pouco mais a sua vantagem e lidera com 172. A Fórmula 1 agora entra nas tradicionais férias de meio de ano e só volta daqui a um mês, com o GP da Bélgica, de 23 a 25 de Agosto.

Novos pneus da Pirelli em estreia

O GP da Hungria marcou a estreia da nova geração de compostos da Pirelli, projectada para evitar o “festival” de pneus furados presenciado no GP da Inglaterra, no fim de Junho. Os novos compostos são um misto dos pneus da temporada passada com os deste ano. Eles possuem uma cinta de kevlar (material ultra-resistente usado em coletes a prova de bala) em substituição do aço. Foram avaliados nos testes de novatos em Silverstone na semana antepassada e aprovados pelos pilotos, já que nenhum incidente ocorreu em três dias de actividade.

Supertaça em futebol: Borussia supera Bayern e leva primeiro título de 13/14

A exemplo do que acontecera há dois meses, na grande final da Liga dos Campeões, Borussia Dortmund e Bayern de Munique brindaram os fãs do futebol com um grande jogo de futebol. Também valia taça, e o holandês Arjen Robben deixou a sua marca... Mas as semelhanças com aquele 25 de Maio pararam por aí. Com direito a grande actuação do médio Gündogan, os aurinegros venceram por 4 a 2, no sábado (27), diante da sua imponente claque no Signal Iduna Park, e começaram a temporada 2013/2014 já com o título da Supercopa da Alemanha.



Numa abertura oficial do futebol no país digna de toda a fama recente conquistada pelos alemães, 80.645 pessoas assistiram à primeira derrota do espanhol Pep Guardiola no comando da equipa bávara. E o Borussia só ganhou o direito de disputar o torneio – em jogo único – por ter sido vice-campeão da Bundesliga para o próprio Bayern... Coisas do futebol.

Actuando mais avançado na ausência de Götze, vendido ao próprio Bayern e ainda lesionado, e de Mkhitarian, reforço também machucado, Gündogan acabou como o melhor em campo. Foi dele o cruzamento para o gol de Van Buyten, com Robben a empatar a partida a 1 gol, exactamente no minuto seguinte. Ele driblou Thomas Müller com um corte seco antes de concluir com imensa categoria no canto esquerdo de Tom Starke.

Substituto de Manuel Neuer, o guarda-redes reserva bávaro ainda falhou no primeiro gol da partida, marcado por Marco Reus, quando não conseguiu segurar a bola em cabeçada fraca. Número 11 do Borussia também foi o responsável por fechar o marcador, já no fim e ligeira-

mente adiantado, completando passe de Aubameyang. Robben, inspirado nas finalizações, foi o autor do segundo gol do Bayern em parceria afinada com o lateral-direito Philipp Lahm, autor das duas assistências.

A primeira pedra no caminho de Guardiola

Para o técnico Pep Guardiola, já não há hipóteses de ele conquistar tudo a que tem direito no seu primeiro ano com o clube bávaro, como fez com o Barcelona em 2009. Além da Supercopa, o Bayern disputará o Campeonato Alemão, a Liga dos Campeões, a Copa da Alemanha e também o Mundial de Clubes em Dezembro, no Marrocos – possivelmente em final contra o Atlético-MG, campeão da Taça Libertadores.

Guardiola carrega todo este peso ao chegar ao clube após a Tríplice Coroa sob o comando de Jupp Heynckes. O antigo treinador foi o grande responsável por montar uma máquina, campeã alemã com seis jornadas de antecedência e que eliminou o Barcelona na semifinal da Champions com o agregado de 7 a 0. A Supercopa de 2012 também terminou com o Bayern, coincidentemente em final contra o Borussia.

Cabe ressaltar, porém, que Guardiola esteve longe de contar com a sua máxima força. Com um elenco recheado – apontado por muitos como o melhor do planeta –, nomes como Neuer, Ribéry e Javi Martínez fizeram falta, enquanto Götze também esteve em má condição física. Schweinsteiger e Dante, aquém do seu melhor estado, entraram apenas no decorrer do segundo tempo.

Texto: Redacção/Agências • Foto: FIFA.com

Europeu de futebol feminino: Alemanha factura pela oitava vez ao derrotar a Noruega

Na Europa, a Alemanha continua a reinar no futebol feminino. No domingo (28), a equipa germânica derrotou a Noruega por 1 a 0, em Solna, na Suécia, e levantou a taça da Eurocopa feminina pela oitava vez – a sexta de forma consecutiva. Destaque para a guarda-redes alemã Nadine Angerer, que defendeu duas cobranças de penálti, e para Anja Mittag, autora do único gol da partida.

Texto: Redacção/Agências • Foto: LUSA



Segunda selecção com o maior número de conquistas no futebol feminino do Velho Continente, com dois títulos, a Noruega, campeã olímpica em 2000, mostra que virou a grande freguesa da equipa alemã, após perder a quarta final com as rivais. Além das duas selecções que dominam o continente, a Suécia também levantou a taça numa oportunidade, em 1984, na primeira edição do torneio.

Após Angerer defender o penálti cobrado por Trine Rønning ainda na etapa inicial, Mittag saiu do banco no regresso do intervalo e precisou de três minutos em campo para garantir o título para a sua selecção. Angerer ainda defenderia mais um penálti, agora batido por Gulbrandsen, para a Alemanha conquistar o seu oitavo título continental.

Uma actuação triunfal

Com melhor organização, apesar das dificuldades habituais, a nossa música pode atrair e dominar as atenções dos moçambicanos. Com um teatro superlotado de público, um cenário angelical – como se testemunhou –, o concerto do casal Kakana, na semana passada, revelou o triunfo do nascimento do disco Serenata.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Se assumirmos a publicação do trabalho discográfico Serenata – o primeiro da intérprete moçambicana, Yolanda Chicane, da Banda Kakana – como um parto, efectivamente, teremos de admitir que a cerimónia foi uma antítese do que está escrito no livro de Génesis 3: 16.

“E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”. Depreende-se que as dores do parto que a mulher sofre são uma consequência – actuando como uma sanção – de uma infracção, o pecado.

No entanto, o concerto foi simplesmente maravilhoso. Por isso, não pode ser do pecado, nem da dor, que esta matéria retratará, mas da sorte que, neste momento, está bafejar o casal que constitui a Banda Kakana – Jimmy Gwaza e Yolanda Chicane. Dias antes do ‘show’, tendo em conta a relação entre ambos, o primeiro afirmou que ter Yolanda como esposa simplifica a vida. “Imagina o desafio que é ter de ‘abandonar’ uma mulher, em casa, à noite, sempre que há concertos?”. Quando se é músico, vale a pena ter uma esposa cantora. Harmonizam-se as linguagens.



Uma actuação do Kokwana

Além dos seis prémios já arrancados em igual número de músicas, no MMA e no Ngoma Moçambique, o primeiro



mérito do concerto foi a exposição da música “Kokwana” escrita e interpretada, há vários anos, pelo ancião da canção moçambicana João Cabaço que também participou no ‘show’.

Foi emocionante! “Há quem pensa que Yolanda Chicane é minha fã. Facto, porém, é que eu é que a admiro há bastante tempo, porque a sua actuação nos dá indicações de que ela é uma artista que veio para ficar no cenário da nossa música”, diz Cabaço que recupera a saúde. O génio da intérprete é sublimado pela “nobreza da sua personalidade”.

No capítulo da produção, o evento foi altamente organizado, através da combinação perfeita das luzes, do som, bem como dum cenário em que a abundância de flores verdejantes – uma metáfora de esperança – nos recorda o paraíso. Mas era um palco.

Combinou-se o recital de poesia, por Tina Mucavel, com música incluindo o desfile de moda da estilista Lúcia Pinto, antes de a conceituada coreógrafa e bailarina Maria Helena Pinto dançar ao ritmo da música Serenata. Embora sem grandes surpresas, o concerto foi bonito como as músicas que constituem o álbum. É por essa razão que a cantora Elvira Viegas apela ao público a abdicar da pirataria e a comprar o disco original.

Só assim, como João Cabaço vaticina, Yolanda Chicane será, plenamente, bem-sucedida na sua carreira. Portanto, “eu desejo que ela seja feliz na sua vida e na carreira artística, porque nunca duvidei do seu potencial artístico.

No tema Kokwana, em que actuamos juntos, fiquei muito comovido. E este sentimento possui um amplo sentido, porque pela música, os artistas não precisam de fazer reivindicar o seu reconhecimento. Mas devem trabalhar e construir o seu nome. A sociedade irá vê-los porque o seu nome irá impor-se”.

O amor em primeiro lugar

Num mundo atribulado de crises não haveria algo melhor para amolecer os corações dos homens além do amor. “É por isso que, nas nossas músicas, o aprofundamos. O amor é a chave para a paz”, reitera Jimmy.

De qualquer modo, segundo o compositor e produtor da Banda Kakana, “o resultado que apresentamos no concerto representa a combinação de trabalhos de vários colaboradores ao longo de anos. Foi um percurso muito duro e de muita luta. Como tal, a possibilidade de colocar um trabalho discográfico no mercado é gratificante para nós”.

“Como se pôde ver, a sala estava cheia de gente – o que constitui um indicador do reconhecimento da obra criada. As pessoas estão a receber muito bem o disco. Espero que continuem a comprá-lo – contornando a contrafacção – de modo que se possa ajudar o artista e a sociedade na continuidade da arte musical que é maravilhosa”. Até uma empresa – a Kakana Eventos – já foi criada para defender os interesses da artista.

Promoção do álbum

O facto de se ter tido o Centro Cultural Universitário cheio de espectadores já indica – para alguns círculos de opinião – que as condições estão criadas para se dar continuidade à promoção do álbum em todo o país. “O problema é que

isso depende de financiamento – o que não temos”, diz Jimmy. “Possuímos ideias que devem ser transformadas em projectos para que sejam materializadas. Não esperávamos realizar um megaconcerto – como o recém-terminado – mas lutámos imenso e conseguimos. Então, teremos de continuar a trabalhar de modo que tenhamos novas possibilidades de gerar outros ‘shows’”.

“O que é certo é que sozinhos ainda somos limitados e não temos um programa de concertos definido para os próximos tempos. Mas havendo oportunidades, mesmo amanhã, podemos partir para as províncias e fazer espectáculos”.

É o triunfo da música

O jornalista cultural moçambicano, Hélder Lionel, que também presenciou o ‘show’ afirmou que o evento representa a celebração da música moçambicana.

“É o triunfo da música jovem moçambicana. É a continuidade do que há de qualidade na nossa cultura que – apesar de ter todas as influências do mundo – continua a preservar elementos que nos identificam como moçambicanos”.z No concerto, todos os factores de produção foram fundamentais para o sucesso. Afinal, “a Banda Kakana aposta na qualidade no seu trabalho. Em resultado disso, naturalmente, o público reagiu favoravelmente aderindo o ‘show’”.

Fica uma lição segundo a qual, para que a nossa música progrida, é importante que se reúnam todas as condições para a promoção das artes. “As pessoas que vieram aqui sabiam de antemão que iriam ver um concerto fabuloso – e foi isso o que aconteceu”.

Plateia



Uma Banda da Lua na Rua!

Nessa luta pela sobrevivência, na Avenida 24 de Julho, em Maputo, a pobreza absoluta – que se abate sobre a maioria dos moçambicanos – pariu uma Banda Lua que, em pleno dia, canta e encanta os transeuntes.

Manuel Teixeira Mortal nasceu em 1980. Foi no decurso do quarto ano desde a eclosão da guerra entre a Renamo e o Governo no país. No mesmo período, no conflito militar, o seu pai, Teixeira Mortal, que era General da Frelimo foi atingido por uma bala e não resistiu. Prostrou-se no chão, encontrando a morte. Significa que, da parte paterna, Manuel não conheceu o seu progenitor. Em 1992, nas vésperas do fim da guerra, e da assinatura do Acordo Geral de Paz, em Outubro, Amélia Rui – a sua mãe – também falece. Morgado tinha 12 anos.

O intervalo entre a morte do pai e da mãe foi palco de muitos acontecimentos – os não-acontecimentos também se incluem porque Mortal não teve acesso à instrução – cujo impacto se faz sentir nos dias actuais. As possibilidades de Mortal ter um emprego condigno numa cidade de Maputo do século XXI são diminutas. São quase inexistentes! Com apenas a terceira classe do ensino básico concluída, aos 18 anos, Mortal teve o primeiro dos seus seis filhos. “Eu tive filhos muito cedo, então, a partir daí a minha vida complicou-se”, afirma explicando que na altura a sua esposa, Aida Honwana, tinha 15 anos. Na semana passada, encontrámo-lo na Avenida 24 de Julho – com Lurdes e Manuel de 12 e 13 anos, respectivamente – a fazer um ‘show’.

Ali, Mortal aposta no seu génio artístico a fim de desferir golpes – espera-se – fatais à pobreza que o apoquentia. Está na luta pela sobrevivência. Com um material reciclado localmente – entre latas de tinta, bidões, elásticos, arames, chapas de zinco e restos de madeira – o artista criou a sua orquestra, um instrumento que, no seu todo, nos recorda a bateria. Ele chama-o Banda. Seja como for, a história de Mortal – cuja vida não lhe bafejou morgadios desde que nasceu – pode ser narrada com base num discurso directo.

Identidade

“O meu nome é Manuel Teixeira Mortal. Sou natural de So-fala. Comecei a tocar na infância, no distrito de Nhamatanda. Por isso cresci com memórias musicais. Sinto que tocar batuque é um dom que devo levar avante. Não obstante não ter condições, recolhi latas de tinta, bidões, uma chapa de zinco, um conjunto de arames e adaptei um pedal, acabando por criar uma banda musical completa.

A ideia de fazer concertos na rua tem como objectivo angariar algum dinheiro para o sustento da minha família. Comecei o projecto em Julho de 2012. No início eu tocava em casa, até que alguém – que reconheceu o meu talento – me sugeriu que fizesse ‘shows’ na rua, a fim de procurar patrocinadores. Na verdade, não estou à procura dos 10 ou 20 meticais que as pessoas de boa-fé me oferecem. Eu tenho um projecto grande – quero servir Moçambique. Neste momento, estou a esforçar-me para encontrar pessoas interessadas em patrocinar a minha produção porque preciso de um gerador – sem o qual não faço muitas coisas – para amplificar o som porque a minha bateria conecta-se às colunas. Se eu encontrasse alguém para me ajudar, nesse sentido, acho que

– com este projecto – poderia fazer crescer o país. Estou em Maputo há nove anos. Já vivi em vários lugares na cidade, até que acabei por comprar um terreno na Matola-Gare”.

A Banda Lua

“Eu não tenho músicas, mas possuo várias composições. Infelizmente, ainda não disponho de condições para gravá-las. Além do mais, preciso de um equipamento sonoro completo para poder desenvolver a minha colectividade. No início, como actuamos nas ruas, eu queria que o grupo se chamasse Rua. No entanto, na busca da beleza e estética, acabei por adoptar o nome Grupo da Lua. Na rua estou há três semanas. Já tive a sorte de ser convidado para actuar num casamento de uma jornalista da Televisão de Moçambique. Ela ficou impressionada com a minha actuação. Na sua cerimónia, fiz uma actuação por algum tempo e ela deu-me algum dinheiro – valeu a pena. Oxalá que eu encontre, cada vez mais, esse tipo de pessoas. Além do mais, já fui convidado a participar num programa musical na STV”.

“Na verdade, não estou à procura dos 10 ou 20 meticais que as pessoas de boa-fé me oferecem. Eu tenho um projecto grande – quero servir Moçambique. Se eu encontrasse alguém para me ajudar, nesse sentido, acho que – com este projecto – poderia fazer crescer o país.”

Os rendimentos

“As rendas dependem do movimento das pessoas. Há quem, por pena nos dá 20 meticais enquanto outros oferecem-nos menos que esse valor. Portanto, totalizando essas oferendas, conseguimos produzir entre 500 e 700 meticais por dia. De qualquer modo, eu quero alcançar algum grau de popularidade no cenário da música moçambicana. Gostaria de realizar um grande espectáculo nos teatros de Maputo, com o envolvimento de outros músicos nacionais e estrangeiros”.

Os ídolos

“Eu admiro Zico e Refila Boy. Sob o ponto de vista de mensagem, Refila fala sobre a dura realidade do país nas suas músicas. Eu gostaria de seguir a sua maneira de actuar. O ritmo pode não ser o mesmo, mas o meu sonho é fazer um estilo de música em termos de conteúdo para a nutrição dos moçambicanos. Na verdade, na música, a boa mensagem é aquela que educa as pessoas sem insultá-las. Trata-se de músicas que falam sobre nós, os moçambicanos, a nossa vida e o nosso sofrimento. Por exemplo, o que eu estou a passar é um sofrimento. Não é essa a vida que eu gostaria de ter”.



Isto é

Inocência Albino
www.verdade.co.mz

Um fulano-ladrão-de-livros no meu quarto

Porque é que esse rapaz não dorme agora? – pergunta ele esconjurando a rede social – Maldito Facebook!

Ninguém irá acreditar, mas, de facto, os meus livros – aqueles que eu possuo, não que os tenha escrito – são os mais importantes de todos os que existem no mundo. Quem quiser venha roubá-los. Enricará!

Quando não os leio, eles julgam-me. Questionam-me as razões da minha apatia à leitura. Dialogam comigo. Mostram-me soluções para os problemas do quotidiano. Enriquecem as teorias que orientam a minha acção diária, mesmo que, muitas vezes, agindo sem a consciência disso.

Talvez seja por todas as razões recém-apresentadas que nesta noite – no meu quarto – tenho um hóspede. Um fulano-ladrão-de-livros. Embora não consiga vê-lo – sei que ele está aqui. Porque, por esses instantes em que ele quer materializar os seus planos, me tornei invisual. É como se ele fosse invisível, mas – como eu – também é material. Encarnou-se num bicho nojento, um rato, e está a puxar um dos meus livros. No arquivo.

Com um livro a menos, na minha estante, eu fico pobre. Nunca conseguirei enricar, porque a minha ‘enricação’ depende da colecção de livros e do seu consumo da minha parte. E ele – o fulano-ladrão-de-livros – não me quer ver rico. Inibir o meu enobrecimento intelectual é a sua aventura. Mas, também, é muita maldade sua.

Neste momento, nesta noite, em que escrevo estas linhas – ainda que eu não o possa ver – o fulano-ladrão-de-livros está tramado porque eu acordei para vigiar o meu espólio livreiro.

E qualquer movimento seu, suspeito, receberá um golpe imediato, fatal e – segura e positivamente – ele morrerá. Pelos meus livros, aceito, vou perder uma noite. A luz do meu quarto já está acesa, o que limita as acções do fulano-ladrão-de-livros. É como se eu lhe tivesse dado um golpe nefasto na membrana cerebral.

Já falei, inclusive, com Jeová o meu Deus para me auxiliar nessa vigia. E, ao que tudo indica, o Senhor Divino escutou as minhas preces. O Seu Espírito Santo – a Sua Força Activa – está a agir, neutralizando as acções do infractor.

Mas como é que uma pessoa, ávida em enricar (nessa via por mim escolhida), no lugar de pedir emprestado, prefere incorporar-se num rato, numa barata, ou em qualquer-outro-bicho-nojento, a fim de entrar no meu quarto – à noite, enquanto eu estiver a dormir – para furtar os meus livros? Vejam só o que aconteceu: eu, repórter sociocultural deste país, sou impedido a cobrir e publicar em tempo real o furto dos meus livros.

Neste momento, a luz que se mantém cintilante enerva o fulano-ladrão-de-livros: “Porque é que esse rapaz não dorme agora?” – pergunta ele esconjurando a rede social – “Maldito Facebook!”.

De repente ele – o rato, a barata, o sapo, sei mais em que outros bichos esses indivíduos se incorporam para se tomarem no fulano-ladrão-de-livros – arrasta um manual com muita força. Gera um barulho incómodo, mas eu não me movo. Mantenho-me sereno, a tomar notas, que, em tempo real, são publicadas na rede social excomungada.

A minha parceria com Deus está a tramar os planos do fulano-ladrão-de-livros. Deus encorajou-me e eu estou forte. Por um livro vou perder esta noite – sou peremptório. Abaixa o retardamento do meu ‘enricamento’.

É que, na verdade, ao vigiar o meu livro, estou a guarnecer o meu tesouro. Fiquei a saber que a minha riqueza depende da colecção e consumo de livros. Da posse de uma arquivo bem organizado. É, também, com base numa cultura arquivista que se avalia o desenvolvimento de uma sociedade. Aprendi isso nas ciências arquivísticas e na documentação.

Na verdade, ninguém me disse que a minha riqueza dependia da posse e do consumo de livros. Constatei! Porque é que, no lugar das tantas bugigangas que eu tenho nesse quarto, o fulano-ladrão-de-livros só quer pilhar os manuais?

Diferentemente de muita gente – nesta corrida à riqueza – penso que sou privilegiado. Descobri! Tenho a consciência de um facto – para enricar não preciso de roubar, corromper muito menos matar humanos. Apenas, preciso de cumprir um dever – ler livros o suficiente e continuamente.

Ler é o que estou a fazer, mas, para fazê-lo da melhor forma possível, preciso de me rebelar contra o fulano-ladrão-de-livros – a não leitura. Livros conservados, não explorados, correm esse risco – serem ruidos por bichos nojentos.



A produção de peças teatrais em material videográfico está a gerar espectadores de artes cénicas. O problema é que – com esta descoberta –, em Nampula, os teatros estão a ficar votados ao abandono.

Texto & Foto: Redacção/Nampula

Para a materialização dos objectivos estabelecidos – influenciar o comportamento social das pessoas, em relação ao combate à SIDA, incluindo outras adversidades –, em Nampula, a produção de peças teatrais em material filmico é uma estratégia bem-sucedida. Ou, pelos menos, as pessoas ‘compram’ a ideia. Consomem-na, o que nos faz pensar que, consequentemente, também captam as mensagens disseminadas em seu (próprio) benefício.

A paternidade da ideia é do Grupo de Teatro Timbila, mas, naquela região do país, muitas colectividades teatrais – movidas pela adesão que os produtos têm da parte do público – apostam nesse mercado. Observando a motivação original, influenciar as pessoas no combate a alguns males sociais, o Grupo de Teatro Timbila encenou peças de teatro, gravou-as em vídeo e discute temas actuais – a luta contra a SIDA, sobretudo – e, socialmente, relevantes.

Nos filmes, os assuntos são abordados de modo que atraíam a atenção de pessoas de todas as classes sociais e idades. A isso associa-se a crescente demanda que os produtos possuem. Em Nampula há pessoas que – depois de verem os filmes – se sentem identificadas com as histórias reportadas. É como se os factos narrados – muito em particular quando o assunto se relaciona com a SIDA – fossem sobre a experiência dos telespectadores. Mas o importante, aqui, é o estímulo que os filmes despertam para o gozo da vida – não obstante estar-se a lutar contra uma doença sem cura – bem como a necessidade de se evitarem comportamentos de risco. O outro aspecto é que de todos os 27 documentários – que na verdade são exhibições teatrais filmadas e publicadas em disco – as falas são em emákua, um idioma local.

A história

O Grupo de Teatro Timbila foi fundado, em 1999, por jovens católicos e é uma organização sem fins lucrativos. No início, os artistas promoviam palestras e debates educativos nas comunidades. Os mesmos são financiados, maioritariamente, por organizações não-governamentais com interesses específicos. No princípio, uma mangueira frondosa, no Bairro de Muatala, tornou-se o espaço onde os primeiros seis membros ensaiavam a fim de, nos dias festivos, apresentar as peças ao público. Foi, inclusive, assim que a reputação da colectividade evoluiu.

“Apreciávamos imenso que nos convidassem – mesmo para actuar de graça – porque, no início, queríamos que o nosso trabalho fosse conhecido”, comenta Raul Sebastião, o líder da colectividade. Dois anos depois, em 2001, apesar de que os actores não tinham nenhuma formação específica em dramaturgia, muito menos em cinema, o Teatro Timbila registou o seu primeiro filme de teatro, no distrito de Rapale, em que aborda a educação da rapariga no contexto da cultura macua. A criação artística foi financiada pela União Técnica de Educação Básica.

A obra recebeu uma crítica favorável no mercado – o que estimulou os agremiados a seguir em frente no seu trabalho. Raul Sebastião, que se recorda das razões da criação do Grupo de Teatro Timbila, afirma que a “única forma que encontrámos para convencer as pessoas a adoptarem comportamentos sociais sadios na luta contra a SIDA – a exemplo de outros problemas sociais – foi a gravação de filmes educativos em forma de teatro, colocando-os à sua disposição”.

Com o passar do tempo e com o crescimento do grupo, incluindo o crescimento da sua produtividade, muitos mais tópicos de interesse público – como, por exemplo, casamentos precoces, abuso sexual da rapariga, o saneamento do meio ambiente, as queimadas descontroladas e a importância da alfabetização – foram acrescentados nas discussões espetivadas pelo Teatro Timbila.

Profissionalizar a actuação

Além das facilidades que possui no acesso aos apoios, a popularidade do Teatro Timbila, em Nampula, coloca-lhe novos desafios um dos quais a profissionalização do seu trabalho. É nesse sentido que um grupo de artistas finlandeses capacitou os membros da colectividade em matérias de produção de peças de teatro profissional.

A formação incidiu na temática da melhoria das formas de articulação de mensagens entre as personagens no contexto das obras produzidas pela colectividade. Em 2003, outra organização cultural suíça formou os actores do Teatro Timbila com vista ao alargamento da esfera de acção e actuação do grupo como, por exemplo, a criação de obras que não sejam, única e necessariamente, a comédia. Raul Sebastião salienta que o objectivo do grupo é educar, criticar e sensibilizar a sociedade para a mudança de comportamento – sempre que for necessário.

Entretanto, apesar da fama do grupo, o mesmo ainda não tem um grande poder financeiro. Por isso, a compra de material técnico para a materialização do seu trabalho continua a ser uma dificuldade. Como forma de superar o impasse, os seus membros realizam outras actividades económicas de onde obtêm dinheiro para investir na arte.

Em Nampula há várias instituições que apoiam o Grupo de Teatro Timbila na filmagem, edição e produção de filmes. De acordo com os integrantes do colectivo, a compra de material técnico e a distribuição dos filmes cabe às organizações que – em função dos seus interesses – os contratam para a produção de tais produtos. A boa nova é que, com os rendimentos desse trabalho artístico, os membros do Grupo de Teatro Timbila conseguem sustentar as suas famílias.

A pirataria prejudica

A contrafacção de material discográfico, na cidade de Nampula, continua a prejudicar os artistas e o Teatro Timbila também se ressentem dessa prática. É sobre isso que Raul Sebastião afirma que – para contornar o mal –, no princípio, o grupo vendia os discos de mão em mão. No entanto, essa actuação não suavizou a acção dos piratas. É que eles compram as obras e replicam-nas.

Em resultado disso o artista diz que as colectividades que se dedicam à arte estão a produzir trabalhos para alimentar comerciantes informais que vendem discos piratas sob o olhar impávido das autoridades municipais.

O artista lamenta a indiferença das autoridades municipais em relação aos infractores, a quem acusa de cumplicidade: “O Conselho Municipal de Nampula autoriza a gravação de discos piratas, concedendo licenças a pessoas que fazem a contrafacção”.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Salimo Mohamed sem juba e sem garras e sem dentes

Se os ventos do Norte movessem moinhos, Salimo Mohamed voltaria hoje a tentar triturar os meus testículos com as mãos, como o quis fazer no ano 2000, depois de ter lido e desagradado com um texto que publiquei na minha coluna de então, intitulada “Palavras de Resgate”, no jornal Savana. Salimo, visivelmente endiabrado, segurava-me pelas golas e dizia, nita ku manya kendze mufana (vou-te esmagar o testículo, rapaz!).

Nesse ano Salimo Mohamed publicou um CD que se chamou Mugubani. Ofereceu-me um exemplar para ouvir e dar a minha opinião sobre o trabalho, como amigo e como jornalista. Depois de escutar várias vezes o disco, desdenhei a obra. A qualidade técnica não era das melhores, a voz do Salimo parecia oprimida e, para agravar a apresentação do produto final, a captação não foi feita ao vivo, o que vai impedir a total liberdade de um leão que morre quando é colocado na jaula.

Fui intelectualmente honesto quanto ao que senti depois de viajar por todas as faixas. Não olhei para Salimo como homem e amigo, mas tive em consideração o músico renomado e que está na obrigação, por tudo o que faz e que fez, de apresentar desempenhos em alta rotação. Disse publicamente que não gostei do disco. Disse também que o autor de Mugubani merecia um tratamento técnico digno do seu porte porque, ao ouvir aquele CD, fiquei com a sensação de que Salino parecia um leão, sim, mas sem juba e sem garras e sem dentes. Foi esta expressão que contrariou o meu amigo.

Salimo Mohamed vestiu a pele de fera, foi, como o fazem os felinos, silenciosamente pela avenida Amílcar Cabral até à Redacção do Jornal Savana. Quando o vi chegar, fiquei contente, pensando que vinha para me dar um abraço em felicitação àquilo que escrevi. Enganei-me. Salimo atirou-se às golas da minha camisa, apertando-me e dizendo, nita ku manya kendze mufana (vou-te apertar o testículo, rapaz!). E Salimo Mohamed não cometeu o pior porque rapidamente houve intervenção dos seguranças, e eu tive de me esconder, depois de solto das garras do agressor, no gabinete do editor Salomão Moyana, até que tudo se desvanecesse. Passei a ter medo do músico. Na cidade de Maputo tinha que me mover como um rato, não iria Salimo tecê-las (as palavras) outra vez. Vivi momentos de pavor até que um dia, nas imediações da Associação dos Escritores Moçambicanos, vejo Salimo subindo, no seu estilo característico, a avenida Amílcar Cabral em direcção à casa onde morava. Tentei esconder-me entre os transeútes mas ele já me tinha divisado, eu numa margem e ele na outra. Entrei em pânico e o meu carrasco apercebeu-se do tormento que me habitava. Parou e, do lado onde se encontrava, ciciou na sua voz rouca que passou, naquele momento, de agradável para sinistra: – Chaúque, devolve o meu disco. – Está bem, Salimo, não o trago comigo aqui, mas posso fazer isso amanhã.

– A que horas?

– Pode ser às 09h:00?

– Onde?

– Na Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO).

– Está combinado, Chaúque, vê lá o que fazes!

No dia seguinte esperei pelo Salimo Muhamed na AEMO, com o disco na mão. Na hora combinada ele entra pelo portão da esplanada, sereno, no seu estilo único. Vai directamente à mesa onde estou sentado com os meus amigos, que me aconselhavam a ter calma e que eles iriam falar com o músico, que também é ídolo deles. Quis fugir, mas eles diziam “não Chaúque, não fujas, Salimo não te vai fazer mal. Ele é um ser humano, comete erros como toda a gente. Mas tem um coração pequeno. Quando é abanado com carinho fica uma criança”.

Chegou à nossa mesa e sentou-se.

– Então, Chaúque, trouxeste o disco?

– Está aqui Salimo, podes levar.

Salimo Muhamed deixou cair dois fios de lágrimas. Levantou-se. Eu também ergui-me. Percebi que não haveria violência. Afastámo-nos um pouco e abraçámo-nos profundamente. Eu também chorei. Comovido pelo gesto de um homem que agora fica ao nível de uma criança.

– Desculpa, Chaúque, fica com o disco, não tinha percebido o teu texto. Sei que fizeste aquilo por amor, pelo respeito que tens por mim e pelo meu trabalho.

Plateia

“Que deixemos de ser hipócritas!”

No fim de Agosto, o coreógrafo moçambicano Macário Tomé repõe, com novas abordagens, o bailado Ele – Ela sobre identidades sexuais. A peça aborda o homossexualismo acerca do qual o artista diz que, em Moçambique, “não só falta um movimento ‘gay’ bem como a assunção dessa identidade”. Trata-se de um comportamento que – quando avaliado na vida política – “traduz a hipocrisia dos governantes”.

Texto: Inocêncio Albino

O nascimento da coreografia Ele – Ela baseia-se em várias histórias.

Por exemplo, quando, em 2012, Macário Tomé participou no VII Festival Nacional da Cultura – realizado em Nampula – ficou intrigado com alguns aspectos do relacionamento artístico-cultural entre os participantes. “Captei a interpretação da sociedade nampulense em relação aos artistas chineses cujas manifestações eram muito novas para os locais. Estas diferenças criaram-me uma espécie de tabu: o que é que os artistas chineses vinham mostrar aos moçambicanos? Que mais-valias a sua presença geraria? E como nós poderíamos aproveitá-la? O que eles podiam aprender de nós?”

A verdade é que, de acordo com o coreógrafo, naquele evento os moçambicanos não aproveitaram nada dos chineses – o sentido inverso é válido – porque não havia espaço para a realização de ‘workshops’ a fim de que houvesse interação entre os artistas.

Macário acredita que a sua coreografia – que o estimado leitor terá a oportunidade de ver no dia 29 de Agosto, no Centro Cultural Franco-Moçambicano – provenha dessa diferenciação entre a cultura ocidental e a oriental, “em que nós nos apegamos”.

Caricato e constrangedor

Num outro dia, no Bairro 25 de Junho, na cidade de Maputo, “fui a uma festa em que havia jovens bonitos. Os moços, como homens, apreciavam as meninas. No entanto, instantes depois, aconteceu o caricato: vimos homens a beijarem-se e as mulheres – incluindo aquelas que certos rapazes apreciavam – também numa situação de relacionamento sensual”.

A situação que, para Macário Tomé, até aquela altura era um tabu, intrigou-o: “como é esse comportamento humano?”

A partir daí, no contexto das pesquisas que o bailarino faz, começou a perceber que esta promiscuidade também acontece na esfera de governação do país. Por exemplo, “na vida política, há dirigentes que têm duas caras. Em momentos de crise, através da imprensa, transmitem informações que – por não se identificarem com elas – não as assumem perante os seus familiares. Eles são hipócritas”.

Será que nos falta, em Moçambique, um movimento ‘gay’ vibrante? O artista afirma que há duas situações. Por um lado, falta-nos essa manifestação, como também, por outro, a assunção da identidade homossexual.

“É preciso que deixemos de ser hipócritas e de ter dois posicionamentos distintos. É importante que nos identifiquemos como homens que têm uma posição e defendem-na, correndo todos os riscos para se imporem na sociedade”.

Dança contemporânea

A abundância de projectos em torno da dança contemporânea, em Maputo – como, por exemplo, a bienal Kinani, a Semana de Dança, o Laboratório de Dança – mostra a importância que esta expressão artística está a conquistar na capital. Será que estamos perante a sua consolidação no país?

A consolidação da dança contemporânea só existe em Maputo – afirma Macário Tomé – onde se confinam tais iniciativas. No entanto, é preciso ter em conta que “neste momento há bailarinos e coreógrafos moçambicanos que estão no estrangeiro a fazer digressões e a trabalhar com grandes companhias do mundo”.

Por exemplo, “o coreógrafo Panaibra Gabriel Canda está a fazer uma digressão que começou em Janeiro e que, provavelmente, só termina em 2014. Além do mais, existe, em Maputo, o movimento de dança contemporânea Arte na Rua que visa a criação de um novo público, realizando pesquisas em espaços abertos, em que os artistas se encontram, aportando novas ideias, para desenvolvê-las perante pessoas que não têm acesso aos teatros para ver obras de arte”.

Uma lição de cultura

A arte é feita para o consumo social. Mas como é que – no caso da dança contemporânea – ela é percebida pela sociedade?

Para Macário, a sociedade moçambicana precisa de uma grande lição de cultura porque, efectivamente, “temos um problema grave: o conceito de que a dança contemporânea é originária do Ocidente, o que não é verdade. Nós vivemos com o movimento contemporâneo. Os nossos antepassados iniciaram-no. A partir do momento em que migramos do campo para as cidades, estamos a fazer esse movimento”.

Entretanto, “se determinado movimento, na dança contemporânea, não for percebido pelo público é normal. O coreógrafo não interpreta as pessoas a pilar ou a fazer necessidades biológicas de forma clara. Ele cria condições para que o espectador abra a sua mente e vá ao encontro do que se está a interpretar”. Ou seja, “no bailado não se ignoram as faculdades mentais e interpretativas do público”. Por outro lado, “a percepção da dança contemporânea por parte do público requer um trabalho apurado de divulgação e discussão em torno não só desta arte como também da dança tradicional”.

Na coreografia Ele – Ela temos dois homens em movimentos eróticos. É um espectáculo muito intimista, rico em situações cómicas mas também de grande tensão. Por isso, o coreógrafo afirma que se fez uma pesquisa para antever as reacções do público.

Em concerto, encontram-se os bailarinos Macário Tomé e Osvaldo Passirivo. A iluminação está a cargo de Caldino Alberto, num projecto de co-produção entre a Culturarte e o Pamoja, uma rede pan-africana de produção e residências artísticas.

Publicidade

O que vais fazer com
1.000.000
de meticais ?

Começa já a preparar-te.

ENTRETENIMENTO - Sopa de Letras . Telemóvel

Palavras	CALENDÁRIO							INTERNET				VIDEO			MENSAGEM			BLUETOOTH				AGENDA			JOGOS		CHAMADA		MÚSICA			FOTOS	
N	Y	S	B	O	X	U	G	W	Q	Y	D	R	F	P	P	H	O	J	E	H	Q	X	Y	G	R	J	I	L	O	L	E	B	T
J	D	H	F	V	M	E	S	C	U	H	I	M	I	X	E	D	B	E	N	V	R	V	Y	M	G	A	X	E	O	H	P	C	G
A	R	Q	R	V	V	G	Q	S	F	F	S	V	D	D	J	X	B	A	Y	W	B	I	F	S	D	R	T	K	B	H	G	K	I
C	B	L	U	E	T	O	O	T	H	D	B	O	W	K	Q	X	S	B	F	X	V	Y	E	I	G	D	O	N	I	Y	G	E	X
B	P	P	I	V	E	E	D	C	A	L	I	W	Q	N	X	O	F	D	P	O	O	H	O	L	B	X	V	I	F	B	U	Q	Y
U	R	X	W	H	Q	V	T	Y	B	V	M	A	F	S	P	A	G	V	Y	U	B	U	E	L	S	J	C	H	V	F	X	R	F
R	E	H	S	O	Q	A	G	E	N	D	A	P	O	R	K	B	S	K	A	K	S	U	A	A	O	P	V	Q	Y	M	F	Y	E
P	C	C	X	I	U	J	A	L	T	V	O	D	T	W	I	C	S	R	G	N	J	K	J	K	A	R	D	S	T	V	U	L	H
I	K	V	S	K	J	R	N	F	Q	W	V	T	O	L	F	B	R	K	O	L	O	W	C	H	V	I	D	E	O	E	W	W	B
Q	K	U	A	T	G	O	W	X	W	A	Y	S	S	K	R	I	O	E	T	K	W	F	A	O	T	J	E	L	F	E	P	W	B
L	X	S	K	V	H	J	S	S	O	V	H	J	D	E	Q	H	J	T	E	X	A	H	N	N	K	N	S	I	B	V	K	U	K
M	N	D	M	D	R	G	R	C	D	S	T	J	V	L	O	R	G	N	U	S	C	F	I	N	T	E	R	N	E	T	F	K	O
Ú	P	P	J	J	E	G	Y	K	U	K	G	J	W	N	F	X	J	A	Y	O	W	H	U	K	U	T	D	I	O	E	E	U	P
S	U	H	S	C	S	M	G	K	K	Y	U	Y	C	A	O	F	O	B	F	W	W	R	T	D	M	W	F	X	E	W	E	H	Q
I	E	Q	H	M	N	K	W	O	T	K	A	A	F	Y	V	B	G	S	M	E	N	S	A	G	E	N	S	U	L	H	Y	H	O
C	J	S	I	S	C	H	A	M	A	D	A	N	T	A	M	T	O	P	A	E	B	X	R	N	W	U	A	X	A	Q	E	R	L
A	X	Y	L	R	O	C	J	L	F	S	V	C	E	M	C	X	S	B	P	O	K	I	F	W	L	L	B	U	N	V	J	S	K
Â	B	B	P	W	Y	E	S	H	R	M	K	M	J	S	G	K	S	P	A	E	Q	N	C	A	L	E	N	D	Â	R	I	O	G

PARECE MENTIRA...

A distância a que o nosso planeta circula à volta do sol é de 148 milhões de quilómetros por hora. Por isso, durante os 365 dias do nosso ano ele percorre 928.560.00 quilómetros, ou seja, 2.544.000 quilómetros por dia, 106.000 quilómetros por hora e 29 quilómetros por minuto. Isto equivale a uma velocidade 76 vezes maior que a de uma bala de artilharia. As diversas experiências astronómicas têm demonstrado que a lua não é habitada; se o fosse, os seus habitantes não teriam mais do que 12 dias e igual número de noites em cada ano. Cada dia naquele planeta equivale a trinta dos nossos.

A energia eléctrica necessária para manter uma lâmpada acesa durante uma hora chegaria para conservar em funcionamento um relógio vulgar durante 4.000 anos.

PENSAMENTOS...

- Quem vai buscar chuva é esse que se molha.
- Um homem não morre dum só lado.
- Quem faz não vê, vê quem olha.
- Ao partir prepara a volta.
- De véspera madruga-se muito.
- O lume que se manda buscar não aquece.
- Macaco velho já não tem confiança em si mesmo.
- É na tempestade que se conhece o piloto.
- Quem o alheio veste na praça o despe.
- A boca é o escudo do coração.

SAIBA QUE...

A maçonaria é uma organização secreta que se encontra associada à filantropia e à liberalidade iluminista do século XVIII. Os maçons acreditam na existência de Deus, a quem atribuíram o nome de “Grande Arquitecto do Universo”. Na base da sua instituição encontram-se várias crenças e práticas exercidas por um grupo de organizações nacionais interligadas e acessíveis apenas a homens com idade superior a 21 anos, unidos por um código moral comum e por alguns tradicionais “segredos”. Os maçons têm sido alvo de duras críticas ao seu secretismo, exclusividade masculina, suposta influência interna e entre organizações com o suposto objectivo específico de defender os interesses particulares. Actualmente, esta organização possui cerca de seis milhões de membros.

A Maçonaria descende directamente de uma liga medieval de pedreiros itinerantes que existiu no século XIV e que, por volta do século XVI, começou a admitir indivíduos não ligados ao ofício.

RIR É SAÚDE

O professor:
- Sabe qual foi a causa da derrota dos Celtas?
- Não sei, mas tenho quase a certeza de que foi por culpa do árbitro...

Ele: - A noite passada sonhei que te tinha feito uma declaração. Que significa isto?
Ela: - Significa que tens mais bom senso a dormir do que acordado.

- Amo-te, amo-te!
- Casas comigo?
- Ó filha, não mudes de assunto!

- Vais rezar à igreja?
- Vou.
- Ah!
- Ah o quê?
- Pensei que era só a mim que tu mentias...

Quando fizeram 50 anos de casados, ela pediu ao marido para irem passar a noite do aniversário no mesmo hotel onde haviam passado a noite de núpcias. Ele concordou, e lá foram. Ela quis jantar no quarto, o mesmo da noite de núpcias, e ele acedeu. Ao jantar, ela pôs-se à vontade e, a certa altura, diz ao marido debruçando-se:
- Ai, filho! Sinto um calor no peito, como senti há 50 anos, aqui, neste mesmo sítio.
- Então... vê lá se tiras as mamas de dentro da sopa.

HORÓSCOPO - Previsão de 01.08 a 08.08

carneiro
21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As situações relacionadas com dinheiro requerem uma atenção muito especial. Deverão evitar as despesas desnecessárias e, dentro do possível, criarem um “pé-de-meia”. Próximo ao fim da semana, a situação tenderá a melhorar.

Sentimental: É nesta área que encontrará a paz e o entendimento que tanta falta lhe fazem. Para os nativos deste signo que, tenham uma relação estável, a aproximação será forte. Aqueles que não tiverem par conhecerão, durante esta semana, alguém que poderá revelar-se importante.

leão
22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: A situação financeira será estável. Se estiver, ou entrar em férias, a sua situação financeira permitir-lhe-á passar um período revigorante que lhe fará sentir quão a vida é bela e que vale a pena viver.

Sentimental: Este será um período em que os nativos deste signo se sentirão no “sétimo céu”. A felicidade e a aproximação dos casais serão intensas. Os que não têm compromissos poderão conhecer alguém que lhes abrirá as portas a uma relação.

escorpião
23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Esta não será uma semana muito positiva, na área financeira. Tenha cuidado com os gastos. Próximo ao fim da semana, poderá verificar-se uma pequena e inesperada entrada de dinheiro.

Sentimental: A sua forma exigente de estar na vida poderá, durante esta semana, trazer-lhe dificuldades com o seu par. Seja mais tolerante e menos radical e tudo se tornará mais simples. Este período não favorece as novas relações; assim, aguarde por melhores dias.

capricórnio
22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: As suas finanças encontram estabilidade, durante a semana. Embora se atravesse um período de crise, a mesma não se fará sentir. Este será um bom momento para iniciar pequenos investimentos financeiros.

Sentimental: A sua tendência para exigir mais do seu par, poderá criar grandes dificuldades de relacionamento. Seja carinhoso e dialogante; não mantenha uma atitude de distanciamento e viva a vida com total abertura e compreensão.

gêmeos
21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Embora se atravesse um período de contenção, os nativos dos Gêmeos não serão afetados por este aspecto. Poderá surgir uma oferta que lhe abrirá a possibilidade de ganhos; no entanto, apesar das previsões positivas, não deixe de ser cauteloso, na área financeira.

Sentimental: As relações amorosas, para os nativos deste signo, não poderiam ser mais agradáveis. Conhecerão pessoas do sexo oposto que os farão sonhar acordados; recomenda-se que se controlem, que vivam na real, e não façam sofrer quem está com boas intenções.

virgem
23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Este período não deverá constituir, motivo para grandes preocupações. A estabilidade e a tranquilidade deverão manter-se, durante estes dias. Será aconselhável efetuar algumas economias.

Sentimental: Os nativos femininos, terão uma semana feliz, os masculinos, deverão agir de forma tolerante e aproximarem-se, mais, do seu par. As perspectivas para ambos serão muito agradáveis e poderão conhecer pessoas muito especiais.

balança
23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Alguma dificuldade financeira não será suficiente para alterar a sua boa disposição e a forma de encarar a vida. Seja prudente nos gastos. Para o fim da semana, poderá verificar-se uma entrada de dinheiro.

Sentimental: Esta semana não se encontra muito favorecida, na área sentimental. Faça um esforço de aproximação e diálogo para melhorar a relação do casal. Para os que não têm par, este período não se poderá considerar favorecido.

áquário
21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Suas finanças atravessam um bom momento; saiba tirar partido deste aspeto, moderadamente. Os astros favorecem-nos; a semana não terminará sem, a possibilidade de, uma entrada de dinheiro.

Sentimental: Esta será uma semana muito especial. O seu relacionamento sentimental encontra-se em alta, a aproximação física e espiritual será muito grande. Boas perspectivas para iniciar novos relacionamentos.

peixes
20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: O dinheiro, durante esta semana, não será motivo para grandes preocupações. Poderá, se o entender, iniciar uma pequena economia, tendo em conta que o dia de amanhã poderá não ser tão bom quanto o desejado.

Sentimental: Os nativos dos Peixes encontram-se, durante este período, extremamente carentes; divida com o seu par as suas ansias e motivações. Se não tiver ligação sentimental, este será um bom período para iniciar uma relação nova.

Cartoon

O! O TUCANO ECOLÓGISTA

A ONÇA PARDAS TAMBE'M E' CONHECIDA COMO SUCUARANA

A SUÇUARANA VIVE DO CANADA' A AMÉRICA DO SUL. A ONÇA PINTADA E' MAIS PESADA DO QUE ELA.

A ONÇA PINTADA GANHA?!

WWW.OIARTE.COM

© FERNANDO REBOUCAS

Selo d'@Verdade

O futuro do futebol moçambicano

A vitória natural da selecção nacional por três bolas sem concorrência diante da Namíbia, apesar de ser uma lufada de ar fresco ao martirizado futebol nacional, não deve, de forma alguma, distrair-nos.

O nosso futebol está moribundo, não por falta de "matéria-prima", mas devido à ausência de políticas e estratégias para o seu desenvolvimento. Falta visão e até interesse aos gestores do nosso futebol (desde o nível governamental, passando pela Federação Moçambicana de Futebol e associações provinciais até aos clubes).

Vários analistas desportivos avançam ideias, que nem sequer são inéditas, para resgatar e catapultar o nosso futebol a outros patamares. Para que o nosso futebol evolua e seja competitivo (e quiçá temido a nível continental), eles avançam com as seguintes ideias:

1. Montar um Gabinete Técnico funcional e com orçamento para trabalhar

2. Apostar na formação nos clubes e na selecção, mas antes, são necessárias políticas que induzam a esta formação e isso quem deve desenhar é a FMF, ouvindo os actores desportivos em todo o país. Ainda sobre a formação a proposta é que devia ser obrigatória a movimentação de todos os escalões desde as escolinhas, passando pelos iniciados, juvenis, juniores até seniores por parte dos clubes. Também deveria ser obrigatória uma habilitação mínima para os treinadores dos escalões de formação e para isso os clubes podiam estabelecer parcerias com as faculdades de educação física e desporto. Por outro lado, a FMF e as APF's deviam promover e organizar em todos os escalões competições interprovinciais e/ou até regionais, num trabalho coordenado entre o Gabinete Técnico da FMF e das associações. Aí podia definir-se o modelo de jogo para os Mambas.

3. Para que a formação deixe de ser uma utopia e passe a ser algo efectivo há que obrigar os clubes a fazê-lo. Como? A FMF e a LMF deveriam implementar uma regra que dos 30 inscritos pelo menos 10 tenham que ter feito dois anos de formação no

clube. Isso baixaria o nível do nosso futebol, mas num prazo de 2/3 anos, de uma forma ou doutra, os clubes iriam sentir-se obrigados a começar a investir pelo menos nos juniores e isso faria com que deixassem de aparecer, a maior parte, jogadores, nos seniores, aos 22 anos mas sim aos 18 anos.

4. Para além da formação realizada nos clubes, a prospecção de talentos pode ser feita através de TORNEIOS INFANTO-JUVENIS, nos quais jovens que não conseguem ter acesso a uma escola de formação desportiva têm a chance de exibir o seu talento e podem ser recrutados pelos clubes com vista a participarem de forma mais activa no processo de formação. Isso implica que um investimento seja feito para garantir que as crianças que participam nesses torneios possam competir. Os clubes podem igualmente contribuir para a realização de torneios infanto-juvenis, através da cedência de seus campos e/ou alguns materiais necessários para que a prova decorra. A sugestão é que os clubes possam apadrinhar as crianças de um bairro à sua escolha. NAS ESCOLAS – Promoção de torneios entre turmas e a posteriori entre escolas na famosa Copa Coca-Cola e/ou nos jogos escolares. Para tal um forte trabalho de concertação de acções deve ser levado a cabo pela FMF, Ministério da Educação e Ministério da Juventude e Desportos. Neste particular, seria óptimo que jogadores que actuam nos seniores pudessem visitar regularmente escolas e outros locais onde podem falar com as crianças sobre a importância da prática desportiva, em particular, o futebol.

5. As associações provinciais devem assumir a sua responsabilidade e organizar provas provinciais principalmente nas camadas de formação (neste momento algumas províncias não têm estes campeonatos) e formar selecções provinciais que possam competir com outras províncias. Para tal é necessário que haja muita seriedade (começando pela eliminação dos presidentes vitalícios e da anarquia reinante) pois só com credibilidade e idoneidade das associações provinciais pode-se conseguir financiamentos, sobretudo, do sector privado.

6. Urge a revisão dos estatutos da FMF de modo a ajudar a "democratizar" mais a (própria) FMF e APF's para fazer com que os dirigentes destes organismos sejam pessoas com reconhecido

mérito no dirigismo, com competências e capazes de pensar e executar o "projecto do futebol moçambicano".

7. Um aspecto que é salientado para que esta "revolução" tenha resultados positivos é deixar-se de olhar para os resultados imediatos, ou seja, mudar o actual modelo de jogo do nosso futebol.

8. A imprensa deve começar a cobrir os campeonatos de juniores e juvenis para podermos perceber quem são os talentos que estão a aparecer e não conhecê-los somente depois de chegarem ao Moçambola.

9. A qualidade das infra-estruturas é também fundamental neste processo todo, mas, infelizmente, a FMF e a equipa técnica insistem em jogar no estádio da Machava. Deveria ser proibido jogar em campos como os de Nampula, Tete, Chibuto, Beira, Xinavane, etc., etc., porque nesses campos é impossível jogar futebol e só conta quem tem mais força no meio campo e aquela magia dos avançados em resolver jogos, ou seja, é impossível fazer 5/6 passes consecutivos porque a bola não rola, saltita.

10. Em relação à alta competição, mais precisamente o Moçambola, o actual modelo não serve, pois o mesmo só existe por vontade do Governo por via dos financiamentos das empresas estatais (não se vê uma única grande empresa privada a investir no futebol). Portanto, há que repensar o actual modelo e sugere-se a disputa começando com campeonatos "provinciais", primeiro, seguidos do Moçambola, onde os jogadores estivessem no mínimo 10 meses a competir, pois agora têm somente uns 5/6 meses de competição o resto são férias pagas (e bem pagas).

Todos concordam que para que isto resulte é necessário o envolvimento de todos, entretanto a FMF tem a responsabilidade de arrolar estas questões e discutir com as várias sensibilidades e interessados pelo desporto neste país, elaborar um plano de acção orçamentado e com responsabilização e metas. Depois o Governo e o sector privado, incluindo outros interessados seriam "chamados" a financiar este plano.

Amílcar Sueia

A diferença entre Moçambique e África do Sul...

Enquanto a Polícia Sul-Africana mata mais um jovem moçambicano, de 20 anos de idade, com um tiro nas costas alegadamente por este ter sido surpreendido a consumir bebidas alcoólicas na via pública, o que é crime, nós aqui em Moçambique, vendemos bebidas alcoólicas em tudo o que é sítio: nas barracas em todas as esquinas, em particular as localizadas à volta das escolas, nos postos de abastecimento, e até em bares e discotecas dentro do hospital.

O pior é que ainda oferecemos literalmente a cerveja com a famosa promoção 3/100. É uma festa!!! Por isso dizem que Moçambique é maningue nice. Já tínhamos muitas coisas que combater, por exemplo, a pobreza e o VIH/SIDA, e agora surge mais uma, o alcoolismo.

O preço do pão, dos transportes, dos alimentos sobe, mas o das bebidas e do tabaco tende a baixar. Em Moçambique, para vender álcool e tabaco, que tanto mal causam, não é necessário ter nenhuma licença.

NB: Ao contrário do que aconteceu aquando do assassinato de Mido Macie, que foi filmado e divulgado na Internet, não vi nenhum governante ou canal (radiofónico ou televisivo) a dar destaque à morte deste jovem moçambicano, de apenas 20 anos de idade. Ele foi abatido, e estava de costas..

Zé Bomba

Detractores na crise política moçambicana

Nesta altura de crise política e social instalada no país deve-se considerar grave senão irresponsável que apareçam "políticos-queiros" a meter combustível na fogueira. Refiro-me aos partidos Independente de Moçambique e Trabalhista, que, ao invés de procurarem formas de ganhar o eleitorado para disputar as eleições, fazem pura e simplesmente o que classifico de abuso de confiança para com o eleitorado.

As partes intervenientes no processo de paz já estão avançadas no processo de resolução da crise e aparecem estes líderes destas duas formações políticas a incitarem à guerra com discursos poucos recomendáveis para quem almeja dirigir uma Nação ou fazer-se representar na Assembleia da Republica.

Para simplificar o meu raciocínio, faço uma questão aos dois partidos:

1. Diz-se por aí que tiveram um financiamento de 5 (cinco) mil euros para se des-

locarem os quatro (Ya-qub Sibinde, Miguel Mabote, e mais dois) a Santugira, só que alguém foi rápido em ir buscar a "mola" e escapulir-se. Digam ao Povo Moçambicano quem foi o oportunista!!! Esta agitação, dizem por aí os bula bulas, foi para justificar uma falsa partida para Santugira porque para lá ninguém tentou ir.

2. Já nas primeiras eleições o PT de Miguel Mabote não esteve nas primeiras páginas de uma cena de Faroeste em que foram levantar o dinheiro todo do Trust Fund (que depois da façanha foi conhecido por triste fundo) alegadamente para contá-lo e fazer planos da campanha eleitoral??? Só que estranhamente a tal Sede do PT foi assaltada e a mola sumiu (Meu Deus do Céu!!!).

Então o PT não justificou o triste fundo e o Estado moçambicano não o responsabilizou. O querido Neves Serrano foi mais esperto: submeteu tardiamente o documento que devia validar a candidatura com o número de apoiantes mínimos requeridos.

A candidatura não foi aceite, usou o valor mas foi esperto ainda porque se calou. Se não foi o PT que armou essa façanha perdoem-me pela má memória, mas move-me simplesmente a vontade de separar o trigo do joio.

Não falei muito do Pimo porque o seu líder é claro naquilo que faz: Business Only (apenas negócio). Até aí tudo bem, criou um partido para alargar as influências ou lobbies (cá chamamos de escovismo mas pelo mundo fora são lobbies). Não tirou nada de ninguém!

Deixem o Governo do dia resolver o diferendo com a Renamo e ocupem o lugar da sociedade civil que é contribuir positivamente para a solução do problema. Na política não vejo nada que estejam a fazer.

Também calar não mata ninguém! Mais não disse.

Henriques Simone



 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

26/7 às 6:55 ·

Depoimento de uma sobrevivente, mostrando como a violação sexual é um dos crimes mais horrendos que se podem cometer contra um ser humano:

Vivo em Boane e tenho 46 anos de idade. Fui violada por dois indivíduos estranhos da zona, por volta das 22 horas, quando chegava a casa. Cercaram-me. Eu trazia valores na mão; tirei os valores e entreguei-lhes, pediram-me o telefone celular e eu dei. A princípio dei um que tinha na mão, porque o outro estava na bolsa. Os dois abraçaram-me, pedi socorro, alguns vizinhos ouviram, mas não sei se tiveram medo de sair, não sei. Um vizinho saiu para ver, mas não descobriu quem eu era, porque os dois haviam-me abraçado dos dois lados e rodearam-me de três facas, arrastaram-me e disseram que eu tinha que caminhar com eles como se fôssemos namorados. Disseram que eu tinha que fazer o que eles queriam, porque senão iam-me matar. Um deles perguntava: "Você quer viver ou quer morrer?". Eu dizia: "Quero viver". Chegámos a uma casinha de caniço, onde eles me violaram, não tinha cobertura, tinha um pouco de capim, que cheirava a xixi e cocó e o chão não estava cimentado.

LEIA em <http://www.verdade.co.mz/mulher/38626-fui-violada-exijo-justica>

ESCUTE o depoimento em <http://vimeo.com/jornal-verdade/fui-violada>



Fui Violada vimeo.com Testemunho de uma violação sexual



Ercilio Langa Para onde caminha Moçambique? Os vizinhos não saem, ficam em casa?3 · 26/7 às 6:57



Albino Muchanga choro ao ler isto... a minha mulher é MULHER, a minha filha é MULHER, a minha mãe é MULHER, AS Minhas sobrinhas são MULHERES... e choro ao saber que isto pode acontecer com qualquer uma DELAS!2 · 26/7 às 7:53 · Editado



Ussen Delivane Pompador so esperar k encontres a pazna alma26/7 às 10:00



Tanita Jakov E parabéns pela coragem em denunciar o caso... Não deve te sido fácil...1 · 26/7 às 7:36 através de telemóvel



Samir Amarchande mostro desde ja o meu descontentamento face a situacao e o meu pesar a essa senhora que foi vitima espero do fundo do coracao que ela almeje a tao esperada justica e que esses sei la o que sao pois humanos nao devem ser e nem animais sao pois ate o animal tem uma dignidade e respeito sejam pegos e paguem pelo seu crime quer por via da lei penal quer por justica pelas proprias maos1 · 26/7 às 7:34



Ginho Tembe Muita triste esta situação, estes indevidos so merecem uma a pior Pena. Queimar ao vivo.Domingo às 4:17



Dora Maria Muito triste e sao sequelas que ficam para toda a vida. Domingo às 3:55



Joao Mateus Pobre SENHORA. LAMENTÁVEL.Sábado às 6:32



Vasco Junior Nhamuanzo Triste Sábado às 0:08



Alfredo Luis Luso Me doi mais isso eu como Filosofo rei das causas ultimas! Essa eh uma manifestacao indignada por parte dos que podem aceder a ordem e tranquilidade publica! Eh uma vergonha num centro de Africa que julga se ser um local de iquidade pela patrulhament...Ver mais26/7 às 23:52



Hilario Alberto Macuacua K xato.Ver tradução26/7 às 16:57



Mario S. Paixão Franco é lamentável estarem a acontecer cenas como estas, não vejo ganho nenhum, coragem irmã.26/7 às 12:31



Tamires Santana Em todo o lugar do mundo vemos esta tipo de coisa acontecer. É doloroso saber que histórias como estas se repetem e que muitos não tem a coragem de levantar a voz contra este tipo de absurdo. Sinto a dor deste mulher.26/7 às 11:48



Lucas Macanandza A Tvm reporta k violadores em Boane foram identificados e preso em ocasioes diferentes mas sempre soltos sem fazer chegar os processos a procuradoria.26/7 às 11:12 através de telemóvel



Helder Manuel Bata Hmb Pra esses sô pena de morte. Saudads do papa samora26/7 às 9:16



Ângela Samuel Mondlane Mondlane Oqui aconteceu 26/7 às 8:54



Msaide Saide Saide deus pai...26/7 às 8:49 através de telemóvel



Raquel Senos Machado Meu Deus....que a senhora encontre, pelo menos, paz interior...26/7 às 8:47



Salomao Jorge Chirindza Coisa d pessoas sem coração d gente... 26/7 às 8:46



Filipe Saticola Isto è a realidade d um pais d pandza. Ate kuando nha gente? 26/7 às 8:43



Azarias Lumbela estamos de acordo isto é triste etc.. agora accao pessoal, quantos estão disposto ajudar esta senhora?!26/7 às 8:31



Adelino Matias Sitole A um elemento que nao soa bem(estranhos da zona) si sabe que sao da zona nao sao estranhos(si abracaram como tinham tres facas)26/7 às 8:26



Mercedes Sayagues Ela queria dizer que sao vizinhos novos do bairro, chegados de outra provincia ou outro bairro, e nao os vizinhos velhos que ela conhece ha 20 anos. Digo isto porque conheco o caso.26/7 às 11:16



Mery Jose Madisse k história tristeSábado às 4:24



Joao Baptista Benjamim Que barbaridade, meu Deus! Força ai, minha senhora.26/7 às 8:14



Fátima Ribeiro Barbaridade!!!! Que tristeza de mundo! Onde está a justiça?26/7 às 8:10



Sandra Siteo E de arrepiar e muito triste mesmo... 26/7 às 8:02



Edey Rubens isso e muito triste,pra onde vamos meu Deus,k a justiça seja feita.26/7 às 7:55



Mikel Butas E nesses momentos que eu invejo a LEI "pena" dos países do MÉDIO ORIENTE... Onde estam as autoridades nestes momentos..? 26/7 às 7:42 através de telemóvel



AX Mimbire o pior de tudo e que os 2(dois) bandidos tinham 3(tres) facas 26/7 às 7:41



Ussene Paulo UP Pressinto k um desses violadores tenha sido um policia...eh mesmo! 26/7 às 7:36



Manhepa Chitembo Simao Man triste ixo! Exa gente merece pena d morte 26/7 às 7:36



Michael Daude estou horrorizado e sem palavras e com pena desta senhora, e mais horrorizado ainda q tenham solto o monstro que cometeu o crime26/7 às 7:34



Huwana Rubi Esse testemunho eh muito importante ela esta de parabens sao poucas mulheres que tiveram a coragem que ela teve, preferiu viver e ser violada que morrer, 2 compartilha a sua amarga experiencia, esse crime acontece em todo mundo infelizmente nao eh apenas Mocambique mas devem ser tomadas medidas e nos a sociedade estamos chamados na luta.(Pois hoje eh uma desconhecida e amanha pode seh um filho ou filha ou mesmo nos mesmos nos). 26/7 às 7:30



Fernando Anibal Chichango Eh dolorosoVer tradução26/7 às 7:30



Nhato Magaia lamentavel 26/7 às 7:17



Dercio Mateus Muito triste.... 26/7 às 7:15



Simao Zacarias Nossa sociedade está ficando cada vez mais ruim... Sinto muito Mãe...26/7 às 7:14



Mudeiwane Maxa Justiça pelas próprias mãos ou seja o Pneu tem que voltar... 26/7 às 7:11



Ana Brigith Nhangala Meu Deus que horror, esses merecem pena de morte. 26/7 às 7:07



Beth Cavaji crime horrendo mesmo, não percebo porque as penas são leves. 26/7 às 7:04



Felisberto Jequete Verdade26/7 às 7:02



Vera Machava eiiiiixxxxxx... horrivel,triste,mas e falta de papo p konkistar namorada?ou e gostar de sabotar...fakas p esses todos...26/7 às 7:02 através de telemóvel



Carlos Alberto santo Deus cuid do seu povo 26/7 às 7:10



Lyllah Machaieie Infelizmente, mesmo quando encontrados, saem sembores impunes, sob caucão ou porque não ha provas. Ainda sonho com o dia em que o nosso sistema de justice ira funcionar, com todos os servicos de apoio necessaries (medicina legal, por exemplo).26/7 às 8:09



Beto Mabuza Betox Em que mundo estamos?! Cadê esses insignificantes, xpero q a senhora nao tenha contraído o virus d HIV. Q Deus ns acuda26/7 às 7:24



VERDADE

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

 SMS: 90440

 WhatsApp: 84 399 8634



@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.